

O REVISIONISMO EM LÍNGUA PORTUGUÊS

3

Inverno 2006

GUERRA = MENTIRA
TRIMESTRAL DE CRÍTICA HISTÓRICA

Não acredite. Pense !

<reviluso -at - yahoo.com.br>

<http://aaargh.com.mx/port/port.html>

<http://geocities.com/ilrestodelsiclo>

—oooOOO\$\$\$OOOooo—

Faik Baqr, director de la morgue central de Bagdad, declaró que el número de muertes sospechosas bajo Saddam eran de 200 a 250 por mes. Bajo la ocupación estadounidense, esa cifra oscila entre las 700 y 800 mensuales. Se ve que ahora hay democracia en Irak.

SUMÁRIO

Mahmoud Ahmadinejad: Holocausto NUNCA existiu

Hitler persa ou Amã redivivo, **Paulo Verlaine**

Israel devia ser "riscado do mapa"

Presidente iraniano compara sionismo com nazismo

Irã acusa Europa de recriar Holocausto

Eles inventaram o mito do Holocausto, Zainal Abd Halim

As Nações Unidas decidem pelo banimento universal do revisionismo, Robert Faurisson

Holocausto: 27 de Janeiro é dia de homenagem às vítimas

Irã convoca conferência sobre o holocausto judeu

«Israel usou bombas de fósforo em treinos», revela jornal

A Heróica Resistência Iraquiana, Livro de José Gil de Almeida

Gerhard Rudolf Deportado. Prisão o espera na Alemanha, Michael A. Hoffman II

Engenheiro Fröhlich Preso Em Viena, Robert Faurisson

A Alvorada De Uma Nova Era, Gerhard Rudolf

Historiador preso porque negava Holocausto passa a admitir que ele existiu

Sionismo e nazismo, **António Louçã**

Fatos que os Negros [e Brancos também] Deveriam Saber Sobre Israel...

¿Cómo es la historia? Por Juan Gelman

Black Panthers Aderem à Batalha de Nova Orleães

Por teses negacionistas ó Abbé Pierre pede perdão

O Racismo Entre Alguns Intelectuais Judeus, Sam Hamod

Grosseira tentativa de equiparar o anti-sionismo ao anti-semitismo, Por **Jean Shaoul**

Depoimento do Professor Israel Shahak sobre o rancor judaico à Cristandade

A verdade sobre a "retratação" de Ford

O Controlo dos "Media", Por Amílcar Correia

Liberdade De Expressão, Descansa Em Paz, Judy Andreas

Achado interessante...

Ernst Zündel Prisioneiro de Guerra, Horst Mahler

Ernst Zündel - O Homem, A Obra e Os Escritos, Robert Faurisson

Relato 001 Sobre o Caso Ernst Zündel, Horst Mahler

Pequeno Comentário Sobre o Caso Ernst Zündel, David Irving

O Grande Mufti de Jerusalém, Um Herói da Causa Árabe, Fernando Marques

Elie Wiesel Prémio Nobel da Paz,

Mentiroso Serial ou Repetidor de Mentiras?

Entrevista telefônica com Norman Finkelstein

Indústria Sionista da Indemnização, João Bercellos

Quanto Custa Israel? Richard Curtiss

Panorama Do Sionismo e Do Holocausto, Haim Bresheet

Os Judeus Não São Uma Raça! Alfred Lilienthal

Espanhol Mentiu 30 Anos Como Vítima Do Nazismo

Jornal Russo Publica Investigações Demolidoras Sobre As Bases Talmúdicas Do Genocídio

Israelita, Michael A. Hoffman II

No discurso de aceitação do Nobel, Harold Pinter pede que Blair vá ao tribunal por crimes de guerra

Líder da oposição egípcia diz que holocausto é uma lenda

Liberdade para a história — Europeus confrontados com passado totalitário — Simone de Mello

A BOMBA IRANIANA

Mahmoud Ahmadinejad: Holocausto NUNCA existiu

O presidente do Irã tomou coragem e disse "o holocausto não aconteceu da forma que nos é relatado..."

E ainda sugere que os países europeus deem uma parte de suas terras para que Israel ali permaneça...

Reações: Oh, mais isso é terrível. Viu só, o Irã de novo... terroristas... querem construir a bomba... eixo do mal... têm petróleo (mas ele é nosso)...

<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/12/340570.shtml>

A NEGAÇÃO DO HOLOCAUSTO NÃO É COISA NOVA

Hitler persa ou Amã redivivo

Paulo Verlaine

[A declaração do presidente iraniano Mahmud Ahmedinejad (a terceira em menos de dois meses) de ataque a Israel e de negação ao Holocausto (extermínio de seis milhões de judeus pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial) eleva a tensão no Oriente Médio. Os desdobramentos de tais diatribes são imprevisíveis tendo em vista que o Irã ainda não desistiu do seu programa nuclear. Ahmadinejad, um radical e produto da chamada "Revolução dos Turbantes" de 1979 (ele é acusado de ser um dos jovens que invadiram a embaixada americana naquele ano), já havia dito que Israel deveria ser "varrido do mapa" ou instalado em partes da Alemanha ou Áustria e até mesmo no Alasca. Em todas as suas arengas, o presidente iraniano insiste na negação do Holocausto, um dos maiores genocídios da história da humanidade. O dirigente iraniano, com suas posições extremadas, pode acelerar o isolamento do seu país da comunidade internacional. Ahmedinejad, ao que tudo indica, parece querer incorporar o espírito de Adolf Hitler no Golfo Pérsico. Um Hitler de língua farsi (persa), idioma iraniano. Ou, para ficar na própria Pérsia, deseja ser um Amã redivivo, o cruel ministro do rei Assuero (ou Xerxes I), que desejava exterminar o povo judeu ali exilado, salvo por intervenção da rainha Ester (uma judia), conforme narra a Bíblia (Livro de Ester). A negação do Holocausto não é coisa nova. Vez por outra aparece alguém apresentando essa versão criminosa. No Brasil, o alemão Siegfried Ellwanger (com o pseudônimo **E.S. Castan**) é adepto do chamado "revisão histórico" sobre os crimes nazistas. Ellwanger foi condenado pela Justiça brasileira por difundir livros anti-semitas. Tais insanidades não devem ficar impunes.

O Povo, Fortaleza, 15 Dezembro 2005.

<http://www.noolhar.com/opovo/internacional/546740.html>

GAFFE ESCANDALOSA

Israel devia ser "riscado do mapa"

O Ministério alemão dos Negócios Estrangeiros chamou o embaixador do Irão, devido às afirmações anti-israelitas do Presidente iraniano e a sugestão de cedência de território alemão aos judeus.

Recorde-se que Presidente iraniano, que há dois meses afirmou que Israel devia ser "riscado do mapa", disse quinta-feira que a Alemanha e a Áustria deviam ceder parte dos seus territórios para aí instalar o Estado de Israel, em vez de obrigarem os palestinianos a pagarem o preço da "alegada opressão" dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial.

O chefe de Estado iraniano, um representante da linha dura conservadora eleito em Junho passado, referiu-se ainda ao revisionismo sobre o Holocausto, afirmando que "qualquer historiador, comentador ou cientista que negue isto [o genocídio dos judeus] é preso e condenado".

Qualificando o Estado de Israel de "tumor", Ahmadinejad reiterou a posição iraniana de que devia fazer-se um referendo "junto das populações naturais daquele território" - excluindo, portanto, a população judia que para ali foi após a Segunda Guerra Mundial - "para que sejam elas a decidir sobre o seu regime".

As declarações do Presidente iraniano suscitaram reacções de indignação desde logo de Israel, mas também da Alemanha, da Áustria, dos Estados Unidos, da União Europeia e do Secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, entre outros.

"Escandalosas e racistas" foram as primeiras palavras de Israel sobre as declarações de Ahmadinejad, ditas por um alto responsável do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Mark Regev, que se referiu nomeadamente à recente resolução da Assembleia Geral da ONU "condenando qualquer

negação da Shoah [o genocídio nazi]".

Angela Merkel, a Chanceler alemã, considerou tratar-se de declarações "completamente inaceitáveis" e, em nome da Alemanha, disse estar "determinada a fazer tudo o que for preciso para que não haja nenhuma ameaça ao direito de existência de Israel".

"Uma «gaffe» escandalosa", disse o Chanceler austríaco, Wolfgang Schuessel, "que deve ser condenada da maneira mais forte possível" e que, na Áustria, seria "judicialmente processável".

A Casa Branca manifestou igualmente a sua indignação e considerou que as palavras de Ahmadinejad "mostram até que ponto é importante que o regime [iraniano] seja impedido de desenvolver uma arma nuclear".

Na Europa, a primeira reacção partiu de Jack Straw, ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, que condenou "sem reservas" e em nome da UE as "declarações inaceitáveis" do Presidente iraniano.

Renascença 9 de Janeiro 2006.

<http://www.rr.pt/noticia.asp?idnoticia=152029>

ASSESTAR BATERIAS

Presidente iraniano compara sionismo com nazismo

O presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, voltou hoje a «assestar baterias» contra os judeus, comparando os «crimes sionistas contra os palestinianos» com os assassínios cometidos pelos nazis durante a Segunda Guerra Mundial.

«Uma questão tem que ser esclarecida pelo Ocidente e é: ´que crimes cometeram então, durante a Segunda Guerra Mundial, que agora os sionistas não estejam a cometer?», disse Ahmadinejad, segundo os meios iranianos, citados hoje pelo diário israelita Haaretz.

«O sionismo é neofascismo de facto», declarou.

As declarações publicadas na imprensa iraniana são uma continuação da retórica anti-israelita usada por Ahmadinejad nas últimas semanas. O presidente iraniano já classificou de «mito» o Holocausto e instou ao «apagar do mapa» Israel.

Por outro lado, Ahmadinejad acusou a Europa de anti-semitismo, afirmando que após a Segunda Guerra Mundial a Europa transferiu os judeus criando um novo Estado fora das fronteiras europeias. Este acto foi – considerou - «uma continuação da posição anti-judaica de Europa».

«A melhor opção foi a eliminação dos judeus da Europa, e por isso deitaram-nos fora, o que em si foi uma espécie de limpeza de carácter religioso e étnico», acrescentou.

Ahmadinejad sublinhou que há que distinguir o sionismo do judaísmo e afirmou que judeus residentes nos países islâmicos como o Irão sempre viveram com uma liberdade religiosa e assim continuará a ser.

«O sionismo, no entanto, é uma ideologia do Ocidente e uma ideia imperialista criada pelos britânicos, que actualmente se apoia em métodos fascistas e está a matar cidadãos muçulmanos com a ajuda directa dos Estados Unidos e outros países europeus», disse.

Diário digital - Sapo.pt

http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?section_id=10&id_news=208371

MITO

Irã acusa Europa de recriar Holocausto

O presidente ultraconservador do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, que recentemente qualificou o Holocausto como um "mito", voltou à carga contra a Europa e Israel neste domingo (01). Dessa vez ele acusa os europeus de tentarem concluir o genocídio ao estabelecer Israel, um país de maioria judaica, no meio de diversas nações islâmicas. "Vocês não acham que a continuidade do genocídio com a expulsão dos judeus da Europa e a criação de um regime de ocupantes em Jerusalém era a intenção" dos europeus?, questionou o presidente. A informação foi divulgada pela agência de notícias da República Islâmica, conhecida pelas iniciais Irna. Na opinião de Ahmadinejad, os europeus decidiram criar um "campo judaico" por considerar que esta seria a melhor forma de "livrar o continente dos judeus" e agora Israel, com apoio dos Estados Unidos e da Europa, promove o massacre de

muçulmanos. As declarações de Ahmadinejad, eleito presidente iraniano no ano passado, têm sido alvo de duras críticas. Em outubro, ele defendeu que Israel fosse "riscado do mapa". No mês passado, o chefe de governo do Irã qualificou o Holocausto como "mito". Em meio às críticas, ele sugeriu que os europeus cedessem um território no continente para a criação de um Estado judeu. De acordo com Ahmadinejad, o anti-semitismo é um sentimento "antigo e tradicional" entre os europeus enquanto que judeus e muçulmanos conviveram pacificamente ao longo de muitos séculos.

A Tarde (Salvador) 5 de janeiro 2006

http://www.atarde.com.br/plantao/index.php?id_plantao=190001&url=/internacional/index.php&dt_exibicao=2006/01/01

CONFRONTAÇÃO

Eles inventaram o mito do Holocausto

Zainal Abd Halim/Reuters

O presidente do Irã mantém uma postura provocatória em relação a Israel. Num manifesto desafio a comunidade internacional, o presidente do Irã retomou a retórica do desafio em relação a Israel ao afirmar, durante um comício no Sul do país, que o Holocausto "é um mito". Mahmud Ahmadinejad adotou uma posição de confrontação desde que assumiu o poder, em Junho, chegando mesmo a afirmar que Israel deveria ser eliminado do mapa. A reação não tardou.

Raanan Gissin, porta-voz do primeiro-ministro israelita, advertiu: "Dispomos de meios para fazer fracassar o regime extremista do Irã."

"Eles inventaram um mito a que chamam o massacre de judeus. Se alguém negasse a existência de Deus, dos profetas ou da religião, ninguém se incomodaria em responder. Mas se alguém negar o mito do massacre dos judeus, todos os porta-vozes sionistas e todos os governos subservientes aos sionistas levantam a voz contra a pessoa que o disse", declarou perante a multidão na cidade de Zahedan.

Não é a primeira vez que Ahmadinejad nega o Holocausto e até já desafiou a Europa e os EUA a cederem terra aos israelitas. As suas provocações começaram em Outubro, quando considerou que Israel devia ser erradicado do mapa.

Israel alertou a comunidade internacional para o perigo do regime iraniano e assegurou que tem meios para se defender. De todo o mundo fez-se ouvir uma vaga de protestos contra Teerão.

CITAÇÕES POLÉMICAS DE AHMADINEJAD

"Alguns países europeus insistem em afirmar que Hitler matou milhões de judeus inocentes nos fornos".

"Eles [o Ocidente] estão a tentar impedir os outros países de adquirir tecnologia para produzir energia nuclear pacífica".

"Não fizemos uma revolução para ter uma democracia. Retomar valores revolucionários não é só usar um lenço".

Correio Da Manhã, 15 de Dezembro de 2005

SEM VOTAÇÃO

As Nações Unidas decidem pelo banimento universal do revisionismo

Robert Faurisson

Em 1º de novembro os representantes de 191 nações, por unanimidade e sem votação, aprovaram que as Nações Unidas adotem uma resolução proposta por Israel que declara o dia 27 de

Janeiro como "Dia Internacional de Comemorações pela Memória das Vítimas do Holocausto". Além disso, a resolução "Rejeita qualquer negação do Holocausto como um acontecimento histórico, tanto na sua totalidade como em parte". A existência do Revisionismo Histórico tem dessa maneira, a sua existência reconhecida a nível mundial, a prova de que existe, porém, ao mesmo tempo, essa decisão faz com que os revisionistas se sintam molestados com a reprovação de todas as nações do mundo.

Mesmo o "Estado" do Vaticano, que não tem assento na ONU, já tinha declarado em 1992, que "Não existe revisionismo histórico que possa colocar em questão o abismo desumano do Holocausto" («Non c'è revisionismo storico che possa rimettere in discussione l'abisso disumano dell'Olocausto») (*L'Osservatore Romano*, 7 November 1992).

A história das sociedades humanas e religiões é rica em proibições, banimentos, excomunhões, porém, até um passado recente, a vítima poderia, ao menos em tese, ter a esperança de achar um refúgio fora de seu país ou grupo de origem. Porém, a partir de agora e, pela primeira vez na história, a condenação é de caráter universal. Fica assim confirmado que o Revisionismo Histórico é um fenômeno de uma natureza excepcional e que também os judeus, mais uma vez, como sempre, são os que obtêm privilégios exorbitantes.

O Golpe de Mestre dos Judeus

Foi através de um autêntico golpe de mestre que a delegação israelense obteve sucesso em aprovar a sua resolução. Usaram os mesmos artifícios de certa Associação, na França, que sob a alegação de uma campanha contra a pedofilia, conseguiu uma lei proibindo, na internet, toda a comunicação envolvendo a pedofilia... e o Revisionismo!

Para começar, perguntaram: "Não é a pedofilia um horror em si mesmo?" E a resposta foi "Sim". A segunda etapa consistiu em acrescentar: "Não deveria a pedofilia ser banida da Internet por uma lei específica?" A resposta, mais uma vez foi "Sim". E como terceira etapa a referida Associação concluiu: "Vamos lutar, conjuntamente, para obter uma lei contra pedofilia... e o Revisionismo (que eles chamam 'negacionismo')". Da parte da ONU, o Presidente da Assembléia Geral, o sueco Jan Eliasson, em 1º de novembro, teve a habilidade de inquirir oralmente se alguém se opunha à resolução para a comemoração do "Holocausto". Nenhuma mão se levantou e ele, sem qualquer tentativa de levar o tema à discussão, declarou aprovado o texto que continha, incluído, a condenação a qualquer tipo de revisionismo do "Holocausto".

O plano foi aprovado pelos Estados Unidos com total desrespeito pelas garantias de liberdade de opinião expressas na Primeira Emenda de sua Constituição. E, mais extraordinário, este texto israelense foi aceito pelos países árabes e muçulmanos, incluindo o Irã. Todos os presentes aprovaram, ou deixaram passar com leves restrições verbais, uma resolução originada dos judeus e que vai ao ponto de proibir o direito da liberdade de pesquisa em assuntos históricos.

Este ato da ONU assume unicamente um caráter político e não jurídico. Assim, como o Secretário Geral deverá encaminhar o cumprimento das medidas decididas por esta resolução, os revisionistas terão razão em temer medidas de natureza judicial e administrativa, como fiscalização e polícia de fronteiras, autorizações para entrar e permanecer em determinados países ou a emissão de vistos. A resolução tem o objetivo de justificar moralmente e facilitar medidas de extradição tomadas contra revisionistas.

Precedentes não faltam:

- 1) a autorização européia de detenção;
- 2) o acerto da entrega do revisionista René-Louis Berclaz pela Sérvia para a Suíça;
- 3) a entrega do revisionista Ernst Zündel pelos Estados Unidos ao Canadá e então do Canadá para a Alemanha;
- 4) a entrega do revisionista belga Siegfried Verbeke pela Holanda para a Alemanha;
- 5) a entrega do revisionista Germar Rudolf à Alemanha, pelos Estados Unidos; 6) e na Áustria, em 11 de novembro, o semi-revisionista David Irving, cidadão britânico, foi preso pela polícia de trânsito, encontrando-se preso em Viena.

Para qualquer revisionista ficou realmente perigoso sair dos limites de seu país. Ele poderá se expor ao risco de ser detido, em qualquer país em trânsito, e encaminhado para extradição a pedido de Israel ou Alemanha. Existe um projeto em andamento no parlamento israelense (Knesset) que deverá autorizar Israel a pedir a prisão de qualquer revisionista, com o objetivo de trazê-lo perante uma corte em Jerusalém e aplicar-lhe as penalidades da lei anti-revisionista judaica de 1986.

A Ofensiva do Estado Judaico

Há duas semanas o correspondente do *Le Monde* junto a ONU, Phillipe Boloignon, escreveu um artigo particularmente esclarecedor a respeito das vitórias do Estado judeu junto a ONU desde junho

de 2004 ("L'offensive de charme d'Israël à l'ONU rencontre un certain succès", Le Monde, 4 November 2005, p. 3).

Ele lista seis recentes êxitos daquele Estado:

- 1) em junho de 2004 Kofi Annan declara que "os registros sobre anti-semitismo da ONU ainda estão longe dos nossos ideais";
- 2) em outubro do mesmo ano uma resolução condenando o anti-semitismo foi aprovada;
- 3) em janeiro de 2005 uma sessão especial da Assembléia Geral marcou o 60º aniversário da "libertação dos campos da morte";
- 4) em junho, um embaixador israelense é eleito vice-presidente da Assembléia Geral, o primeiro israelense em 53 anos;
- 5) em setembro, durante um encontro dos chefes de Estado, Ariel Sharon apertou a mão do presidente paquistanês Pervez Musharraf, enquanto a delegação israelense fazia numerosos novos contatos;
- 6) e em outubro o Conselho de Segurança imediatamente condenou o chamamento iraniano, que não tinha nada de novo, para que Israel fosse varrido do mapa.

A Incomparável Petulância do Estado Judeu

Estas vitórias são mais incríveis quando se leva em consideração que nenhum outro Estado nacional ridicularizou tanto a ONU quanto "Israel", um estado que, apesar disso tudo, deve sua criação... à ONU. O Estado Judeu com uma petulância incomparável (no linguajar judaico: chutzpah), jogou um número recorde de "resoluções" das Nações Unidas diretamente no lixo.

Em violação à Lei Internacional, este Estado, fundado sob a colossal mentira do "Holocausto", pratica o colonialismo, racismo, apartheid, ocupação militar e tortura. Deve-se acrescentar que possui um arsenal de armas atômicas e foi, nos últimos quatro anos, suprido pela Alemanha, livre de qualquer pagamento em nome do tal "Holocausto", com três ultramodernos submarinos prontos para usar armamento nuclear.

O acordo secreto entre os dois países e suas forças armadas é tal que os correios alemães lançaram um selo onde à esquerda aparece a bandeira israelense e à direita a alemã e, por fim, ligando as duas, uma cerca de arame farpado, símbolo do perpétuo "Holocausto". A Alemanha se transformou no "Guantânamo" do Estado judeu.

Em 5 de outubro de 2005 o embaixador israelense na ONU, Dan Gillerman, advertiu os membros do Conselho de Segurança, avisando que o Deus dos judeus estava "de olho" neles e, em julho de 2004, irritado pelas posições de alguns Estados árabes, vociferou contra seus colegas de Assembléia Geral afirmando que as coisas "atingiram tal ponto que os internos estavam tentando dirigir o hospício".

Por outro lado, em 31 de outubro deste ano, declarou se sentir "tocado" quando apresentou o texto do "Dia do Holocausto". Ele declarou: "Sinto-me emocionado e privilegiado ao apresentar esta resolução histórica no dia de hoje, como israelense, um judeu, um ser humano, e o filho de uma família de vítimas do Holocausto". Isso é compreensível. No outro dia, a "adoção" da sua resolução marcou o triunfo da farsa do "Holocausto". Pode-se afirmar que muito mais do que petulância, procedimento desonesto, espírito de domínio e intolerância, o Estado judeu derrotou a si próprio. Esta extraordinária resolução da ONU constitui a prova de que o Revisionismo Histórico é uma realidade que não pode mais ser ignorada, negada ou menosprezada. A sua notoriedade tornou-se global. Mesmo assim devemos ter o cuidado de reconhecer que os pesquisadores históricos que permanecem na ativa não passam de alguns poucos e, a cada ano que passa, seu futuro fica mais sombrio.

17 Novembro 2005.

Holocausto: 27 de Janeiro é dia de homenagem às vítimas

Delegações de países árabes e muçulmanos, embora não se opondo à resolução, exprimiram reservas sobre esta decisão sem precedente da ONU

A Assembleia-Geral das Nações Unidas aprovou hoje uma resolução que proclama dia mundial de evocação das vítimas do Holocausto nazi 27 de Janeiro, data da libertação do campo de extermínio de Auschwitz, em 1945.

A Assembleia-Geral "decide que as Nações Unidas proclamarão o dia 27 de Janeiro Dia Internacional de Comemoração em memória das vítimas do Holocausto", refere a resolução aprovada por consenso.

Delegações de países árabes e muçulmanos, embora não se opondo à resolução, exprimiram reservas sobre esta decisão sem precedente, lamentando que o texto não evoque igualmente outras grandes tragédias humanas da História.

Apresentada por Israel e co-apadrinhada por mais de 89 países, a resolução "pede aos Estados membros que elaborem programas de educação que gravem na mente das futuras gerações os ensinamentos tirados do Holocausto, para ajudar a impedir actos de genocídio".

Rejeita-se no texto "qualquer negação (da existência) do Holocausto enquanto acontecimento histórico, quer (a negação) seja total ou parcial".

O documento "condena sem reservas todas as manifestações de intolerância religiosa, de incitação ao ódio, de perseguição ou violência contra pessoas ou comunidades baseadas na etnia ou na crença religiosa, onde quer que ocorram".

A resolução pede o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, que instaure um "programa de comunicação intitulado +O Holocausto e as Nações Unidas+", e medidas que "incitem a sociedade civil a mobilizar-se para manter viva a memória do Holocausto e a transmitir" às futuras gerações.

A aprovação da resolução ocorre dias depois de o presidente iraniano, Mahmud Ahmadinejad, ter afirmado que Israel deve "ser riscado do mapa".

http://www.portugaldiario.iol.pt/noticia.php?id=604430&div_id=

COM HISTORIADORES REVISIONISTAS

Irã convoca conferência sobre o holocausto judeu

Teerã - O Irã convocou uma conferência internacional a realizar-se em Teerã, com a presença de historiadores "revisonistas" do Ocidente, para debater o Holocausto judeu, qualificado como uma "lenda" pelo presidente Mahmud Ahmadinejad.

A proposta foi feita pela Associação de Jornalistas Muçulmanos do Irã e conta com o apoio de setores políticos.

Os convidados, cujos nomes foram publicados hoje pela agência iraniana Irna, enviaram mensagens de solidariedade e admiração ao presidente, segundo um comunicado oficial.

De acordo com a nota, dentre os convidados que apoiam Ahmadinejad estão o francês **Robert Faurisson**, ex-docente da Universidade de Lyon; o norte-americano **Arthur Butz**, autor do livro "A fraude do século XX", em uma clara alusão ao "holocausto"; o britânico **David Irving** e o canadense **Arnst Zendel**, que estão presos, à espera de seus julgamentos, respectivamente na Áustria e na Alemanha, por terem negado o extermínio dos judeus pelos nazistas.

Além disso, "um importante intelectual e jornalista russo-israelense", **Israel Shamir**, também faz parte desse grupo. A agência Irna lembra que o intelectual foi demitido pelo jornal israelense Haaretz e que, elogiando dirigentes iranianos, definiu os governantes de Israel como "assassinos sedentos de sangue".

Jornal da mídia (Bahia) Quarta-feira, 04/01/2006

http://www.jornaldamidia.com.br/noticias/2006/01/04/Mundo/Ira_convoca_conferencia_sobre_o_h.shtml

PRÁTICA PROIBIDA

«Israel usou bombas de fósforo em treinos», revela jornal

Exército israelita fez uso de uma prática proibida em zonas habitadas, segundo a legislação internacional, nos seus exercícios de treino

O Exército israelita usou bombas de fósforo em exercícios de treino, uma prática proibida em zonas habitadas segundo a legislação internacional, noticia hoje o jornal *Haaretz*.

O jornal refere que em Agosto último quatro pastores beduínos, irmãos, ficaram gravemente feridos pela detonação de uma mina de fósforo e um deles sucumbiu posteriormente aos ferimentos sofridos.

Desde os 17 anos de idade, o autor deste livro participava de manifestações pró-Palestina em Maringá, e jamais mudou seu posicionamento. Ele viajou à Líbia 14 vezes, e em uma dessas viagens, 1986, sobreviveu ao ataque norte-americano, quando estava em Trípoli. Visitou outros países árabes, escreveu artigos e livros em defesa da Causa Árabe. Portanto, este livro não é novidade: ele segue a linha política de um revolucionário que, como ensinou Che Guevara, abraça as causas dos injustiçados em todas as partes do mundo.

Este livro é único. Nenhum outro livro publicado no Brasil traz as informações que "A heróica Resistência iraquiana" traz. O autor recebe diariamente notícias da Resistência iraquiana. Como ele faz isso? Não sei! Como ele foi um dos únicos brasileiros a trocar e-mails com o filho de Sadam Hussein, Uday, meses antes de ser morto em confronto com soldados norte-americanos no Iraque? Não sei! Por quê José Gil foi condecorado na Líbia? Com certeza, foi justamente por suas posições políticas, sua solidariedade internacional, e seu trabalho permanente na construção de um mundo melhor e mais justo para todos.

Em 2002, quando o povo saiu às ruas para derrubar presidentes na Argentina, José Gil participou das manifestações em Buenos Aires e publicou o livro "Argentina conflagrada". Quando o presidente Hugo Chávez assinou a Lei da Terra na Venezuela, José Gil estava em Caracas e publicou o livro "Venezuela: imprensa mercenária, golpe fracassado". Quando o general paraguaio Lino Oviedo esteve preso em Brasília, em um quartel da Polícia Militar, José Gil o visitava todos os meses e publicou os livros "A verdade sobre o general Lino Oviedo" e "A Justiça da injustiça".

A chamada grande imprensa não publica os fatos e as verdades relatadas neste livro. Como escreveu um sábio árabe, a verdade censurada é como uma rachadura em uma represa: lentamente, de forma pequena - como este livro - ela aparece, e cresce, até se tornar insuportável e derrubar tudo - toda a mentira - que encontra pela frente. Nos próximos anos, denunciar os crimes sionistas e imperialistas no Iraque, na Palestina, no Afeganistão, não será novidade, e até mesmo grandes e famosos jornalistas farão isso, mas hoje, isso é um tabu, é um risco de vida, como o autor sabe muito bem.

Os primeiros leitores deste livro foram membros da Resistência iraquiana, que receberam os originais - traduzidos para inglês - e publicaram no site da Resistência www.albasrah.net

Mas o trabalho aqui está. A verdade está aqui. É simples como a vida. Uma maravilhosa simplicidade capaz de tocar os corações mais duros e as pessoas menos informadas.

Mouthi Ibrahim

Presidente da Sociedade Árabe Brasileira do Estado do Paraná

Não foi fácil escrever este livro

A idéia de escrever um livro como este acaba sendo um mau negócio, e não tem nada a ver com ganhar experiência. Como dizia o amigo Otávio de Maringá, de nordestina inteligência: "experiência é como lavar um burro com sabão: perde-se o sabão e o burro fica revoltado!"

Mau negócio pelos seguintes motivos:

1 - Prejuízo financeiro. A venda dos livros de edição própria não cobre custos. A venda para outros estados e países raramente cobre despesas de correio;

2 - Prejuízo político. Ao tratar de temas como este, que desafiam a "verdade estabelecida" pela grande imprensa prostituta, acaba-se fazendo novos inimigos. Para agradar a todos o diabo se fez de surdo e mudo. Aquele que trouxe a verdade e a salvação, foi crucificado. Esse costume universal de crucificar quem diz a verdade é a resposta da mediocridade dominante em todos os tempos da nossa história.

Então... para quê escrever e publicar um livro como este? Pelo prazer de contestar, de desafiar os canalhas de plantão - de direita e de esquerda - que silenciam sobre temas candentes para agradar as elites dominantes - de esquerda e de direita.

Por falar em esquerda, os maiores corruptos que conheci foram egressos do Partidão, o antigo Partido Comunista, cujos seguidores se locupletam hoje em partidos mercenários e reacionários.

O único norte-americano herói, na minha opinião, chama-se Johnny Walker - e não é o wisqui - é o jovem que se alistou como voluntário no exército Talibã e foi preso em combate, faminto e sedento, sem munição para atirar na própria cabeça.

Escrever a verdade é um dilema para qualquer comunicador. Os mais céticos dizem que não existe verdade. É fácil dizer isso quando se participa do banquete das elites.

Escrever a verdade é fazer pontaria certa contra as "verdades estabelecidas", a mentira diária da mídia brasileira que copia a censurada imprensa norte-americana.

Não acredito que seja possível escrever a verdade sem defender a causa palestina, afegã, iraquiana. Impossível escrever a verdade sem citar os prisioneiros de Guantânamo, torturados todos

os dias por soldados norte-americanos. Impossível não falar das crianças iraquianas abusadas sexualmente por soldados norte-americanos e ingleses em prisões e centro de detenção no Iraque ocupado.

Como escrever sobre o futuro da humanidade sem citar as centenas de crianças líbias contaminadas com vírus HIV em hospital público, em mais uma ação terrorista do Mossad, serviço secreto israelense? Como esquecer que a Yukus, a maior empresa de petróleo da Rússia, foi desapropriada pelo governo porque estava enviando petróleo russo para Israel a custo zero?

Estes fatos servem para ilustrar os tempos medíocres que vivemos. A opinião pública passou a ser manipulada por uma elite destruidora dos recursos naturais e do meio ambiente. Os meios de comunicação promovem uma verdadeira lavagem cerebral no povo brasileiro para impor o modo de vida norte-americano. Os brasileiros - a maioria - da elite perversa do nosso país tem os olhos ou os pés nos Estados Unidos, para onde enviam seus filhos para estudar e seu dinheiro, ou melhor, o dinheiro do povo brasileiro.

Desde o descobrimento do Brasil, isto é, desde a invasão do Brasil por colonialistas portugueses, o hábito de roubar as riquezas locais e enviar para o exterior permanece. Mudou apenas a bandeira do explorador, mas a essência de tudo, continua a mesma.

Este livro está sendo publicado para desafiar o boicote norte-americano a todas as iniciativas independentes e autônomas na área de informação. A imprensa brasileira - com raras exceções - é um mero tambor de ressonância da imprensa norte-americana, considerada a pior dos países desenvolvidos, isto é, a mais corrompida, a mais prostituída. A revista Veja mais parece um boletim do Departamento de Estado norte-americano que uma revista informativa.

Agradeço os amigos e os conhecidos que colaboraram com este trabalho. Agradeço a Resistência iraquiana - www.albasrah.net - pelo envio de informações cruciais e fundamentais.

Brasileiros serão mortos no Iraque

(publicado antes da morte do "engenheiro" brasileiro no Iraque)

No governo de Sadam Hussein o Iraque era um parceiro econômico do Brasil. Milhares de empregos foram criados naquele país para técnicos das mais diversas especialidades, operários, construtores etc. As principais rodovias, pontes e viadutos do Iraque foram construídos por brasileiros. Quem não se lembra do saudoso Passat, exportado aos milhares para o Iraque?

Hoje, com a "democracia norte-americana", o governo fantoche do Iraque e o presidente George W. Bush compram apenas sangue e vidas de brasileiros: a empresa de segurança Global Security da Inveco International Holding, com sede na Flórida, Estados Unidos, está contratando brasileiros - mais de 500 já se inscreveram, incluindo alguns de Curitiba - através de 'empresas de segurança' do Brasil, ligadas à CIA. Cada mercenário vai receber de US\$ 6 a US\$ 9 mil dólares mensais.

O governo brasileiro não pode impedir a ida desses brasileiros ao Iraque, afinal, cada um escolhe onde deseja morrer. Entretanto, através da Abin (Agência Brasileira de Inteligência) o governo impediu que centenas de militares brasileiros - da ativa e da reserva - fossem contratados como mercenários, através da responsabilização da empresa TESS (que estava contratando mercenários brasileiros através de site na internet) pelo contratos de trabalho, dentro da legislação trabalhista nacional.

A base de choque da TEES - Tactical Explosive Entry School na cidade de Almirante Tamandaré, região metropolitana de Curitiba, com área de 40 hectares, é ligada a agentes da CIA. O recrutamento deixou de ser - temporariamente - pela TEES e passou a ser feito em sites norte-americanos ligados a mercenários.

O Brasil já é o maior exportador de prostitutas do mundo, agora vai disputar com Israel o título de maior exportador de mercenários.

Com a desculpa de trabalhar em empresas de segurança no Iraque, esses mercenários brasileiros serão muito bem remunerados para matar iraquianos, para tentar impedir que os norte-americanos recebam aquilo que merecem em terras iraquianas, a morte. Para chegar aos norte-americanos, os iraquianos vão abater quem quer que atravesse o caminho: brasileiro, polonês, japonês, israelense etc. O Iraque pertence ao povo iraquiano, o país é deles, as riquezas naturais - petróleo - pertence a eles, portanto eles têm todo o direito, incluindo leis internacionais reconhecidas pelas Nações Unidas, de lutar pela força das armas, para limpar o país dos invasores.

Imaginemos que em um futuro não muito distante os psicopatas senhores da guerra decidam virar as armas para o nosso país, e resolvam invadir a Amazônia. Os brasileiros pegarão em armas para libertar a Amazônia. E se os norte-americanos contratarem mercenários, de qualquer nacionalidade, incluindo brasileiros, eles serão mortos porque escolheram o lado errado para lutar, escolheram o lado

dos criminosos e terroristas - o lado norte-americano.

Mas, assim que começarem a chegar os corpos de brasileiros tombados no Iraque, a imprensa prostituta fará matérias sensacionalistas, dizendo que os iraquianos são terroristas porque mataram brasileiros. Na verdade, porém, os iraquianos tem todo o direito de matar os invasores de seus país, os assassinos de sua gente, sejam eles brasileiros ou norte-americanos. Esta é uma verdade que não deixa qualquer margem a dúvidas. Quem não gostar, ou não aceitar, é cúmplice ou conivente com os massacres diários promovidos pelos estrangeiros no Iraque, que vão desde a destruição de vilas, aldeias e cidades como Fallujah, até as torturas indiscriminadas em prisões e centros de detenções, como Abu Ghraib.

É lamentável que o Brasil não possa remunerar decentemente aqueles que vão à guerra contra inocentes, a soldo da potência militar mais sanguinária, parasita e poderosa do planeta.

O Brasil é um país rico e poderoso, mas as elites corruptas e cruéis que dominam este país são traiçoeiras, sugam as riquezas nacionais e condena a maior parte do nosso povo à miséria. Os nossos políticos corruptos condenam o país à dependência dos Estados Unidos. A chamada grande imprensa é cúmplice na dominação estrangeira do país.

Nós estamos pagando a guerra ao Iraque

Quando se fala em guerra ao Iraque, muita gente torce o nariz e diz: não tenho nada a ver com isso .

Puro engano. Na verdade, essas pessoas, nós brasileiros em geral, o mundo ocidental, estamos pagando as despesas da guerra, cada vez que abastecemos o carro, ou pagamos o aumento dos fretes nos transportes de bens, serviços e gêneros alimentícios.

Quando o governo Bush ordenou o ataque ao Iraque, o barril de petróleo custava US\$ 22 dólares. Hoje, o preço atinge os maiores patamares de toda a história: US\$ 51 dólares.

Toda a produção de petróleo do Iraque durante 10 anos não cobre as despesas de guerra dos Estados Unidos até o momento. Soma-se a isto o fato de que até agora morreram mais de 1500 militares norte-americanos.

A invasão do Iraque teria sido um péssimo negócio para o governo dos Estados Unidos? Não. Na verdade, os Estados Unidos da América crescem quando existe guerra, porque são os maiores fabricantes de armas e controladores da distribuição de petróleo.

A guerra ao Iraque trouxe lucros fabulosos para a indústria bélica norte-americana, que continua vendendo para o governo dos Estados Unidos. Na outra ponta, a indústria petrolífera (dominada pelos texanos, entre os quais a família Bush), nunca lucrou tanto em toda a sua existência. Não é por acaso que os maiores financiadores da campanha de George W. Bush foram as indústrias bélica e petrolífera. E quando Bush perdeu a eleição para o senador Al Gore, os industriais citados compraram o silêncio do Senado e da Suprema Corte dos Estados Unidos.

Bastava um voto no Senado para impedir a posse de Bush, mas esse voto não veio, nem mesmo do candidato vencedor, Al Gore, como revela o filme e o livro Fahrenheit do escritor Michel Moore.

Os países árabes produzem a maior parte do petróleo mundial, mas as empresas distribuidoras são norte-americanas e inglesas. São elas que compram, armazenam e distribuem. Hoje a família Bush é o porta-voz do monopólio da indústria petrolífera mundial, por isso o preço disparou, porque a indústria bélica da maior potência do planeta foi colocada a serviço dos interesses econômicos de uma elite capitalista corrupta e incosequente.

Todo mundo sabe que o governo norte-americano mentiu sobre a existência de armas de destruição em massa no Iraque. Pouca gente sabe que desde o primeiro ataque norte-americano ao Iraque, a administração Bush realizou uma política terrorista diária contra o povo iraquiano, através do envenenamento de poços de água, disseminação de armas biológicas - pragas e insetos - nas plantações, sabotagem no sistema de comunicação etc. A moeda iraquiana foi desvalorizada ao extremo para estimular a corrupção entre os traidores do povo e minar a resistência.

Foi uma guerra prolongada e sangrenta. Com o controle da produção de petróleo iraquiano, através de sanções da ONU, milhares de crianças morreram de fome e falta de remédio, o número estimado é de meio milhão. Na outra ponta as empresas norte-americanas escolhidas para trocar produtos por petróleo superestimavam seus preços, fazendo a riqueza e a fortuna de centenas de empresários norte-americanos. Isto é capitalismo. A riqueza de alguns com a morte de milhares. Sangue por petróleo. Genocídios pela valorização de ações na Bolsa de Valores de Nova Iorque.

"Autoridades da ocupação norte-americana" roubaram US\$ 9 milhões de dólares

Informe do Inspetor Geral da Reconstrução do Iraque, Stuart Bowen Junior, denuncia que US\$

9 milhões de dólares foram extraviados pelas "autoridades da ocupação norte-americana" no Iraque.

Uma auditoria oficial comprovou o roubo desse dinheiro doado por países árabes do Golfo. Entretanto, os ladrões não foram nem serão punidos porque o roubo é uma prática daqueles que se dizem "autoridades da ocupação norte-americana". Eles estão acima da lei e ninguém pode questioná-los.

Israelenses compram terras no Iraque

O jornal dos Emirados Árabes Unidos *al-Bayan-Bayan* publicou relatório mostrando a tentativa do governo israelense de infiltrar a colonos no Iraque: judeus sionistas turcos estão comprando terras e edifícios nas cidades ao norte do Iraque. Até o momento foram comprovadas a aquisição de 1.500 acres em Kirkuk, 30 edifícios e 500 residências nas proximidades de Mosul.

O jornal turco *Cumhuriyet* publicou a mesma notícia citando como fonte um relatório militar do governo da Turquia sobre atividades israelenses no Iraque. O relatório afirma que a política israelense visa dominar a economia de uma região de conflito, onde iraquianos e curdos devem travar futuras batalhas pelo domínio territorial de uma área considerada semi-autônoma pelos Estados Unidos.

Ações do governo de Israel nesse sentido foram detectadas desde 1993, quando Saddam Hussein ainda estava no poder, demonstrando que toda a política de invasão e ocupação do Iraque tem como objetivos favorecer a indústria bélica norte-americana e os interesses israelenses na região. Por tratar-se de um Estado artificial, criado através da corrupção de embaixadores das Nações Unidas, Israel não consegue se manter como Estado, e nesse sentido financia e estimula os conflitos bélicos para enfraquecer os países árabes.

Armas químicas proibidas foram usadas em Fallujah

A política de Estado norte-americana é de uma hipocrisia sem limites. Enquanto acusam alguns países de usar armas químicas proibidas pelas convenções internacionais, o governo dos Estados Unidos é o primeiro a utilizá-las e a fazer experiências e testes com seres humanos, nos campos de batalha, como em Fallujah.

Médicos iraquianos denunciaram - mas a imprensa ocidental prostituta não publica - dezenas de casos de vítimas de armas químicas proibidas em Fallujah. As vítimas citadas pelos médicos não demonstravam perfurações de balas ou objetos pelo corpo. O jornal *al-Islam Mufkarat* noticiou que as tropas de ocupação norte-americana tinham muita pressa em sepultar os mortos em valas comuns, usando tratores de esteira, sem que os familiares vissem o estado dos corpos. Para os familiares que conseguiram resgatar alguns dos corpos, haviam a exigência de acompanhamento de soldados norte-americanos no sepultamento, para impedir que fossem filmados ou fotografados.

Segundo o jornal e os médicos iraquianos, os corpos das vítimas de armas químicas proibidas apresentavam inchaço, cor amarelada e nenhum cheiro. Testemunhas viram militares norte-americanos atirando os mortos no rio, para evitar que fossem identificados.

Agentes secretos israelenses assassinaram 310 cientistas iraquianos

Desde a queda de Bagdá em abril de 2003, mais de 310 cientistas iraquianos foram assassinados por agentes secretos israelenses - Mossad -, na maioria ligados aos programas de armamento do regime anterior. "Existe um plano comum de norte-americanos e israelenses para assassinar cientistas iraquianos", afirmou o embaixador iraquiano no Cairo, Ahmad al-Iraqi. Ele disse que "uma unidade de comando especial se encarregou da matança desses cientistas. Israel jogou um papel fundamental na liquidação desses cientistas. A campanha faz parte de um plano sionista que não está restrito ao Iraque, mas visa matar todos os cientistas árabes e muçulmanos que trabalham em pesquisas aplicadas que ameaçam os interesses israelenses".

O cientista iraquiano Dr. Imad Jad, perito do centro de al-Ahram, informou que 17.000 cientistas que trabalham em vários campos de conhecimento fugiram do país para não serem assassinados.

A barbárie do capitalismo

O capitalismo levou a humanidade à barbárie, como previram alguns filósofos. Uma quadrilha de salteadores tomou conta da Casa Branca. Apenas a empresa Halliburton, de propriedade do vice-presidente Dick Cheney, recebeu mais de US\$ 10 bilhões de dólares do governo norte-americano desde a primeira ocupação do Iraque. A indústria bélica norte-americana cresce assustadoramente, motivada

pela ocupação do Iraque e pela ameaça de George W. Bush atacar a Síria, o Irã e a Coreia do Norte. As nações que fazem fronteiras com os países ameaçados triplicaram os gastos militares.

A Base militar norte-americana na ilha de Guantânamo é um centro de torturas público e declarado. O porta-voz do regime Talibã, embaixador do Afeganistão no Paquistão, foi torturado até a morte em Guantânamo. A denúncia é da Cruz Vermelha Internacional. Centenas de prisioneiros de diversas nacionalidades estão detidos ilegalmente naquela base, sofrendo tortura diária. Com certeza, cada um deles se lembra das palavras do Aiatolá Khomeini: "O demônio governa os Estados Unidos da América!". Para os prisioneiros de Guantânamo, para o povo iraquiano e afegão, estas palavras são verdadeiras.

O governo Bush financia esquadrões da morte na Colômbia. A cidade de Miami foi transformada em base militar para conspirações e agressões a Cuba. Agentes da CIA e mercenários a serviço da administração Bush estão agindo em quase todos os países do mundo.

A decisão catastrófica da quadrilha que ocupou a Casa Branca é a construção do império global através da guerra permanente.

Até o momento mais de 100.000 iraquianos foram assassinados pela máquina de guerra norte-americana, apoiada por mercenários ingleses e israelenses. A construção da democracia no Iraque é uma balela; por trás do discurso vazio para a mídia internacional estão bombas de fragmentação, bombas com urânio, câmaras de tortura como a de Abu Ghraib, destruição da infraestrutura do país, destruição da cidade de Fallujah (uma cidade histórica), saques de museus e sítios arqueológicos. Sob a ocupação estrangeira, o povo iraquiano não tem luz, água, e nem ao menos gasolina nos postos.

Para reduzir o número de mortos norte-americanos nesta fracassada guerra de ocupação, o governo Bush decidiu contratar mercenários de diversas nacionalidades, pagando de US\$ 6 a US\$ 8 mil dólares mensais, mais bônus para quem assinar contratos de 2 a 6 anos que podem chegar a US\$ 50 mil dólares. Para os criminosos de diversas partes do mundo, é mais lucrativo vestir a farda do exército dos Estados Unidos que assaltar bancos.

Este livro tem como objetivo levar as palavras da Resistência iraquiana até uma pequena parte da opinião pública brasileira, na esperança de que tenha efeito multiplicador, uma vez que a maioria dos leitores deste tipo de literatura é de formadores de opinião.

A chamada grande imprensa brasileira é uma prostituta a serviço dos interesses norte-americanos. A economia brasileira é dependente da economia norte-americana. Os maiores anunciantes, as maiores agência de publicidade, são empresas - ou sucursais - norte-americanas. Portanto, não existe nenhuma possibilidade de que este livro seja divulgado pela grande imprensa.

Apesar de tudo, é necessário resistir, lutar, porque a verdade dos fatos não pode calar. Os covardes são minoria, embora estejam em cargos importantes da mídia e dos governos.

A solidariedade venezuelana

O embaixador do Iraque na Venezuela foi assassinado em Bagdá por militares norte-americanos. Ele não estava combatendo, estava em sua residência, jantando com seus familiares, quando um comando de militares, invadiu a casa e seqüestrou o embaixador. Ele foi levado, a Zona Verde, proximidades do aeroporto, e foi executado com um tiro na cabeça.

O embaixador do Iraque no Brasil teve mais sorte. Foi informado sobre a execução sumária de diplomatas ligados ao antigo governo e decidiu transferir residência para Belo Horizonte, onde trabalha com traduções e contatos comerciais.

O presidente Hugo Chávez é hoje a maior liderança política da América Latina. A Venezuela Bolivariana defende sua soberania e os povos oprimidos. Neste sentido, Chávez sempre condenou a invasão do Iraque e denunciou - e denuncia, sempre que tem oportunidade - os crimes cometidos pelas tropas imperialistas de ocupação.

Quando o governo de Saddam Hussein caiu, agentes da CIA e do Mossad tentaram invadir a Embaixada do Iraque em Caracas para roubar documentos. O povo venezuelano - lideranças políticas, estudantis e sindicais - organizou uma grande passeata, com mais de 5 mil participantes, e ocupou a Embaixada para impedir que fosse visitada pelos inimigos. Após a ocupação política, o governo venezuelano designou militares para fazer a segurança da Embaixada, impedindo que caísse em mãos erradas, e assim se encontra, até os dias de hoje, protegida por militares venezuelanos, até que o povo iraquiano recupere sua soberania.

Meses atrás o presidente Hugo Chávez, em entrevista a Televisão Venezuelana, afirmou que "o Governo dos Estados Unidos arremete uma vez mais contra o povo venezuelano, como arremeteu contra o povo do Iraque, e ali estão os resultados: todos os dias há bombas no Iraque, todos os dias há crianças, mulheres e homens mortos no Iraque, e quase todos os dias há soldados norte-americanos inocentes, os mandaram enganados para lá, lhes disseram que iam recebê-los como heróis, todo

mundo se recorda. Lhes disseram que havia armas químicas de destruição em massa, enganaram o mundo, o próprio povo dos Estados Unidos, enganaram os povos da Europa. Da mesma forma estão tramando uma enganação com relação à Venezuela, dizendo que na Venezuela tem guerrilha estrangeira e que nós apoiamos o terrorismo, só falta nos próximos dias dizerem em Washington que aqui está escondido o Bin Laden, que o Tenente Zambrano, presidente do Hipódromo, o mantém no Hipódromo".

Com fina ironia e humor característico dos venezuelanos, o presidente Hugo Chávez Frías ridicularizou o governo de George W. Bush e suas mentiras e hipocrisias. Infelizmente, homens com a têmpera e a coragem de Chávez são muito raros na humanidade. Houvesse mais lideranças corajosas e combativas como Hugo Chávez, Fidel Castro, Lula, Muamar Kadafi, Bachar al Assad, Mohammad Kathami, Kim Jong, entre outros, o mundo seria muito melhor para todos.

A última carta de Saddam

No mês de setembro de 2004, durante um encontro internacional de Movimentos pela Democracia Direta, realizado em Trípoli, na Líbia, pelo Movimento dos Comitês Revolucionários Internacionais, tive a oportunidade de conversar longamente com uma das lideranças estudantis que ocuparam a Embaixada do Iraque na Venezuela. O estudante venezuelano Richard me contou sobre seus encontros com o embaixador iraquiano nos dias que antecederam a queda de Bagdá. Ele confidenciou que o embaixador mostrou a ele a última carta de Saddam Hussein aos seus diplomatas em todo o mundo. Na carta, Saddam afirmava que o povo iraquiano devia se preparar para enfrentar a ocupação norte-americana, lutando e resistindo, não apenas por décadas, mas "por séculos".

Quem controla o tráfico de órgãos humanos no mundo

Meses atrás, a prisão na cidade de Recife de dois israelenses vinculados a uma rede internacional de tráfico de órgãos humanos na África do Sul, um dia depois da detenção de 11 pessoas no Brasil, confirmou aquilo que os palestinos e iraquianos vem denunciando há muito tempo, sem encontrar eco na mídia: os israelenses controlam o tráfico de órgãos humanos a nível internacional, a partir da África do Sul.

Algumas décadas atrás, quando o mundo inteiro condenava o regime de apartheid na África do Sul, quais eram os países que apoiavam o governo racista de brancos naquele país? Estados Unidos e Israel. Esse apoio incondicional estava ligado ao controle parcial da economia do país por grupos econômicos israelenses ligados a compra e venda de diamantes, petróleo, indústria bélica e tráfico de órgãos humanos.

Os policiais detiveram o israelense Ajania Robel, 42, que tinha sido submetido recentemente a um transplante de rim em um hospital privado da Província Durban, informou uma porta-voz policial. Robel foi acusado de infração à legislação sul-africana sobre a extração de órgãos. Outro israelense de 49 anos radicado em Johannesburgo, Meir Sushan, foi detido sob a mesma acusação. A polícia afirmou que ele foi o intermediário no tráfico que beneficiou Robel. Os dois homens foram libertados sob fiança, à espera do julgamento.

Segundo a polícia brasileira, o grupo, dirigido pelos dois israelenses, recrutava no Brasil voluntários para vender um de seus rins. Depois de submetê-los a exames médicos e provas de compatibilidade sanguínea com os futuros receptores, os candidatos selecionados eram enviados à Província de Durban, onde passavam pela operação de extração do órgão e recebiam US\$ 10 mil de pagamento. Os rins eram posteriormente "vendidos" por até US\$ 120 mil a pacientes desesperados. Os dois israelenses viajavam ao Brasil para conduzir a Durban os doadores recrutados pelos brasileiros. A polícia calcula que 30 pessoas se submeteram à operação para vender um rim. Todas elas voltaram ao Brasil.

Foram interrogados três homens que venderam seus rins e o funcionário da agência Mapa Mundi, presos sob suspeita de participação no esquema de tráfico internacional de órgãos. Eles confirmaram que o capitão da Reserva da Polícia Militar de Pernambuco Ivan Bonifácio da Silva e o major do Exército Israelense Gady Tauber Gedalya são os chefes da quadrilha. O capitão Ivan Bonifácio recrutou pessoalmente os três doadores e o israelense Gady pagou as passagens para que eles viajassem para a África do Sul. Marcondes Lacerda de Araújo, 35 anos, João Cavalcanti do Nascimento, 35, Gérson Luís Ribeiro de Oliveira e Moisés Araújo da Silva Júnior estiveram na cela 8, do Pavilhão B, do Centro de Triagem e Observação Criminológica Professor Everardo Luna (Cotel), em Abreu e Lima, no Grande Recife.

O funcionário da agência de turismo Mapa Mundi Moisés Júnior revelou que vendia as passagens para a África do Sul diretamente ao israelense Gady. Moisés atestou que em pouco mais de um ano expediu mais de 30 bilhetes para pessoas levadas pelo estrangeiro. "Eu estava fazendo o meu

trabalho. Não sabia de nada", assegurou Moisés.

O mecânico Gérson de Oliveira foi o primeiro dos três a viajar para a África do Sul. Ele se submeteu ao transplante em setembro do ano passado, no Hospital St. Augustine, em Durban e recebeu US\$ 10 mil pelo rim. Dois meses depois, o primo dele Marcondes Araújo fez o mesmo procedimento. Voltou ao Brasil após 30 dias sem um dos rins e com US\$ 10 mil em dinheiro no bolso.

O marceneiro João Cavalcanti foi em seguida. Como o mercado já estava inflacionado, o marceneiro ganhou apenas US\$ 8 mil por seu rim. "O rim era meu. Vendi porque quis. Isso não é crime", afirmou o mecânico Gérson Oliveira.

Os três 'doadores' contaram que nos dias que antecederam à viagem fizeram exames no laboratório Gílson Cidrim. "Não fomos examinados por nenhum médico aqui no Brasil. Só fizemos exames aqui. Quando chegamos lá, passamos por vários testes feitos por médicos", afirmaram.

Na Palestina e no Iraque, militares israelenses são acusados de integrar quadrilhas internacionais de tráfico de órgãos humanos. Durante os ataques criminosos realizados por militares israelenses aos territórios árabes ocupados, muitos palestinos feridos são colocados em ambulâncias do exército de Israel, onde são submetidos a cirurgias para retirada de órgãos. O mesmo acontece no Iraque. Em Fallujah, por exemplo, médicos iraquianos denunciaram a existência de dezenas de corpos sem rins, coração e outros órgãos, após o ataque massivo que destruiu metade da cidade.

Mídia norte-americana ataca o site Al Basrah

A mídia norte-americana, a través da cadeia NBC (MSNBC) voltou a atacar o site www.albasrah.net, que publica as matérias e informações sobre o Iraque ocupado com isenção, fornecendo espaço a todas as correntes da Resistência Iraquiana.

A seguir publicamos íntegra do manifesto dos iraquianos mantenedores do site:

"Novamente os meios de comunicação dos Estados Unidos lançam pesadas acusações ao nosso site. O verdadeiro objetivo dessas acusações é tentar apagar as poucas vozes que denunciam os massacres cometidos pelas tropas de ocupação e seus colaboradores no Iraque ocupado, em nome da lei internacional.

A cadeia americana NBC acusou *Al-Basrah* de fazer propaganda do suposto terrorista "az-Zarqawi" e de divulgar informações anti-semitas e de ódio ao ocidente. Porém, o verdadeiro objetivo é fechar este site para que as vozes iraquianas não sejam ouvidas.

De nossa parte negamos essas acusações falsas por uma simples razão: www.albasrah.net não se rende às mentiras dos invasores anglo-americanos sobre o fantasma chamado "Abu Musab al-Zarqawi", de que esteja por trás de quase todas as operações que ocorrem contra as tropas de ocupação e seus colaboradores. Os invasores divulgam essas acusações para justificar os ataques que lançam contra todas as partes do Iraque, cometendo massacres atrás de massacres, crimes de guerra como em Falluja, Samara e Bagdá, e não se sabe quando e onde isso irá terminar. Algumas pessoas poderão ser enganadas com essas mentiras absurdas, mas graças a Deus o povo do Iraque não será enganado.

Al-Basrah não publicou nenhuma reportagem relacionada com az-Zarqawi porque, como todo iraquiano, não acreditamos que essa figura mitológica exista na terra pura do Iraque. A Resistência Iraquiana é a que luta contra o terrorismo de Estado cometido pelas tropas americanas e seus aliados ingleses. O Iraque, com sua própria e nativa resistência de um povo que está disposto a sacrificar tudo para libertar sua terra e seu país dos ocupantes. Esta Resistência está determinada a continuar a luta até libertar o último pedaço de terra dos bárbaros da Nova Era.

Afirmar que "odiamos o ocidente" é uma discussão lamentável que não merece resposta. O iraquianos estimam seus amigos ocidentais que se opõe ao terrorismo americano e que marcharam aos milhares para protestar contra a agressão americana ao Iraque. Muita gente no ocidente trabalha mostrando as atrocidades que diariamente se comentem no Iraque pelas mãos dos ocupantes.

A prisão de Saddam Hussein foi uma farsa

O governo e os militares norte-americanos são mestres em distorcer a história, mentir e tripudiar para ganhar dividendos noticiosos. A prisão de Saddam Hussein numa chácara de um parente, nos arredores de Tikrit, enquanto fazia suas orações e lia o livro sagrado dos muçulmanos, o *Al Coran*, não traria repercussão na mídia internacional, nem demonstraria a humilhação que George W. Bush desejava impor ao presidente do Iraque. Por estes motivos, Saddam Hussein foi capturado e colocado em uma cela em regime fechado, foi torturado, humilhado, e depois de alguns dias, quando

estava debilitado e drogado por militares norte-americanos, foi apresentado à imprensa internacional, como tendo sido preso em um buraco infecto e imundo.

O jornal norte-americano *New York Times* foi o primeiro a divulgar a versão do sargento norte-americano, fuzileiro naval Nadim Abou Rabeih, de nacionalidade libanesa, que participou da prisão de Saddam Hussein.

Hoje o advogado de Saddam confirma a versão do sargento norte-americano aos jornais: "a versão pública da prisão de Saddam Hussein foi fabricada. Saddam foi capturado em uma chácara nos arredores de Tikrit, de propriedade de um parente dele. Nosso comando, formado por 20 soldados, incluía 8 de nacionalidade árabe, foi informado que ele estava no local por um traidor iraquiano. Fomos ao local e o capturamos enquanto ele rezava. Embora estivesse desarmado, ele tentou reagir mas foi dominado após luta corporal. Depois ele foi conduzido a um quartel e nossos oficiais exigiram que não comentássemos nenhuma palavra sobre o ocorrido."

O jornal *New York* só publicou a matéria depois que o jornal libanês *Al Medina* revelou detalhes da farsa publicada na imprensa internacional, e até hoje repetida pela imprensa irresponsável e inconseqüente.

Este fato mostra - entre milhares de outros - que os militares, imprensa e governantes norte-americanos são canalhas ao extremo. São os piores abutres da humanidade, saqueadores dos povos e países.

Quando o jovem norte-americano Johny Walker foi capturado no Afeganistão, lutando ao lado dos afegãos, ele foi preso e torturado, e levado a Base Militar de Guantánamo, onde os prisioneiros são torturados todos os dias, onde até mesmo o livro sagrado dos muçulmanos, o *Al Coran*, é usado de forma covarde e criminoso para humilhar os prisioneiros. Ao ser capturado ele teria revelado a um afegão que escapou do cerco algumas palavras e pensamentos importantes. Segundo esse afegão que não pode revelar seu nome porque seria preso e executado, o jovem norte-americano teria dito que "não há o que conversar ou negociar com os militares e atuais governantes dos Estados Unidos. Eles devem ser mortos, todos eles, rapidamente, antes que promovam maiores desgraças para a humanidade."

Filme da BCC mostra que a Al Qaeda não existe

Um dos filmes mais polêmicos apresentados no último Festival Internacional Cinematográfico de Cannes foi "The Power of Nightmares" (O Poder dos Pesadelos) do diretor Adam Curtis, na categoria "jornalismo de denúncia em vídeo". O vídeo mostra que o pesadelo do terrorismo internacional chamado Al Qaeda, simplesmente não existe: foi mais uma invenção dos Estados Unidos para justificar intervenções militares e defesa de seus interesses estratégicos e econômicos.

No ano passado, durante o 57º Festival de Cannes, o filme que despertou maior interesse foi "Fahrenheit 9/11", de Michael Moore, ganhador da Palma de Ouro. Pela primeira vez, uma denúncia jornalística contra o imperialista George W. Bush chegava às telas dos cinemas em todo o mundo.

Ancorado na "Palma de Ouro", o documentário de Michael Moore foi um dos mais vendidos, revelando a eleição fraudulenta na Flórida, no ano 2000, onde milhares de votos de negros foram vetados para dar a vitória a George Bush, irmão do governador da Flórida.

Quando avisaram Bush do atentado às torres do WTC, um fato que emocionava o mundo, Bush não demonstrou surpresa, provando que ele sabia antecipadamente dos atentados. Tratava-se de mais um auto-golpe criminoso criado ou estimulado pelo próprio governo americano para justificar guerras e invasões, como a explosão do barco "Maine" em Havana em 1898 para deflagrar a guerra à Espanha, ou o "convite" ao Japão para que atacasse a base de Pearl Harbor em 1941, ou a explosão de um edifício em Oklahoma em 1995 para abafar o massacre de inocentes da seita davidiniana em Waco.

O caminho aberto por Fahrenheit 9/11 na área de documentários em Cannes foi promissor e neste ano a grande surpresa foi o filme do diretor britânico Adam Curtis, na mesma linha de Moore, porém aprofundando o tema iniciado no ano passado.

Em "O Poder dos Pesadelos", algumas cenas mostram a visita de surpresa ao Iraque por Condoleeza Rice. De forma cínica e descarada ela pede paciência aos iraquianos que os Estados Unidos martirizaram, torturaram, assassinaram e destruíram, porque, segundo George Bush "estamos lutando contra muitas forças terroristas".

Ao afirmar que "Al Qaeda não existe", Adam Curtis apresenta imagens e argumentos contundentes em um filme produzido pela tradicional BBC de Londres, uma empresa com credibilidade em todo mundo, ao contrário das redes norte-americanas, como a CNN, que sempre estão a serviço do poder.

O documentário foi apresentado em Cannes para centenas de jornalistas, cinéfilos e críticos de cinema interessados na verdade dos fatos. O tema da mentira norte-americana constante e repetitiva

foi debatida e questionada pelos participantes da sessão de estréia. Alguns participantes foram aplaudidos ao afirmar que "95% do terrorismo atual é made in USA, mas não nos permitem discutir, e ao contrário, nos impõe Lucas e suas Guerras nas Estrelas, quando a pior das guerras é aqui mesmo".

O cinema tem o poder de massificar a informação através de vídeo ou DVD exibidos para formadores de opinião. A imprensa escrita, o rádio e a televisão, os livros, nos permitem transcender e vencer o controle da informação globalizada. Mas os filmes como este vão mais além e derrubam por terra anos e anos de mentiras divulgadas diariamente pela chamada grande imprensa: Globo, Bandeirantes e Records da vida.

Segundo o documentário de Adam Curtis, Donald Rumsfeld e Paul Wolfowitz, então conselheiros de Ronald Reagan, supervalorizaram a ameaça soviética para justificar a propaganda imperialista e naturalmente arrecadar e desviar muito dinheiro dos contribuintes norte-americanos. A mesma política foi repetida no Iraque para justificar a invasão.

O filme mostra que os americanos são incansáveis fabricantes de mitos. Jean Luc Douin do diário francês Le Monde, escreveu que eles acusavam sem provas a União Soviética de dirigir todos os movimentos terroristas do mundo, como agora fizeram com Saddam Hussein e Bin Laden que, segundo o filme, não tiveram nada que ver com os atentados das Torres Gêmeas, não possuem fortalezas subterrâneas no Afeganistão nem nas montanhas de Tora Bora, não são donos de uma Al Qaeda que não existe porque é simplesmente uma peça em um tabuleiro de xadrez do jogo do sócio Bush.

Sobre a Al Qaeda, Curtis insiste que esse grupo terrorista nunca existiu, que é uma invenção do Secretário da Defesa dos Estados Unidos para George Bush justificar ações criminosas em outros países para vender armas, roubar petróleo e impor políticas predatórias. No final do Festival de Cannes, descobriram que o filme de ficção Starwars não chega nem perto da ficção montada pelos militares do Pentágono.

Os maiores racistas do mundo são os judeus sionistas

Existe uma teoria de que somente os governos extremamente racistas são capazes de promover atrocidades, praticar crimes de guerra sem nenhum problema de consciência. Os judeus sionistas, desde a fundação do Estado de Israel, tem agido como nazistas, fiéis seguidores dos nazistas; aprenderam a lição que receberam e estão praticando contra os palestinos.

No passado foi Treblinka. Hoje é Ansar, Abu Grahib, Guantânamo etc.

Os nazistas afirmavam que faziam parte de uma "raça pura", e por acreditar nessa besteira foram capazes de fazer o que fizeram.

Os judeus sionistas se dizem "eleitos por Deus", filhos de Deus, enquanto que os demais povos são "criaturas" de Deus. Portanto, as criaturas existem para servir aos filhos de Deus, e como tal - criaturas - estão sujeitas a qualquer tipo de crime.

A escravidão tinha como desculpa a afirmação da Igreja de que "os negros não tinham alma". Existe sempre um componente racista na história das tragédias humanas

Para ocupar o Iraque o governo norte-americano está gastando US\$ 155 bilhões.

A "ajuda" anual dos Estados Unidos a Israel é de US\$ 250 bilhões de dólares. O estado sionista racista viola todas as convenções e leis internacionais, não cumpre resoluções da ONU, desenvolve armas nucleares, tortura e assassina crianças e adultos em prisões.

Nazistas e judeus sionistas são muito parecidos. Talvez por este motivo a CIA tenha recrutado centenas de nazistas após a Segunda Guerra, sob o comando do general norte-americano Reinhard Gehlen, conforme denúncia recente do promotor federal Thomas H. Baer.

Entretanto, afirmar que todos os judeus sejam racistas sionistas é um grave erro. Existem milhares de judeus que não compactuam com os crimes diários praticados pelo governo terrorista de Ariel Sharon e seus antecessores. Esses milhares de judeus estão organizados em diversos países do mundo - mas a imprensa não tem interesse em divulgar. Eles organizam manifestações contra a ocupação do Iraque e do Afeganistão, inclusive em Washington. Denunciam o governo terrorista de Israel e acreditam que o povo judeu está sendo manipulado para favorecer a indústria bélica norte-americana e os banqueiros judeus sionistas.

Estes judeus que reconhecem os direitos sagrados e históricos do povo palestino são honrados, dignos. Os judeus que defendem o Estado de Israel são criminosos porque estão defendendo os crimes praticados por Sharon e seus seguidores.

Infelizmente, à frente dos movimentos anti-racistas estão os judeus que defendem o Estado artificial de Israel, isto é, os maiores racistas do mundo. Lobos em pele de carneiro. Racistas disfarçados de anti-racistas.

A filosofia sionista defende a invasão de territórios árabes do rio Jordão ao rio Eufrates, massacrando as populações nativas; ancorados na crença da superioridade racial.

Para aqueles que desejarem conhecer judeus que não são racistas, devem visitar os sites
www.nowarforisrael.com
www.netureikarta.org
www.nkusa.org
www.jewsagainstzionism.com
www.jewsnotzionists.org

O inesquecível dia 24 de dezembro de 2004 no Iraque

Informe da Resistência Iraquiana

Tikrit

As tropas dos Estados Unidos mancham suas mãos com o sangue de crianças do povo de Saddam Hussein, após perder batalhas com as forças da Resistência.

As forças da Resistência Iraquiana atacaram a base militar dos Estados Unidos estabelecida no Palácio Norte do presidente Saddam Hussein em Tikrit, localizada às margens do rio Eufrates às 10 horas. O bombardeio da Resistência deixou 17 soldados norte-americanos e 3 tradutores colaboradores iraquianos mortos, segundo informação de outros tradutores que participaram dos sepultamentos.

Após o ataque, as forças norte-americanas enviaram diversas patrulhas pelas ruas de Tikrit. Uma patrulha entrou na rua Adnan Kharallah, na parte velha da cidade. Uma rua estreita que não permitia que os pesados veículos manobrassem ou recuassem. Fraternalis combatentes árabes da Resistência, pertencentes a at-Tawhid wa-al-Jihad emboscou a patrulha, destruindo 4 tanques e 3 veículos Humvee. Um quarto Humvee saiu ileso, porém os combatentes da Resistência conseguiram atacar e matar todos os ocupantes do veículo. A Resistência capturou armas e munições, e em seguida incendiou os tanques e veículos.

Testemunhas informaram que pelo menos 25 soldados norte-americanos foram mortos no ataque. Os únicos sobreviventes do ataque foram 2 taques que estavam na frente da coluna e conseguiram fugir.

Logo um dos combatentes levantou a bandeira de a-Tawhid wa-al-Jihad (decorada com um círculo amarelo onde está escrito "Não existe outro deus que Deus" e "Brigadas at-Tawhid wa-al-Jihad") e correu com ela pelas ruas da região. Outro combatente pegou o corpo de um dos soldados mortos e o fixou nos ganchos de um outdoor de eleição que diz: "Se você nos divide, nunca prevalecerá!".

Meia hora depois do combate, forças dos Estados Unidos entraram na rua para resgatar seus mortos, guinchar os veículos e tanques destruídos. Também retiraram o corpo do soldado fixado no outdoor da eleição e o levaram.

Para vingar a derrota, militares norte-americanos abriram fogo indiscriminadamente contra a população civil. Naquele momento três meninas saíam da Escola Primária Palestina, segundo informação do diretor ao jornal Mafkarat al-Islam.

Testemunhas afirmaram que os soldados norte-americanos apontaram suas metralhadoras diretamente para as meninas, apesar de seus gritos e lamentos, e abriram fogo. Em seguida se aproximaram dos corpos para se certificar e fizeram novos disparos com armas de curta distância. Alguns soldados descarregaram o pente de suas metralhadoras nas cabeças das crianças mortas.

As três meninas assassinadas em Tikrit eram: Halimah Sa'di, Shayma Sa'di y Mariyah Sa'di.

O diretor da escola afirmou que o pai das meninas havia morrido quase duas semanas antes de um ataque cardíaco em uma mesquita local, aos 39 anos de idade. A angústia da mãe ao perder seu marido será maior ao saber do assassinato das filhas. Ela pergunta a todo momento: "Onde estão minhas filhas?"

Depois da matança o povo de Tikrit organizou um grande funeral até o cemitério, mas foram impedidos de seguir adiante pelas tropas norte-americanas. Centenas de moradores enfrentaram, desarmados, os militares estrangeiros, que abriram fogo, assassinando 13 civis indefesos.

Os combatentes da Resistência atacaram então a retaguarda da coluna norte-americana que bloqueava o funeral. Os combatentes explodiram e incendiaram 7 veículos militares: um tanque e 6 Humvees.

O correspondente do jornal Mafkarat al-Islam finalizou seu informe informando que os moradores de Tikrit estão revoltados com os meios de comunicação dos países árabes, que insistem em ignorar as grandes operações militares da Resistência na cidade natal do Presidente Saddam Hussein.

Fallujah

Um grupo de famílias de Fallujah regressou à cidade, especificamente no bairro de Al-Andalus. As famílias decidiram deixar novamente a cidade, descrevendo ferozes combates que começaram às 9:30 hs e terminaram por volta das 23 horas. As explosões e vôos rasantes de aviões na cidade foram intensos. Pela primeira vez as forças da Resistência mantiveram combates nos bairros de al-Jaghifi e ash-Shurtah

Ao norte da cidade, onde os invasores estão estacionados.

Segundo declaração do porta-voz da Resistência, Abu As'ad ad-Dulaymi ao jornal Mafkarat al-Islam, a Resistência destruiu 7 veículos blindados Bradley, 2 tanques Abrams, 5 Humvees e uma grua norte-americana. Estes ataques deixaram mais de 40 soldados norte-americanos mortos. Os combates do dia se concentraram ao redor dos bairros al-Jaghifi, perto da Mesquita a-Tawfiq y ash-Shurtah perto da parada de ônibus.

Por volta das 11 horas as forças da Resistência lançaram feroz ataque com mísseis na base militar norte-americana ao norte de Fallujah, em volta da primeira estação de trem. Os ataques estavam programados para acertar o Ministro da Defesa dos Estados Unidos, Donald Rumsfeld, em visita ao país, que poderia visitar aquela base.

O ataque da Resistência durou duas horas, com mísseis Ababil sobre as posições norte-americanas, assim como foguetes Tarig, Grad, Katyusha e disparos de morteiros de 60, 82 e 120 mm.

Perda cultural irreparável

Na Biblioteca de Instrução Islâmica al-Fallujah militares norte-americanos incendiaram centenas de livros antigos, a exemplo dos bárbaros mongóis quando invadiram Bagdá há 800 anos.

A Biblioteca fica em um edifício de 500 anos que pertenceu a sheik Husayn Awdah, um dos imanes e pregadores mais famosos da antiguidade.

A histórica Biblioteca Islâmica de Fallujah tinha livros sumamente valiosos, muitos antigos e raros, incluindo obras de Ibn Taymiyah (1263-1328) e Ibn Kathir (1301-1373), Jalal ad-Din as-Suyuti (1445-1505). Entre outras raridades, a Biblioteca possuía um livro manuscrito pelo sheik Ibn Taymiyah, além de muitos trabalhos sobre a lei islâmica, biografias do Profeta, coleções de literatura Hadith e estudos sobre o credo islâmico ('Agidah) e jurisprudência.

Uma viatura policial carregada de explosivos explodiu na base militar norte-americana em al-Warrar al-Ramadi às 7:30 hs, deixando 63 soldados mortos

Em um despacho emitido às 20:20 horas de Meca, o correspondente do jornal Mafkarat al-Islam informou que forças dos Estados Unidos fizeram uma incursão na região do bairro 7 de Abril, na área de al-Bu Farraj e al-Bu Ali de Jasim. As tropas dos Estados Unidos atacaram a estação principal da polícia em ar-Ramadi, onde havia um funcionário de guarda e outros três funcionários no interior. Os soldados dos Estados Unidos prenderam os 4 policiais.

Imediatamente uma grande coluna dos Estados Unidos, composta por 40 veículos começou a sair do acampamento secundário da Universidade Agrícola de al-Anbar com destino à base militar de al-Warrar. Vários helicópteros fizeram vôos para evacuar os soldados mortos e feridos durante o ataque da Resistência com o carro-bomba.

A organização da Resistência conhecida como Primeiro Exército de Muhamad Jaysh Muhamad al-Awwal assumiu a responsabilidade pelo ataque com o carro-bomba na base militar dos Estados Unidos, classificando de "um presente de Ano Novo" para as forças norte-americanas."

A Resistência distribuiu um comunicado oficial aproximadamente uma hora após o ataque. O texto do documento é o seguinte:

"Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso

'E prepare para eles o que puder de força armada, até os cavalos, porque com eles você poderá aterrorizar ao inimigo de Deus e seu inimigo.' Qur'na 8:60.

Parece que o presente de ano Novo de Mosul não agradou a Bush ou Allawi, por isso decidimos enviar 'outro presente' deste ar-Ramadi, esperando que desta vez eles gostem.

Um de nossos irmãos iraquianos, Abu Muhamad, levou a cabo o martírio quando guiou a caminhonete pertencente à Polícia iraquiana contra o quartel principal do invasor norte-americano na base de al-Warrar, a oeste de ar-Ramadi, especificamente entre as celebrações de Ano Novo e Natal. Sob a luz de velas e sons de música, vosso irmão Abu Muhamad morreu como um mártir ao matar 63 soldados dos Estados Unidos, segundo o que informaram os olhos da Resistência dentro da base - algo que vocês sentirão em breve, e não somente escutarão a explosão."

Trata-se de um poderoso golpe contra as forças dos Estados Unidos depois da Operação Mosul

que teve lugar na terça-feira passada, deixando mais de 160 mortos entre as tropas dos Estados Unidos. A importância dessas operações está no fato de que a Resistência utiliza veículos pertencentes à Polícia, que circulam livremente nas bases estrangeiras.

Às 18 horas de quarta-feira o edifício do Governo de al-Anbar foi atacado por 4 projéteis de morteiros da Resistência Iraquiana. Após o ataque as forças dos Estados Unidos evacuaram mortos e feridos do interior do edifício, segundo testemunhas, mas não foi possível determinar com exatidão o número de baixas.

A Resistência Iraquiana destrói a ponte de al-Qaim, derruba um helicóptero, captura investimentos, mapas, correios, alimentos e mata 16 soldados dos Estados Unidos.

As forças da Resistência Iraquiana destruíram uma ponte construída por soviéticos sobre o rio Eufrates, que as forças dos Estados Unidos usavam com exclusividade para enviar recursos e alimentos aos soldados norte-americanos estacionados na fronteira com a Síria, na cidade de al-Qaim.

O correspondente do jornal Mafkarat al-Islam informou que testemunhas disseram que a Resistência havia destruído totalmente a ponte conhecida como "Ponte Soviética"

Após este ataque, as forças dos Estados Unidos intensificaram suas patrulhas aerotransportadas no céu da área, usando helicópteros de transporte militar. As forças da Resistência dispararam um foguete Strela às 15 horas de quarta-feira, derrubando um helicóptero de transporte no povoado de Makr adh-Dhib, na área de al-Qaim.

Na queda do helicóptero morreram 16 soldados norte-americanos. O correspondente do Mafkarat al-Islam chegou ao povoado e encontrou os destroços do helicóptero espalhados pela região.

Bagdá

Tropas dos Estados Unidos assassinam líder religioso no portão de sua casa em Amiriyah

A televisão Al-Jazeera informou que as forças dos Estados Unidos atacaram a casa de um membro do Painel de Estudos Muçulmanos 'Ulama' em al-Amiriyah. As tropas de ocupação dos Estados Unidos mataram o sheik Muwaffaq ad-Duri por volta de meio-dia de quarta-feira, no momento em que ele se dirigia à Mesquita Abu Bakr as-Siddig para entregar o sermão do dia seguinte.

A esposa do sheik, Umm Ayman, confirmou em entrevista por telefone que 3 soldados norte-americanos bateram na porta da casa do sheik, deram voz de prisão, e em seguida efetuaram os disparos.

Baqubah - Combates em Bahraz

As forças da Resistência iraquiana entraram em confronto com soldados dos Estados Unidos na área de Bahraz, aproximadamente há 30 km ao sul de Baqubah. As forças invasoras estavam fortificadas na antiga Academia de Guerra e Artilharia, pertencente ao Exército da República do Iraque antes da invasão dos Estados Unidos. Atualmente os invasores estão construindo uma base militar no local, pagando diária de US\$ 25 dólares para os operários. Embora a diária normal seja de US\$ 5 dólares.

Para preservar a vida dos trabalhadores, a Resistência enviou um aviso para que abandonassem a obra. Assim que se retiraram, 50 combatentes da Resistência Iraquiana atacaram os norte-americanos com foguetes C5K e RPG7 e metralhadoras BKC.

Após causar pesadas baixas entre os invasores, as forças da Resistência se retiraram, protegidos por fogo de morteiros à longa distância. A batalha deixou 23 soldados norte-americanos mortos. Alguns combatentes da Resistência arrastaram corpos de soldados invasores pela rua principal - rua ar-Rayhan - cantando a frase "Deus é mais forte que os Estados Unidos", "Deus é mais forte que os Estados Unidos".

Mosul - Rumsfeld foge de helicóptero da base de Mosul sob uma chuva de foguetes, 15 minutos depois de chegar ao local

As forças da Resistência Iraquiana montaram um feroz ataque com foguetes sobre o Aeroporto de Mosul às 15 horas. Testemunhas disseram ao jornal Mafkarat al-Islam que o ataque com foguetes foi desfechado no momento em que o ministro da defesa dos Estados Unidos, Donald Rumsfeld chegava ao aeroporto.

A população desconfiou da vinda de uma grande autoridade das tropas invasoras porque percebeu os preparativos de segurança em toda a região do aeroporto.

Para receber o helicóptero da secretaria de defesa dos Estados Unidos, a Resistência Iraquiana detonou uma saraivada de 83 disparos de foguetes de vários tipos sobre o campo de aviação dos norte-americanos. O correspondente do Mafkarat al-Islam informou que 15 minutos depois de sua chegada, com medo diante do ataque de foguetes, o ministro de defesa dos Estados Unidos levantou vôo no mesmo helicóptero que o havia levado, desta vez sob forte escola aérea das tropas invasoras.

Por volta das 21 horas forças da Resistência Iraquiana atacaram as cinco pontes principais da cidade, protegidas por tropas de ocupação durante 7 dias consecutivos. Testemunhas informaram que os ataques da Resistência golperam os postos de comando em 3 pontes, explodindo um tanque e destruindo 4 Humvee na ponte de Bagdá, destruindo um tanque e 1 Humvee na ponte az-Zaytun. Em seguida todas as pontes foram abertas. Cada uma das pontes tinha 4 tanques e 4 veículos militares Humvee dos Estados Unidos estacionados.

Sob ataques da Resistência em terra e ar, as forças dos Estados Unidos se retiraram para fora da cidade, entregando o controle da cidade de Mosul, a terceira cidade do Iraque.

Após a fuga de Donald Rumsfeld, um mártir iraquiano invadiu o cassino da base militar norte-americana em Mosul com um caminhão Mercedes de 12 toneladas, matando 160 soldados norte-americanos.

O correspondente de Mafkarat al-Islam informou que a Resistência deu um ultimado às forças policiais títeres locais: ou lutavam com a Resistência ou seriam combatidas. A resposta dos policiais foi abandonar os postos em toda a área por volta da 16 horas.

Resistência ataca posto de combustíveis controlado pelos Estados Unidos

As forças dos Estados Unidos proibiram que veículos particulares, táxis e carros de autoridades abastecessem no posto controlado pelos invasores em Mosul. Uma hora após a proibição bloquearam os automóveis que tentavam abastecer no local, entre eles uma caminhonete Kia que levava 12 combatentes da Resistência, fortemente armados. O motorista desceu da caminhonete desarmado e falou para o oficial norte-americano: "vocês devem se retirar deste local, caso contrário serão atacados!". O oficial prendeu o motorista, ao que os combatentes iraquianos desceram atirando nos militares que ocupavam os veículos Humvee que rodeavam o posto de combustíveis.

O jornal Mafkarat al-Islam informou que durante os combates que se seguiram, 4 combatentes iraquianos e um civil foram mortos, 8 soldados norte-americanos foram mortos, um deles à punhaladas. A resistência destruiu 2 veículos Humvee e levou os corpos dos soldados norte-americanos.

A imprensa americana esconde tortura em crianças no Iraque

O jornalista norte-americano William Rivers Pitt escreveu um artigo dos mais esclarecedores sobre o nível de barbaridade e estupidez que chegaram as tropas norte-americanas no Iraque, torturando e violando crianças.

O artigo completo está no site www.jornalaguaverde.com.br em português, e revela, entre outras denúncias, que a maior história sobre a ocupação do Iraque é a tortura e violação - estupro - de crianças iraquianas por soldados norte-americanos nos centros de detenção, segundo acusações comprovadas pela Cruz Vermelha Internacional, divulgadas na emissora de TV alemã, no programa Report Mainz.

O repórter Seymour Hersh, da *New Yorker*, revelou durante uma convenção universitária que viu imagens e vídeos que a mídia norte-americana e mundial não divulgaram em Abu Ghraib: Com as câmeras ligadas, podíamos ver as crianças sendo sodomizadas. O pior de tudo era ouvir os seus gritos.

O artigo diz que Hersh descreve a prisão como "um lugar repleto de crimes autorizados pelas mãos da administração americana", e que "o comportamento errático e criminoso em grande parte das tropas ocupantes foi garantido pelo Alto-Comando dali, e por superiores."

Denúncias de abusos em Abu Ghraib e em outras prisões americanas foram tornadas públicas desde a aparição do Relatório Geral Taguba. Recentemente 196 anexos ao relatório, anteriormente vetados, foram liberados. O U.S. News and World Report detalhou esses anexos em um artigo chamado "O Inferno Na Terra". Nele, o jornal diz que "onde os abusos tomaram parte, os arquivos mostram um caótico e perigoso ambiente, criado pela pressão cada vez maior e constante por parte de Washington, para extrair informações dos detentos."

William Rivers Pitt conclui seu artigo afirmando que "Evidências fotográficas e de vídeo dessas torturas e abusos estão nas mãos dos responsáveis da revista *New Yorker*, do *Washington Post*, do Congresso dos Estados Unidos e da Casa Branca. Precisam ser revelados.

Nós invadimos um país baseados no falso argumento de que o Iraque estava aliado à al-Qaeda. Invadimos um país baseados em uma falsificação de que nele haviam armas de destruição em massa que deveriam ser destruídas.

Prometemos liberdade e democracia e, ao contrário, instalamos um brutamontes treinado pela CIA chamado Allawi, que pode ser tudo, menos democrata. Ele criou uma ditadura no Iraque, é acusado de matar guerrilheiros iraquianos com suas próprias mãos. Mais de novecentos soldados

americanos morreram para que tudo isso fosse concretizado.

Matamos milhares de civis inocentes nas ruas das cidades iraquianas e os atiramos em prisões que são verdadeiros infernos, onde eles são surrados, estuprados e mortos. A verdade foi escondida dos olhos dos cidadãos americanos porque nenhuma imagem dos abusos foi exibida durante as últimas semanas. As imagens estão aí, e mostram o estupro e a tortura de crianças. A mídia internacional começa a mostrar essas imagens. A Noruega, nossa aliada na coligação, prepara-se para deixar o Iraque por causa dessas crianças.

Onde está a imprensa americana? Onde estão as fotografias? Quem são os responsáveis por essa ignomínia? Torturar crianças em nome da Paz? É isso que nós nos tornamos?"

A chamada grande imprensa brasileira é cúmplice por silenciar sobre esses crimes cometidos pelas tropas de ocupação do Iraque.

A grande imprensa brasileira engana o público - de forma mercenária - ao trabalhar como eixo de transmissão das mentiras do governo norte-americanos sobre um dos maiores crimes contra a Humanidade: a guerra por petróleo e por interesses sionistas.

As calhas das casas jorrando sangue!

A cidade de Fallujah foi praticamente arrasada pelas forças estrangeiras que ocupam o Iraque, com a desculpa de atacar insurgentes, rebeldes, terroristas, radicais islâmicos etc.

O jornal *Al Jazeera* transcreve o artigo de um jornalista inglês em Fallujah, Raul Mahajan, segundo o qual em um dos ataques norte-americanos foram assassinados 600 iraquianos, dentre os quais 200 eram mulheres e 100 eram crianças recém nascidas.

Raul Mahajan descreveu ao jornal *New Standard News* que durante o cessar-fogo os norte-americanos atacaram as ambulâncias. E mais: "a realidade é complicada. Isto aqui não é algo monolítico, uma laje com certezas morais e imperativos éticos. O nosso governo não assinou o protocolo de Kyoto; não assumimos esta responsabilidade com a fome e a sede de milhões de pessoas. A nossa arrogância e o nosso consumismo estão ameaçando a própria civilização. A invasão do Iraque é ilegal, é simplesmente a continuação do nosso modo de vida. Os meios de comunicação afirmavam que o povo iraquiano estava sendo massacrado sob o regime de Saddam Hussein, e que Bush e Blair deviam libertar os iraquianos. Todo mundo acreditou nessas mentiras. Onde estão as armas de destruição em massa? E agora estamos presenciando esses massacres diários que não são transmitidos para o ocidente. Mas o que é a realidade? A realidade é o seguinte, é o que estou vendo no Iraque:

1 - Ao visitar a casa de Abdel Wahab, motorista de alguns jornalistas estrangeiros, deparei-me com escombros. Restava apenas a lavanderia da casa, e o corpo de Haider Wahab, de apenas 6 anos de idade. Ele foi morto e seu corpo foi pendurado na porta da lavanderia. Seu pai estava ao lado, também assassinado, com um tiro na cabeça. As escavadeiras trabalhavam para remover os destroços, e o corpo de uma mulher foi removido. Em uma das mãos ela tinha uma bandeira branca, mas a casa foi parcialmente destruída por um míssil. Ao remover a laje de um dos quartos, saíram feridas três crianças gritando "Baba, Baba" (Pai, Pai);

2 - Nas ruas próximas à casa de Abdel vi três ambulâncias incendiadas enquanto transportavam vítimas iraquianas.

3 - Caminhei mais algumas quadras e vi dezenas de corpos esquartejados por mísseis.

O exército norte-americano afirma que foram mortos perto de 300 iraquianos, embora qualquer pessoa com o mínimo de visão possa comprovar, ver pelas ruas, que o número passa de 600. O porta-voz afirma que são todos insurgentes, seguidores de Saddam Hussein, radicais islâmicos, mas o que eu vejo são crianças, mulheres, velhos, jovens, homens e mulheres trabalhadores. Nosso motorista era um homem pacífico, cristão.

No passado o governo dos Estados Unidos afirmava que todos os mortos vietcongs eram combatentes comunistas. Hoje o inimigo é o árabe muçulmano. Pilhas de mortos invisíveis para o governo Bush.

Vocês imaginem se um país muçulmano invadissem a Inglaterra. Imaginem suas Forças Armadas bombardeando Derby, alvejando deliberadamente as igrejas católicas, porque seria onde os 'terroristas cristãos' estariam escondidos. Imaginem atiradores gritando o nome de Allah enquanto disparavam em todas as direções no centro da cidade, com armas leves, pesadas, mísseis e tanques de guerra, até que as calhas das casas começassem a verter sangue. Imaginem que foram mortos mais de 600 ingleses. Imaginem os líderes religiosos afirmando que todos os mortos eram combatentes, insurgentes, terroristas. Como você se sentiria? Esta história não é o Vietnã. Isto está acontecendo agora, sob o nosso governo. Se você ignorar estes fatos, se você preferir acreditar na televisão que só mostra mentiras, você estará sendo cúmplice de assassinato em massa. A escolha é sua: você apóia os assassinos ou não? Se você não os apóia, deve fazer algo. O seu silêncio vai fortalecer os criminosos e

no *The New York Times*, “Como A Europa Pode Travar o Ódio”, afirmou, referendo-se aos membros dos Estados europeus: “Certificarem-se de que os seus cidadãos têm uma compreensão honesta sobre o Holocausto é vital, uma vez que o ponto de vista revisionista coloca-nos no risco de uma repetição de um genocídio de conotações raciais.” Nos dias 16 e 17 de Junho, o presidente George W. Bush criticou a “história revisionista” e os “historiadores revisionistas” por expressarem dúvidas acerca da versão oficial da guerra dos EUA contra o Iraque.

De certo modo, Ernst Zündel e Wolfgang Fröhlich bem podem ser as primeiras vítimas revisionistas de Bush e de Giuliani.

Em Janeiro de 1944, o presidente Franklin D. Roosevelt, manipulado por Henry Morgenthau, Jr., o seu Secretário do Tesouro, criou a Comissão sobre Refugiados de Guerra (CRG), que produziu o infame relatório sobre os “Campos de Exterminação Alemães – Auschwitz e Birkenau”. Em Setembro de 2001, o presidente George W. Bush, manipulado por Paul Wolfowitz, o seu Secretário de Defesa Delegado, criou o Departamento de Planos Especiais (DPE), que produziu relatórios irreais sobre as Armas de Destruição Massiva (ADM) do Iraque. O DPE é encabeçado por Abram Shulsky. Os indivíduos do DPE que são responsáveis pelos relatórios sobre as ADM dão a si mesmos o nome de “a Cabal” (de “cabala”). (Isto foi reconhecido por Seymour M. Hersh na revista *The New Yorker*, 12 de Maio, 2003, e por Jacques Isnard no jornal *Le Monde*, 7 de Junho, 2003, pág. 7.)

Mentiras semelhantes. Mentirosos semelhantes. Beneficiados semelhantes. Vítimas semelhantes.

Portanto, assim o parece, é necessário um Revisionismo semelhante.

Nota: No dia 17 de Junho, o diário francês *Le Monde* editou um irónico artigo de primeira página com o título (em francês): “Saddam era maléfico, portanto tinha armas proibidas.” Enviei ao *Le Monde* uma carta com uma só frase, destinada a publicação: “Hitler era maléfico, portanto tinha câmaras de gás.” A minha pequena carta não foi publicada.

23 de Junho, 2003

<http://www.econac.net/dirliip-128.htm>

NOS ULTIMOS DEZ ANOS

A Alvorada De Uma Nova Era

Germar Rudolf

Em 1996, tive que abandonar a minha residência na Alemanha, onde publicações como esta são frequentemente sujeitas a confiscação e os seus autores e editores processados, multados e, por vezes, atirados para as cadeias por divulgarem pontos de vista históricos diferentes, principalmente quando se toca no “Tópico Nº 1”, o ‘Holocausto’.

Escapuli-me destas leis de censura alemãs e da queima de livros que tem vindo a assolar a Alemanha desde a reunificação alemã em 1990. Qualquer leitor interessado no porquê da Alemanha ter emitido um mandato de captura internacional contra o editor deste periódico pode encontrar a resposta num novo livro: *The Rudolf Report. Expert Report on Chemical and Technical Aspects of the ‘Gas Chambers’ of Auschwitz.* (O Relatório Rudolf. Relatório Pericial Sobre Os Aspectos Químicos e Técnicos Das “Câmaras de Gás” de Auschwitz.)

Após o famoso *Leuchter Report* (disponível em língua portuguesa através da Revisão Editora, com o título *Acabou o Gás*), que continha muitas afirmações acerca das alegadas câmaras de gás de Auschwitz, ter sido desmantelado por críticos hostis, o meu relatório pericial – repleto de provas científicas que comprovam muitas das afirmações de Leuchter – foi recebido como um importante alívio pela ‘comunidade revisionista’. Como consequência, foi desencadeada uma perseguição em todas as parcelas da sociedade alemã contra a minha pessoa. Embati violentamente contra a parede de betão do sistema. A única saída, assim julguei, era partir para o exílio onde poderia continuar a minha luta pela exactidão e sabedoria científica, e no qual pretendia restaurar a minha honra. Queria provar que tinha razão.

Portanto, em 1997, comecei a editar um periódico em alemão que focava os tópicos históricos que são fortemente censurados na Alemanha, seja apenas por pressão social ou mesmo por meios legais. Foi uma audácia da minha parte, uma vez que sabia que mais cedo ou mais tarde teria que

enfrentar a fúria das autoridades alemãs, que colocariam em movimento todo o aparato necessário para a minha extradição. Também julguei que tentar vender um periódico que é considerado 'ilegal' pelas autoridades alemãs podia falhar devido à ansiedade tanto dos meus potenciais clientes e daqueles que se encontram na Alemanha e que eram necessários para a promoção dos meus produtos. Afinal, expõem-se a assédios ou mesmo a uma perseguição por parte das autoridades alemãs quando compram /vendem /distribuem /divulgam o meu controverso material científico.

Estava certo em esperar que as autoridades alemãs tentassem obter a minha extradição. Chegou a um ponto em que o governo alemão me considera agora uma das maiores ameaças à sua constituição, apesar de eu não fazer mais do que editar interpretações e factos históricos, das quais os artigos que se encontram nesta edição representam uma amostra. Quão inseguro se deve sentir um governo se considera artigos inofensivos como aqueles editados nesta publicação como uma das mais severas ameaças à sua existência?

Nos últimos dez anos, ganhei alguma experiência no que toca a lidar com perseguições por parte das autoridades, portanto posso assegurar-vos de que todas as tentativas de me atirarem para uma masmorra alemã durante anos sem fim não tem obtido qualquer sucesso até agora e continuarão a falhar.

Os meus receios no que toca aos riscos na edição de material científico dissidente, contudo, estavam incorrectos. O meu periódico alemão *Vierteljahreshefte für freie Geschichtsforschung* (quadrimestral da livre pesquisa histórica) encontra-se actualmente no seu 7º ano de publicação. Tem um número razoavelmente estável de assinantes e recebe uma atenção cada vez maior de todas as partes, até do sistema uma vez que este se apercebeu de que os argumentos exactos e convincentes publicados nas minhas revistas, livros e folhetos não irão desaparecer só porque me ignoram, difamam, ameaçam ou insultam. Têm que lidar com os argumentos.

Alcansei este currículo sob as circunstâncias mais difíceis, i.e., produzindo livros e periódicos de qualidade apesar de, ao mesmo tempo, ter de trabalhar na clandestinidade e por vezes mesmo 'em fuga'. Apesar do apoio financeiro que recebi ser marginal quando comparado com todos os indivíduos e organizações activas neste campo, foi encorajado por um número cada vez maior de académicos de todo o mundo a não só editar livros em inglês (o que faço através da *Theses and Dissertations Press*), mas também a lançar um periódico em inglês com artigos controversos sobre temáticas históricas ignoradas pelos editores do 'sistema'.

O ambiente do seu pedido é o facto de que há quase dez anos a esta parte, os periódicos existentes em língua inglesa que promovem o revisionismo terem, basicamente, ignorado todas as actividades de pesquisa e de publicação que decorrem no estrangeiro e, por várias razões, também alienaram muitos escritores e investigadores revisionistas. Como resultado, quem compreende a língua inglesa, i.e., quase todo o mundo, não tem como conhecer os tremendos progressos levados a cabo pelos revisionistas durante esses anos. Muitos revisionistas chegaram à conclusão de que, depois de o tentarem durante vários anos, esses velhos periódico já não podiam ser reformados, e portanto, era necessário criar uma nova revista. O Dr. Robert H. Countess, por exemplo, que colabora nesta edição, sentiu recentemente que o revisionismo em língua inglesa estava a "implodir", e o Prof. Arthur R. Butz considerou as actuais actividades neste campo de "comatosas".

Foram necessários quatro anos para que amigos e apoiantes me convencessem a tomar uma atitude, de dar um segundo grande passo no meu historial como editor. O resultado é este.

Actualmente, a empresa editorial *Castle Hill Publishers* é uma operação muito pequena. Isso pode alterar-se ao longo dos próximos anos se esta empreitada obtiver sucesso. Mas por agora, dependo do – e estou tremendamente grato pelo – apoio que obtenho de inúmeros voluntários de todo o mundo. Traduzem, coordenam a pesquisa, escrevem e revêem artigos, criticam livros e jornais, e auxiliam na operação da maior página revisionista do mundo que aloja *The Revisionist* e milhares de outros livros e artigos revisionistas (www.vho.org).

Portanto, *The Revisionist* é na realidade a "nossa" revista. É feito por e com a ajuda de pessoas como eu e tu, e promove artigos que valem a pena ler sem aplicar a restrita política de censura editorial utilizada por outros periódicos. Com um esforço conjunto, podemos e iremos levar o revisionismo ao topo!

Espero que goste de ler o primeiro número do *The Revisionist* e que nos possa auxiliar na promoção desta nova e excitante revista.

In *The Revisionist*, nº 2, 2003

PRISÃO 3

Historiador preso porque negava Holocausto passa a admitir que ele existiu

LONDRES - O historiador britânico David Irving, preso à espera de um processo na Áustria por apologia ao nazismo, admitiu finalmente nesta quarta-feira que o Holocausto aconteceu, afastando-se de sua tese de negação que o transformou em ídolo nos ambientes neonazistas.

O Holocausto existiu - afirmou Irving, através de seu advogado, Elmer Kresbach.

Irving também condenou os crimes do Terceiro Reich e o extermínio por motivos raciais, mas também fez uma distinção entre o "primeiro" Adolf Hitler e o posterior, salvando o primeiro.

O historiador britânico confirmou também que na prisão está escrevendo suas memórias e que já tem 15 páginas prontas.

Em 20 de fevereiro o historiador será processado em um tribunal em Viena com base em um mandato de prisão que remonta a 1989. Em 11 de novembro foi preso na Áustria e em 25 de novembro o juiz de investigações preliminares confirmou a detenção.

O Globo online 21 dez. 2005

<http://oglobo.globo.com/online/mundo/plantao/2005/12/21/189716718.asp>

MODALIDADES DE GENOCIDIO

Sionismo e nazismo

António Louçã

Se a comparação entre Ramallah e Auschwitz é certamente incorrecta, esse não é um motivo bastante para a colocar na conta de uma emotividade desculpável num escritor ou artista. Saramago autojustificou-se com o seu dever, como escritor, de provocar reacções na opinião pública. Mário Soares desculpou Saramago, invocando o direito do escritor à indignação. Ambas as explicações pecam por demasiado displicentes. Para além do fundo emotivo, é preciso discutir o fundo racional, se existe algum, nas palavras de Saramago. Estou à vontade para propor essa discussão porque fui por vezes, no tratamento de diversos temas da história do século XX, alvo de uma conotação maliciosa com o "judaísmo internacional" - uma acusação muito do agrado da extrema-direita.

As analogias históricas são legítimas desde que se recorra a elas tendo presentes os seus limites. O sionismo e o nazismo não são irmãos gémeos. Mas a guerra em curso tem sublinhado de forma dramática alguns paralelos entre ambos. O sionismo não tem campos de extermínio com câmaras de gás, e nisto continua a distinguir-se claramente do nazismo. Mas a jornalista israelita que retoricamente perguntou a Saramago onde estavam as câmaras de gás parecia reconhecer que essa era a última trincheira em que podia refugiar-se para marcar diferenças entre sionismo e nazismo. A resignação é precipitada, porque ainda há algumas outras diferenças de monta. Só que elas tendem a reduzir-se a um ritmo alarmante.

Para chamar as coisas pelos nomes, não podemos limitar-nos, como a habitualmente rigorosa Esther Mucznik, [*ver O revisionismo em lingua português n.º 2*] a um eufemismo sobre a "disputa pela terra". **A limpeza étnica que o sionismo realiza contra os palestinianos é em tudo semelhante à limpeza étnica que o nazismo realizou nos anos 30 contra os judeus**, quando ainda não era evidente que iria dedicar-se a exterminá-los. A combinação de violências físicas com pressões económicas era a receita do nazismo para afugentar os judeus, e volta a ser a receita do sionismo para afugentar os palestinianos - com uma intensidade aliás superior à do nazismo até Novembro de 1938.

Há várias modalidades de genocídio. Algumas começam antes mesmo da limpeza étnica e muito antes das câmaras de gás. Ao decidir privar os polacos de qualquer instrução que fosse além das contas de somar e das primeiras letras mal soletradas, Heinrich Himmler formulava um programa genocida - eis uma reflexão lapidar que ouvi ao grande historiador israelita Yehuda Bauer e que só pode redundar na condenação de Israel como potência genocida.

A "lei do regresso" foi comparada com as leis de Nuremberga por intelectuais israelitas íntegros e corajosos. Ela tem, efectivamente, em comum com aquele abominável precedente a concepção de que alguém que nasceu longe e nunca conheceu o país pode ter o direito a vir instalar-se nele expulsando pela força alguém que aí nasceu e construiu a sua vida. Com um critério racista, os nazis encorajavam a vinda dos alemães ou germano-descendentes do estrangeiro para ocuparem o lugar dos judeus a expulsar. Com um misto de critérios raciais e religiosos, os sionistas encorajam a vinda de judeus residentes no estrangeiro para ocuparem progressivamente o lugar dos palestinos. Os colonatos são actualmente um monumento póstumo ao nazismo construído à sombra da Estrela de David e das metralhadoras do Tsahal.

A "limpeza étnica" não consistiu para o nazismo, nem consiste para o sionismo, nem pode nunca consistir para ninguém, num simples e inócuo plano de transplantar populações. Esses planos têm sempre por trás uma pulsão "eliminacionista", porque não se transplanta milhões de pessoas sem fazer morrer muitos milhares. Assim, os planos do nazismo para deportar judeus em direcção à Polónia, ou a Madagáscar, não podem ser vistos como uma modalidade mais benigna do genocídio, e sim como parte orgânica de um processo cuja lógica interna já apontava para Auschwitz. Há israelitas, colonos e não só, que dizem diante das câmaras de filmar o mesmo que pensa Sharon: que os palestinos devem ser expulsos porque têm muitos países árabes onde reorganizar as suas vidas. Que eles adoecessem ou morressem "como piolhos", na expressão do falecido ministro israelita Rehavam Zeevi, seria indiferente. Esta é uma atitude genocida idêntica à dos nazis nos anos 30.

A política de confinar os grupos de população considerados indesejáveis em ghettos onde vão definhando também é comum ao nazismo e ao sionismo. A miséria e a doença que grassam nesses ghettos tornam-se depois uma pretensa confirmação da sub-humanidade dos grupos discriminados. A revolta generalizada que germina torna-se o pretexto para expedições punitivas, em que toda a população é considerada terrorista. A detenção de todos os homens acima dos 14 anos é um procedimento típico dos ocupantes nazis. Sob esse aspecto, é verdade o que dizia o historiador militar israelita Martin van Creveldt: marcar os braços dos detidos com um número, como os nazis faziam em Auschwitz, "apenas" é chocante por ser um sinal exterior e altamente simbólico do parentesco entre nazismo e sionismo. Mas o mal está, segundo o próprio Creveldt, na ocupação dos campos de refugiados, na criminalização em massa da população. A partir do momento em que são estes os ingredientes da política adoptada, também é inevitável que os seus sinais exteriores se assemelhem aos do nazismo, porque a marcação dos números é uma forma óbvia de identificar um grupo tão extenso como a população masculina acima dos 14 anos.

Também o entusiasmo dos estrategas israelitas pelas técnicas nazis aplicadas na destruição do ghetto de Varsóvia em Abril-Maio de 1943 resulta de um parentesco ineludível: o carácter suicidário das revoltas nos ghettos judeus de então e nos ghettos palestinos de agora apresenta semelhanças que levam as receitas repressivas a mimetizar-se. Tal como o general nazi Jürgen Stroop, o exército israelita compartimenta os campos de refugiados, identifica os edifícios onde existem franco-atiradores, destrói esses edifícios, captura toda a população capaz de combater. Quando o diário israelita *Ha'aretz* de 25 de Janeiro denunciou o estudo do modelo contra-insurreccional nazi pelo exército israelita, o porta-voz de Ariel Sharon, Ra'anan Gissen, limitou-se a explicar à imprensa que os seus oficiais acharam que "era parecido, porque iam andar a combater rua a rua contra a Autoridade Palestiniana". A comparação é de Gissen, não de Saramago.

Os refuseniks israelitas que se sujeitam à prisão por desobediência têm bons motivos: eles não querem encontrar-se a si próprios no papel dos jovens nazis que esmagaram a Intifada do ghetto de Varsóvia e massacraram os seus avós insurrectos. Existe actualmente na sociedade israelita uma fractura fundamental entre os que, ao referirem-se ao Holocausto, dizem "aquilo nunca mais pode acontecer" - e aqueles que dizem "aquilo nunca mais pode acontecer-nos". Há os que condenam os crimes do nazismo em nome de direitos humanos considerados universais e aqueles que os condenam porque foram cometidos contra judeus. Na evocação do passado esquecem ciganos, russos, comunistas, Testemunhas de Jeová, homossexuais. Na apreciação do presente nada vêem de reprovável, porque as prepotências de hoje não são contra os judeus, mas contra os árabes. Diga-se aliás de passagem: ao exercerem-se contra os árabes, essas prepotências são também anti-semitas.

As execuções de prisioneiros a sangue-frio, cuja denúncia motivou a fúria do exército israelita e os seus sucessivos disparos contra jornalistas, ainda não têm o carácter sistemático que tinham as execuções dos Einsatzkommandos na Frente Leste. Mas já o tiveram, nos massacres de Sabra e Chatila, e podem voltar a tê-lo. Dir-se-á que esses dois massacres não foram realizados pelo exército israelita e sim pelos mercenários libaneses ao seu serviço. Admitamos essa versão, embora recentemente tenham surgido indícios de que Sharon fez muito mais do que abrir as portas dos campos com a intenção de propiciar o massacre. Ainda assim mantém-se a analogia com o nazismo: muitos dos pogroms realizados na Frente Leste, massacrando aldeias inteiras, foram obra da soldadesca ucraniana ou lituana ao serviço das SS.

Num ponto, o sionismo continua e continuará sempre a distinguir-se do nazismo. Este era a expressão de um imperialismo alemão que aspirava ao domínio do mundo no segundo quartel do século XX. O sionismo está condicionado, com rédea curta, pelos estímulos e pressões do imperialismo que domina o mundo no alvorecer do século XXI. Para além de contradições secundárias, encontra-se em Washington, na Casa Branca, a responsabilidade última das acções de Israel e a explicação última para o facto de o criminoso de guerra Ariel Sharon nunca se ter sentado perante um tribunal internacional.

14 may 2002

<http://www.brama.com/survey/messages/18662.html>

A MENTE TERRORISTA DE ARIEL SHARON

Fatos que os Negros [e Brancos também] Deveriam Saber Sobre Israel...

Em 13 de agosto de 1982, pilotos de F-16 israelenses foram mandados por Ariel Sharon para destruir os 18 andares do edifício Aker, em Beirute. Sharon pensava que o Presidente Arafat e a liderança da OLP estavam tendo um encontro no subsolo do prédio (um arranha-céu, para os padrões do Oriente Médio). Os F-16 transformaram o prédio de 18 andares em cascalho. 485 homens, mulheres e crianças foram mortos.

Arafat e a liderança da OLP não estavam lá. Na verdade, eles nem sequer haviam estado lá. O prédio era habitado por cristãos palestinos que tiveram de sair do campo de refugiados de Dibayah que havia sido saqueado pelos falangistas libaneses (aliados de Sharon) após haverem sido desalojados à força de suas casas e cidades na Palestina, em 1948. (Itsel, a organização terrorista judaica liderada por Sharon, empurraram os palestinos cristãos para fora de suas vilas e cidades, na Palestina, para o Líbano em 1948).

Você sabia que israelenses não judeus são proibidos de comprar ou arrendar terra em Israel?

Você sabia que as placas de automóveis em Israel e territórios ocupados têm códigos de cor para distinguir judeus de não judeus?

Você sabia que nos territórios ocupados as autoridades israelenses distribuíram 85 por cento os recursos de água para a minúscula população judia, e os 15 por cento que sobram para a muitíssimo maior população árabe? Em Hebron, por exemplo, 85 por cento da água está colocada no lado de cerca de 400 "colonos" judeus, enquanto os 15 por cento restantes devem ser divididos entre os 120.000 não judeus de Hebron?

Você sabia que os Estados Unidos fornece a Israel \$5 bilhões em ajuda a cada ano?

Você sabia que a ajuda anual dos EUA para Israel é maior do que a ajuda dos EUA para todos os países africanos abaixo do Saara somados?

Você sabia que Israel é o único país no Oriente Médio que possui armas nucleares?

Você sabia que Israel é o único país no Oriente Médio que se recusa a assinar o tratado de não proliferação de armas nucleares, e barra a inspeção internacional desses locais?

Você sabia que Israel por mais de 30 anos ocupou o território da vizinha Síria desafiando o direito internacional e resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas?

Você sabia que Israel tem por décadas enviado rotineiramente assassinos para matar inimigos políticos em outros países?

Você sabia que oficiais do alto escalão das Forças de Defesa de Israel admitiram que tropas das FDI mataram sumariamente prisioneiros de guerra desarmados?

Você sabia que Israel recusa processar as tropas das FDI que admitiram ter executado prisioneiros de guerra?

Você sabia que Israel rotineiramente confisca contas bancárias, negócios e terra de não judeus, e recusa pagar compensações para as vítimas?

Você sabia que em 8 de junho de 1967, aviões de guerra israelenses atacaram uma embarcação naval americana, o USS Liberty, em águas internacionais, matando 34 marinheiros americanos, e ferindo ainda 171?

Você sabia que a segunda mais poderosa organização de lobby nos Estados Unidos, de acordo com uma recente pesquisa da revista Fortune feita por observadores em Washington, é a judia AIPAC.

Você sabia que Israel continua desacatando 69 Resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas?

Você sabia que Israel hoje inclui os antigos lugares de mais de 400 vilas palestinas agora desaparecidas, e que os sionistas rebatizaram quase todo ponto material do país para acobertar os traços de seu confisco?

Você sabia que quatro ministros de Israel - M. Begin, Y. Shamir, Y. Rabin, e A. Sharon - tomaram parte em ataques com bombas contra civis, massacres de civis, ou expulsões forçadas de suas vilas?

Você sabia que o Ministério do Exterior de Israel paga duas firmas de relações públicas americanas para promover Israel para o público americano?

Você sabia que a coalizão do governo de Sharon inclui um partido - Molodet - que defende a expulsão de todos os não judeus dos territórios ocupados?

Você sabia que em oito anos desde a assinatura do acordo de Oslo, Israel aumentou suas construções de "assentamentos" judeus, violando o acordo?

Você sabia que a construção de "assentamentos" judeus nos territórios ocupados dobraram sob o "moderado" Primeiro Ministro Ehud Barak, comparado ao "linha dura" Primeiro Ministro B. Netanyahu?

Você sabia que Israel certa vez lançou um selo de comemoração para um homem que atacara um ônibus de civis e matara várias pessoas?

Você sabia que recentes documentos liberados indicam que o primeiro Primeiro Ministro de Israel, David Ben-Gurion, em pelo menos algumas casos aprovou a expulsão de palestinos em 1948?

Você sabia que a despeito do banimento da tortura pela Alta Corte de Justiça de Israel, os interrogatórios do "Shin Bet" de Israel continuam a torturar prisioneiros palestinos?

Você sabia que os refugiados palestinos formam a maior fatia da população mundial de refugiados?

<http://holocaustonegro.jeeran.com/>

LA HISTORIA NO ES COMO NOS LA CUENTAN

¿Cómo es la historia?

Por Juan Gelman

La tradición quiere que la desorganización del caos precede a la formación del mundo y es, desde luego, involuntaria. El gobierno Bush la fomenta en Irak deliberadamente y cuestiona esta antigua concepción: sucede que buena parte de las atrocidades atribuidas a las milicias chiítas o sunnitas son la obra de fuerzas especiales y comandos que el gobierno controla y especialistas yanquis entrenan (www.globalresearch.ca, 2-12-05). Es habitual encontrar cuerpos de personas que fueron esposadas, torturadas y fusiladas. Puede tratarse de los 17 pequeños comerciantes y taximetreros de la aldea de Taji, a 16 km al norte de Bagdad, que en mayo fueron secuestrados por unos 50 hombres con uniforme del ejército iraquí que descendieron de vehículos militares y los arrancaron de sus casas (www.newsday.com, 15-5-05). O de los 15 campesinos detenidos en un mercado bagdadí que a comienzos de ese mismo mes fueron hallados en la zona industrial de Kasra-Wa-Atash con un tiro en la cabeza (*BBC*, 6-5-05). Son víctimas de escuadrones de la muerte que ejercen una violencia más sistemática que la de los terroristas suicidas que también matan civiles indiscriminadamente.

Es notorio que poco después de la invasión, EE.UU. comenzó a reclutar a ex miembros de las fuerzas de seguridad de Saddam Hussein para combatir a la naciente insurgencia y reabrir centros de tortura como Abu Ghraib. Al mismo tiempo y con el mismo objetivo, milicias de chiítas extremistas se dispersaban por territorio iraquí. Los unos y los otros fueron formalmente incorporados al Ministerio del Interior bajo los sucesivos gobiernos provisionales inventados por las tropas ocupantes. Chiítas y sunnitas presuntamente enemigos comparten oficinas de la dependencia y misiones que los jefes de turno ordenan. A Washington le sobra experiencia en materia de ejecuciones extrajudiciales: la propia CIA informó que fueron 21.000 durante la guerra de Vietnam (www.serendipity.li/cia/operation-phoenix.htm, 19-2-96).

Los asesores norteamericanos enseñan a las nuevas fuerzas de seguridad iraquíes en qué consiste "la opción El Salvador", el programa de contrainsurgencia de Reagan que segó la vida de decenas de miles de campesinos salvadoreños. Resulta imposible saber con exactitud cuántos civiles iraquíes son víctimas de los escuadrones de la muerte. Faik Baqr, director de la morgue central de Bagdad, declaró que el número de muertes sospechosas bajo Saddam eran de 200 a 250 por mes, con unas 16 producidas por disparos. Bajo la ocupación estadounidense, esa cifra oscila entre las 700 y 800 mensuales, con unas 500 motivadas por armas de fuego (www.realcities.com, 27-6-05). Se ve que ahora hay democracia en Irak.

El actual viceministro del Interior encargado de los servicios de inteligencia, Hussein Ali Kamal, alega que los asesinos no forman parte de su personal y que se trata de insurgentes disfrazados de policías que matan para fomentar enfrentamientos sectarios (*BBC*, 13-7-05). Por su parte, los periodistas en el terreno señalan "el extraordinario sentido de impunidad que preside los secuestros y las ejecuciones" (*The Observer International*, 3-7-05) y el armamento y los vehículos militares que se emplean, propios de las fuerzas de seguridad del "nuevo Irak". Yasser Salihee, un periodista de la cadena de periódicos *Knight Ridder*, reunió varios testigos dispuestos a denunciar la participación de comandos oficiales en 12 asesinatos de civiles. Steven Castel, hoy principal asesor norteamericano del Ministerio del Interior iraquí y antes jefe del servicio de inteligencia de la DEA, negó las acusaciones, pero el asunto quedó ahí: pocos días después, un francotirador norteamericano acabó con la vida del periodista. (*Moscow Times*, 2-12-05). Casualidades son casualidades.

La Casa Blanca habla de retirar 50.000 efectivos el año que viene, pero no ha abandonado su objetivo central: controlar militarmente a Irak para exprimir sus riquezas energéticas por intermedio de un gobierno títere y, si esto fuera imposible, alimentar el caos y los conflictos sectarios a fin de mantener la inestabilidad del país ocupado. Para ello no vacila en contratar y entrenar a asesinos profesionales: los "halcones-gallina" no pueden permitir que un gobierno iraquí fuerte acaricie la fantasía de detener la ola de "privatizaciones" petroleras que prosiguen y de anular la prevista apertura de las reservas de oro negro a inversores extranjeros seleccionados que, según *The Independent*, llevaría unos 200 mil millones de dólares a los bolsillos de los amiguetes de W. Bush. Ahora se entiende qué quería decir el presidente norteamericano con "la liberación" de Irak.

La mente calenturienta de los llamados neoconservadores no se detiene ahí. El Pentágono elaboró hace años un plan secreto destinado a servir de pretexto para intervenir militarmente en países donde grupos terroristas "ponen en peligro su soberanía" (<http://www.collectioncf72.blogspot.com>, 15-4-05). El plan consiste, qué raro, en extender

deliberadamente el terrorismo. El conocido periodista del *New Yorker* Seymour Hersh reveló en abril que el Pentágono no sólo infiltra esos grupos con agentes provocadores que financian y acicatean sus ataques: también crea sus propios grupos terroristas y escuadrones de la muerte como los que funcionan en Irak. Un enfebrecido W. Bush ha firmado órdenes secretas que dan a Donald Rumsfeld plena autoridad para convertir al mundo entero en "zona libre" para esos operativos encubiertos, que los jefes militares no supervisan y se enteran de ellos cuando se han ejecutado. El Pentágono cuenta con una partida de 500 millones de dólares para reclutar "milicias" locales en distintas partes del planeta. Su modelo, anota Hersh, es la brutal represión que **Londres lanzó en los '50 contra los Mau Mau de Kenia**: las tropas británicas establecieron campos de concentración, organizaron sus grupos terroristas y asesinaron a miles de civiles etiquetados como "rebeldes" contra el dominio colonial del Reino Unido. Se trata de la segunda etapa de la presunta guerra antiterrorista y Washington organiza más terrorismo contra "la insurgencia mundial". Es decir, más terrorismo de Estado contra pueblos y países con pretensiones soberanas. Y sobre todo con petróleo, como Irán.

Página 12 08/12/2005

<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/12/340564.shtml>

NOVA ORLEÃES

Black Panthers Aderem à Batalha de Nova Orleães

Um contingente de militantes armados do New Black Panther Party conduziu buscas de salvação resgatando 500 negros em Nova Orleães. Até aqui tudo bem! Só que agora os Black Panthers juntaram-se aos gangs negros para combater os policias e soldados brancos que tentam controlar e evacuar a cidade naquilo que afirmam ser uma guerra racial contra os negros por parte do sistema camuflada de missão de salvação... Segundo Malik Zulu Shabazz os soldados e policias aproveitaram a propaganda criada em torno dos gangs de saqueadores negros para abater qualquer negro que encontrem nas ruas de Nova Orleães. Há meses um representante do New Black Panther Party, liderado por Shabazz, confirmou uma entrevista ao Portal ECONAC, num esforço do extinto portal em divulgar grupos nacionalistas raciais negros, a entrevista acabou por não ocorrer. Os New Black Panther Party acreditam numa conspiração mundial de sionistas e brancos para exterminar a raça negra e têm causado polémica em palestras onde distribuem literatura revisionista e nas quais negam a existência do Holocausto judeu às mãos dos Nazis.

<http://www.principefelipe.es.vg/>

POLÉMICA

Por teses negacionistas

ó

Abbé Pierre pede perdão

Abbé Pierre, conhecido padre francês defensor da causa dos sem-abrigo, decidiu pedir "perdão" às pessoas que se terão sentido "feridas" e chocadas com as suas posições a propósito do livro do filósofo Roger Garaudy (antigo comunista convertido ao Islão) "Os mitos fundadores da política israelita". A obra provocou uma grande polémica porque Garaudy defendia teses negacionistas do Holocausto e o padre, seu amigo desde há muito e antigo combatente da Resistência francesa ao nazismo, saiu em defesa do filósofo. Acabou por ser o Abbé Pierre o mais atacado, por ninguém esperar que ele tomasse as posições que acabou a tomar.

Os três grupos a quem o fundador dos Companheiros de Emaús mais ofendeu são "a Igreja, a Fundação Emaús e os [seus] irmãos judeus. Num texto publicado no jornal francês de inspiração católica, *La Croix*, Abbé Pierre diz que as suas posições foram exploradas por antisemitas, neofascistas e neonazis "contra aqueles pelos quais" o padre sempre lutou e continuará a lutar.

As declarações de apoio a Garaudy valeram mesmo a Abbé Pierre uma dura crítica de diversos bispos e outros responsáveis da Igreja francesa. "Livres de todas as pressões e porque desejo que toda a verdade venha ao de cima, decidi retirar tudo o que disse, deixando os julgamentos aos peritos da Igreja", declarou agora o padre dos sem-abrigo e, antes da polémica, o personagem mais popular de França.

PÚBLICO - Terça-feira 23 de Julho 1996 - Breves
www.christusrex.org/www1/news-old/7-96/ps7-23-96.html

RACISMO

O Racismo Entre Alguns Intelectuais Judeus

Sam Hamod

Não, este não é um artigo anti-semita ou um injusto ataque a ninguém. É uma tentativa de esclarecer o que está ocorrendo com as demandas afro-americanas por reparações pela escravidão e suas conseqüências: os ataques de David Horowitz, Elie Weisel e da *Indústria do Holocausto*. Este artigo também examina porque Philip Roth em sua última novela, *THE HUMAN STAIN* [1] liga afro-americanos aos macacos e porque John Entine está levando aquele velho clichê de que os atletas afro-americanos são o que são, e se sobressaem, por causa de sua formação genética (algo aparentado com o ataque de Hitler aos afro-americanos após as Olimpíadas alemãs dos anos de 1930). E por que a mídia dos EUA está tomando uma postura de não intervenção em relação a essas covardes e desumanas ofensas raciais? Por que escritores como Roth, Weisel, Entine e outros judeus repentinamente transformaram-se em racistas? Ou eles foram sempre racistas e até agora temiam vir a público com isso? Eles pensam que atacando afro-americanos os outros defensores da supremacia branca irão esquecê-los e então concentrar-se nos afro-americanos, em Farrakhan, nos latinos, nos árabes e deixá-los a sós? Talvez.

De outro lado, há escritores judeus como Anthony Lewis, Steve Kowitz e Naom Chomsky que não desejam nada com este novo Nazismo de alguns de seus colegas judeus. Shelby Foote, que se passava por um verdadeiro branco sulista, tem agora deixado claro que ele é judeu, o que é bom; mas eu, e estou certo que outros, ficaram chocados quando ele comparou a Ku Klux Klan com a Resistência Francesa da Segunda Guerra Mundial!! Scott Simon da NPR recentemente concluiu que Daniel Boone e outros, que eram racistas anti-mexicanos e filhos espirituais de Cortez no Álamo, deveriam ser admirados porque eles seguiram seus princípios e suas ordens; isto não soa com se os judeus tivessem que admirar as tropas da SS que os mataram porque elas acreditavam em seus princípios?!! Terão esses homens, do tipo de Roth, Horowitz, Simon, Entine e Weisel perdido suas cabeças, ou estão eles somente dando eco a um antigo e tênue sentimento que pode ter impregnado muitos judeus de que os negros, schvartzas, eram e são ainda inferiores aos povo "escolhido" de Deus? Talvez a ascensão de defensores da supremacia branca tenha permitido a esses homens juntarem-se a outros homens brancos na condenação e no ataque aos afro-americanos.

Antes de eu ir em frente, deixe-me explicar: eu não sou afro-americano e a cor da minha pele é branca.

Primeiro, entendamos que morreram acima de 5 vezes mais afro-americanos no comércio americano de escravos do que os mortos do holocausto. Mas saiba-se também que entre aqueles milhões de executados, muitos não eram judeus, mas poloneses, russos e outros povos eslavos, franceses, católicos, protestantes e ateus. Porém, a Indústria do Holocausto, como eu e muitos judeus chamam isso, decidiu que o holocausto que aconteceu contra os africanos que foram os antepassados dos nossos atuais afro-americanos, contra os indígenas americanos, também chamados nativos americanos, ameríndios, etc., e a expulsão de 8 milhões de palestinos de suas casas e sua contínua brutalização nas mãos de Israel, não deveriam ser chamados holocaustos porque a Indústria do Holocausto Judaica avaliou que somente judeus poderiam sofrer um holocausto.

Não somente isso, mas se qualquer um levanta algum questionamento sobre a Indústria do Holocausto ou contra Israel ou qualquer escritor judeu, eles são chamados de anti-semitas. Esta é outra distorção da língua e da verdade. Assim, não somente esta Indústria do Holocausto usurpou a palavra holocausto exclusivamente para eles mesmos, mas eles roubaram a definição lingüística de semita. NA VERDADE, SEMITA É UM GRUPO LINGÜÍSTICO, NÃO UM GRUPO RACIAL, DE FATO, SE HÁ UM GRUPO ORIGINAL, SÃO OS ABISSÍNIOS QUE FALAVAM O AMHARICO ANTES DE EXISTIR UMA LÍNGUA HEBRAICA; ÀQUELA ÉPOCA HAVIA OS QUE FALAVAM ARAMAICO, QUE ERAM OS ÁRABES E PESSOAS COMO ABRAÃO, E DEPOIS ENTÃO OS JUDEUS. ENTÃO, POR VOLTA DA MESMA ÉPOCA, APARECEU O ÁRABE E O HEBRAICO - ESTAS SÃO AS LÍNGUAS SEMÍTICAS. REPETINDO, SEMITAS NÃO SÃO UM GRUPO RACIAL; SÃO UMA FAMÍLIA

LINGÜÍSTICA COMPOSTA PELO ARAMAICO, AMHARICO, ÁRABE E HEBRAICO. NÃO É UM TERMO PARA JUDEUS SOMENTE.

Também, para ser preciso, Abraão falava aramaico, não o hebraico. Quanto mais o hebraico sendo a língua de Deus!

Agora nós chegamos ao David Horowitz e seu recente anúncio no Brown University Newspaper no qual ele deu as suas razões para ser contra reparações aos afro-americanos. Em suas declarações, ele não se refere a nenhuma das reais razões pelas quais os afro-americanos buscam reparações, a saber, a destruição de famílias grandes que foram trazidas para a América como escravas e então divididas, a morte de tantos durante a travessia para a América, os anos de escravidão e brutalidade vividos pelos afro-americanos e, depois, a consequência da escravidão que foi a nociva discriminação que continuou e continua até hoje no local de trabalho, nas áreas sociais, na mídia, nas avaliações educacionais e no perfil educacional e profissional contra os afro-americanos (através de linha de separação para empréstimos, através do perfil racial pela polícia, através da discriminação em decisões judiciais, etc.).

Se os sobreviventes judeus do holocausto hitlerista deveriam ser recompensados, os nipo-americanos recompensados, os nativos americanos recompensados, por que não os afro-americanos cujo sofrimento foi muito maior, mas devastador, e mais cruel que o de outros grupos étnicos que foram recompensados? Horowitz nunca responde essa questão em seus ataques contra os afro-americanos e sua busca por uma compensação. Incidentalmente, embora ele chore pelo holocausto, Horowitz nunca derramou uma lágrima pelo sofrimento dos palestinos cuja terra foi arrancada pelos seus sobreviventes do holocausto para fundarem Israel. Weisel, Roth, Horowitz, todos eles usam duas medidas em seus julgamentos morais; assim, de seus textos, parece que eles acreditam que qualquer um que não seja judeu deveria ser visto como inferior (exceto no que se refere aos defensores da supremacia branca que aterrorizam de forma infernal a maioria dos judeus decentes, e talvez mesmo a Weisel e companhia).

Mas, já que a maioria da mídia está sob a posse de proprietários de tendência sionista, estes monstros da mídia, de veneno e ódio, como Horowitz, Weisel e outros colonistas pró-sionistas irão em frente em seu caminho permitindo-se pouca oposição na mídia de massa em virtude do controle sionista sobre a mídia. Sarnoff da NBC, Paley da CBS, Goldensohn da ABC e Friendly do NPR, e as famílias que são donas e que controlam o The NY Times e o The Washington Post foram, e são, fortemente pró-sionistas, e em muitos casos eram de origem ashkenazita (assim eles têm pouca compreensão cultural dos judeus sefarditas ou dos árabes que são os que realmente povoaram o Oriente Médio e a Palestina nos últimos 3000 anos).

Por que Elie Weisel, que ganhou um Prêmio Nobel por seu trabalho humanitário, tem estado na linha de frente para impedir que afro-americanos e palestinos reclamem seu justo lugar como vítimas de holocausto? A frase "Outra Vez Jamais", que é o lema do Holocaust Museum, é entendida como referindo-se à humanidade, mas de alguma forma, ela pertence somente aos judeus e à indústria do holocausto e a seus apoiadores. Assim nós perguntamos, quão vazio é "Outra Vez Jamais" se ele se aplica a somente um grupo étnico, quando o sofrimento está mais espalhado e supostamente este museu era para ser uma consolação para a humanidade, e não apenas para aqueles que sofreram no holocausto.

Mas então de novo a história é estranha. Frequentemente os brancos pobres do sul foram mais cruéis com os negros do que os brancos mais ricos, porque esses brancos pobres identificavam-se com os brancos mais ricos e proeminentes e entendiam que estes eram os portadores de suas aspirações devido à retórica sulista usada por tantos brancos ricos do sul. Isto não desculpa os brancos ricos, mesmo hoje. Muito tristemente, Ted Turner, estando no Aeroporto de Atlanta no Dia de Ação de Graça há alguns anos atrás, recebeu uma mensagem por ter perdido o dia do "My Old Kentucky Home" e ele teve a música do GONE WITH THE WIND [2] tocada como uma recordação do velho Sul, dois insultos e agressões aos afro-americanos.

Observe Scott Simon, que nunca permite especialistas capacitados em Oriente Médio, como Edward Said ou eu mesmo, em seus programas de fim de semana na NPR, porque nós falamos com nenhuma ênfase, não perdemos a calma, não fazemos barulho e somos eficientes em conduzir a mensagem árabe, palestina e islâmica sobre as injustiças no Oriente Médio. Scott e eu pertencemos ao Watergate Health Club e nós frequentemente nos falamos, mas ainda que eu tivesse pedido isso, ele nunca me convidaria para seus programas, embora ele saiba de meu status como professor, ex-Diretor do The Islamic Center of Washington, DC, e de estudioso do Oriente Médio.

É a mesma coisa quando você muda para os programas da PBS: ela se tornou a visão de Shelby Foote e de Ken Burns sobre a história, auxiliados por Henry Louis Gates, Jr. Um amigo meu assistiu a um documentário sobre o Gal. Stonewall Jackson, e sua resposta foi que o sobrecarregaram tanto de emoção que ele quase esqueceu (embora ele seja negro) que Jackson havia lutado defendendo a escravidão!

É claro que a NPR e a PBS não são para todos nós, mas para uns poucos escolhidos como Scott Simon, Shelby Foote, Ken Burns e Daniel Shorr. Onde estão os afro-americanos, os árabe-americanos, os latino-americanos, os nativos americanos nos shows diários e semanais? Certamente nós temos muitos que são educados em jornalismo e transmissão, mas nós não somos capazes de quebrar o monopólio, nem mesmo em comentário ou naquelas pequenas coisas que concernem ao mundo dos potes e frigideiras ou sobre "como perdi minha virgindade aos 17", etc., etc., ad nauseum, quando há mais assuntos importantes para tratar como o racismo no jazz, o racismo na política, o racismo na educação e na avaliação, e muito mais - mas esses causam poucos risos, "nós precisamos de um pouco de humor" - o que é verdade, mas então, de novo, eles são supostamente "notícias" e não entretenimento. Também, por que eles não têm um afro-americano falando sobre racismo na África, ou um árabe noticiando os problemas entre palestinos e Israel? (Por que 90% desses repórteres "por acaso" são judeus?) Certamente deve haver na América alguns outros repórteres educados e capacitados.

Meio a isso está o Salon.com, que exhibe Horowitz e sua família, NBC, Harper's, The NY Times, NPR; é tudo igual, política por Scott Simon e Daniel Shorr nos finais de semana, a "liberdade de expressão" freqüentemente de instigadores de ódio ou políticos de extrema direita, tendo em seguida mornos "centristas", que são permitidos para supostamente "equilibrar as coisas" - enquanto aqueles entre nós que poderiam realmente equilibrar as coisas são mantidos fora do ar. Como um comentarista colocou, "as elites na mídia dos EUA vêem os negros e os árabes identicamente", os árabes são os "niggers [3] da areia" e os negros são os "niggers da selva". Se eles não nos vissem desse modo, por que eles tratariam nossa gente e nossos assuntos de forma tão ruim com fazem?

LIBERDADE DE EXPRESSÃO. Ah, é uma idéia interessante, algo que é pregado quase continuamente na mídia quando eles desejam ter seus posicionamentos escutados - mas se você desagrada o posicionamento editorial de uma televisão ou jornal - você será raramente, senão nunca, ouvido nele. Sim, você deve ter liberdade para falar o que pensa, mas você certamente não será ouvido pela grande mídia porque eles não irão colocar você no ar ou permitir que seu material seja impresso em suas páginas. O problema é muito parecido com aquele de ANIMAL FARM, de George Orwell: "Alguns são mais iguais do que os outros". Este grupo, que inclui pessoas como Horowitz, Weisel, Abraham Fox do B'nai Brith, Roth, Entine, é "mais igual" do que o resto de nós.

Como um estudioso colocou isso, "Você pensa que o The NY Times jamais colocaria um anúncio contra compensação pelo holocausto? Mas você sabe que eles colocaram um que era contra compensações para afro-americanos." Você pensa que eles colocariam um anúncio mostrando as atrocidades israelenses contra crianças palestinas e seus funerais? Vamos ser sérios; liberdade de expressão é um artifício para proteger aqueles que estão no poder contra aqueles que os desagradam; isto os mantém no poder sobre o resto de nós que não temos o poder da grande mídia. O poder da grande mídia é o que dá a você o poder político no mundo.

Os luteranos afirmam que há "pecados de ação e de omissão". Estes a grande mídia comete e seus lacaios, os Horowitz, os Weisel, etc., cometem, e o resto é excluído - assim, eles são culpados do pecado da omissão por não permitirem as nossas vozes serem publicadas ou ouvidas. Assim, eles são aqueles que estão destruindo o verdadeiro objetivo da Constituição dos EUA e da Bill of Rights que fala de "Liberdade de Expressão"; exatamente como os sulistas ignoraram sempre a Bill of Rights e o Cristianismo básico quando este chegou aos negros ao não permitirem que eles fossem vistos como seres humanos completos!

O outro problema que nós enfrentamos nos EUA nestes tempos é que não há muitas Helen Thomas, ou Mike Wallace, ou Lowell Bermann - a maioria da atual safra de "jornalistas" não tem coragem para realmente ir atrás das injustiças - eles são logo convidados para mesa de jantar de políticos, como é o caso de tantos correspondentes de Washington, jogar tênis com o Presidente, como é o caso de vários correspondentes de TV, ou ser convidados a "descer para o fazenda", como está ocorrendo agora na administração Bush.

Martin Luther King, Schwerner, Goodman e todos aqueles mártires negros e brancos devem estar se remexendo no túmulo nesta época com este novo racismo que está florescendo na América. Ele não provem exatamente daqueles que falam usando tons racistas, mas também daqueles que mantêm as vozes da verdade fora de circulação na grande mídia - por que não havia mais verdadeiros músicos de jazz no show do Ken Burn, por que Stanley Crouch (como comentarista?) e não Ahmad Jamal ou Oscar Peterson ou Ishmael Reed - por que tantos daquele tipo de músico Gatesiano, Wynton Marsalis; todo bom tocador de trompete sabe que Wynton é fantástico tecnicamente, mas que ele não pode sequer assobiar na mesma sala comparado a Wallace Roney no trompete ou seu irmão Brandford no sax. Assim, seja a política sem máscara, ou a política revestida em shows culturais excludentes, dá no mesmo. Assim, é exatamente por isso que os EUA foram chutados para fora da Comissão de Direitos Humanos da ONU e até mesmo chutado para fora da Comissão de Controle de Narcóticos da ONU (porque nós temos sido negligentes em ambas as áreas).

Eu freqüentemente tenho ficado embaraçado quando a América reprovada e critica outras nações por suas violações raciais e dos direitos humanos - porque embora nós possamos não ser tão ruins quanto alguns, nós não somos uns anjos em nosso comportamento em relação às nossas minorias e nós freqüentemente voltamos uma minoria contra outra a fim de permitir o grupo dominante manter-se no poder; isto é freqüentemente feito pela mídia. Nós temos agora também exibido uma apropriada representação em nossa mídia de importantes relatos ou grupos étnicos. Na situação atual, os direitos dos afro-americanos em terem uma compensação por seus anos de sofrimento, passados e presentes, têm recebido pouco tempo da mídia, e a mídia e muitos dos seus principais porta-vozes têm mesmo falado contra estas justas reparações. É duplamente triste que tantos desses porta-vozes sejam judeus. Eles usam os métodos de Hitler contra os afro-americanos e contra os palestinos e se desculpam disso dizendo, "nós sofremos - não me fale de seu sofrimento porque ele não foi tão ruim". Bá, enganação.

Como eles costumavam dizer nos anos 60, É A HORA.

Artigo de 21/6/2001

Notas

[1] Literalmente, A MANCHA HUMANA, em português (Nota do tradutor).

[2] Título original do filme E O VENTO LEVOU... (Nota do tradutor).

[3] Nigger é uma expressão depreciativa para negro (nota do tradutor).

Holocausto negro

O maior Holocausto da historia

<http://holocaustonegro.jeeran.com/>

Ver : Jonathan Schorsch, *Historiadores Judeus Americanos, Colonos Judeus e Negros, e os Limites da Wissenschaft: Uma Análise Crítica.*

BRUTALIDADE

Grosseira tentativa de equiparar o anti-sionismo ao anti-semitismo

Por Jean Shaoul

Recente artigo publicado no jornal britânico o Guardian, fornece perverso exemplo de um esforço concentrado e orquestrado pelo poder político sionista no sentido de degradar qualquer crítica à sua política assassina em relação ao povo palestino.

Em artigo de segunda página intitulado Anti-sionismo é anti-semitismo: por trás da maior parte da crítica a Israel há um tênue véu de ódio aos judeus, Emanuele Ottolenghi tenta equiparar qualquer oposição ao sionismo e às políticas colonialistas de Israel, igualando-a ao ódio aos israelenses em geral e ao infame e reacionário anti-semitismo dos nazistas em particular.

Ottolenghi exerce função não remunerada no Oxford Centre for Hebrew and Jewish Studies e no Middle East Centre do St. Anthony's College, Oxford, mantidos por particulares. Mas nenhum esforço de imaginação em seu artigo pode ser descrito como um trabalho inteligente. É uma tentativa em favor dos apoiadores internacionais de Israel de silenciar a oposição ao regime de Ariel Sharon e de legitimar a política do Grande Israel e de brutalidade para com um povo que absolutamente nenhuma responsabilidade tem pelo Holocausto, evocado por Ottolenghi à guisa de um porrete contra os que se opõem ao sionismo.

Seu artigo propõe total absolvição dos crimes de Israel contra os palestinos, e carta branca para Sharon fazer o que bem entender. Recorrendo a uma amálgama de presunções, Ottolenghi relaciona quem quer que critique o Estado de Israel ao anti-semitismo, sem consideração por seus pontos de vista. No tocante a Ottolenghi, não se permite observar que as políticas de Israel relativas aos palestinos são reminiscências daquelas empregadas pelos nazistas. A equação entre vítimas e assassinos, afirma ele, nega o Holocausto. "Pior ainda, fornece justificação retroativa para o Holocausto, pois se os judeus se revelassem bastante maus, talvez merecessem o que recebem," continua ele.

Este argumento equivaleu a criar uma história sem base em fatos. Alguém não tem de negar o extermínio dos judeus europeus nas câmaras de gás nazistas para dizer que a expropriação, a subjugação e a segregação do povo palestino por Israel encerram uma chocante semelhança com as

políticas nazistas em relação aos judeus. Reconhecer este fato não é equiparar as ações criminosas dos sionistas contra palestinos ao Holocausto, que representava um barbarismo em escala muito maior. Mas, legitimamente, identifica o que constitui trágica ironia histórica—que o povo judeu, por tão longo tempo associado com a luta pelo progresso social e contra todas as formas de discriminação, racismo e opressão, poderia, por sua vez, estar perpetrando grosseiras violações dos direitos humanos contra um povo oprimido. Na verdade, tais comentários são freqüentemente articulados como um apelo ao sentido judeu de história e de consciência social—algo que será desperdiçado em políticos criminosos do jaez de Sharon e seus apologistas.

O governo Sharon e o sistema sionista de poder rotineiramente recorrem a mentiras, asseverando que seus oponentes são anti-semitas. Ottolenghi acompanha-os ao inventar um “contra-argumento” de uma imaginária acusação tresandando a racismo.

“Os judeus defensores de Israel são representados por seus críticos como se procurassem uma desculpa para justificar este país, projetando a paranóia judia e mostrando um traço `típico` de judeu `apegando-se um ao outro`, até mesmo defendendo o moralmente indefensável.”

Mais tarde ele arrola o que alega serem temas anti-semitas usados repetidamente por anti-sionistas—“a conspiração judia para dominar o mundo, relacionando judeus ao dinheiro e à mídia, o judeu avarento de nariz adunco, o libelo de sangue, o aviltante uso de símbolos judeus, ou o imaginário cristão anti-judeu—empregados para descrédito das ações de Israel”.

Quem diz isto? Ottolenghi jamais cita um exemplo concreto sequer, exceto ao reportar-se a uma caricatura italiana e à referência de Tam Dalyell, membro trabalhista britânico do parlamento, à “cabala judia” que influiria na política externa da Grã-Bretanha. Este autor não pode comprovar a legitimidade da caricatura por ele citada, mas o World Socialist Web Site tem escrito sobre o ataque a Dalyell (Ver “Britain: Labour extends antiwar witch-hunt to Dan Dalyell”). Entretanto, mensagem essencial é que todos anti-sionistas “repetidamente” recorrem a rudes ataques anti-semitas. Entrementes, ele não pôde encontrar nenhuma prova de todas essas afirmações.

As alegações de Ottolenghi são fundamentalmente desonestas e contraditadas pelo fato de que muitos críticos do brutal tratamento dos palestinos por Sharon são por sua vez israelenses e judeus. Para citar apenas um exemplo, mais de 100.000 judeus israelenses, aterrorizados pelas ações de Sharon, compareceram a um comício em novembro comemorativo do oitavo aniversário do assassinato do primeiro-ministro Yitzakh Rabin por um direitista fanático. Os participantes da demonstração carregavam bandeiras condenando a ocupação e pediam paz.

Ele responde aos críticos judeus do sionismo de forma típica, reclamando que são eles essencialmente traidores elogiados pelo lobby anti-sionista e anti-semita, precisamente porque se venderam. “Judeus condenando Israel e rejeitando o sionismo recebem seus louvores. Denunciar Israel transforma-se em passaporte para completa integração. Noam Chomsky e seus imitadores são novos heróis, seu orgulho e identidade de judeus se expressam unicamente através de sua vergonha pela existência de Israel.”

O Holocausto e o Estado Sionista

Aqui se encontra o âmago da argumentação de Ottolenghi. Ser judeu é conseqüentemente ser sionista. Sua asserção de que anti-sionismo é anti-semitismo fundamenta-se na identificação entre as ações do Estado de Israel e os interesses do povo judeu como um todo. Tal equação é histórica e factualmente incorreta.

O Holocausto foi uma experiência seminal histórica não apenas para os judeus, mas para todo o povo trabalhador do mundo. Constitui o exemplo isolado mais grotesco do barbarismo fascista durante a II Guerra Mundial.

Em oposição à experiência da ruína econômica germânica em seqüência à I Guerra Mundial, Hitler começou a construir uma base política de massa para seu partido entre as camadas pequeno-burguesas e os trabalhadores lumpen, apontando como bodes expiatórios os judeus que seriam, segundo ele, os responsáveis pelo declínio de seu padrão de vida. Hitler certamente recorreu a ataques populistas aos “usurários” judeus e homens de negócio, mas seu ódio dos judeus ligava-se a seu temor do marxismo e do poderoso movimento socialista germânico, no qual os trabalhadores e intelectuais judeus desempenhavam um papel proeminente real.

A derrota do fascismo e a luta contra o anti-semitismo estavam, portanto, ligadas a uma ofensiva política da classe operária não apenas contra o fascismo mas contra toda ordem burguesa. Mas evitou-se que tal acontecesse pela traição combinada do stalinismo e da social-democracia a desorientarem milhões de trabalhadores que se opunham ao nazismo, permitindo a Hitler, destarte, empolgar o poder.

Os sionistas tinham uma perspectiva muito diferente. Insistiam que o anti-semitismo que impulsionou o Holocausto só poderia encontrar resposta na remoção do povo judeu para sua pátria bíblica e na criação de seu próprio estado. Para os sionistas, a solução proposta ao proletariado e à

intelligentsia israelitas consistia em estabelecer um novo estado capitalista, não congregando seus próprios irmãos e irmãs de classe na luta para pôr fim ao capitalismo.

A instituição do Estado de Israel em 1948 firmava-se em decisões e maquinações das potências principais no seio das Nações Unidas. Era vista com simpatia por milhões de pessoas mundo afora, horrorizadas com a catástrofe que atingira os judeus, e igualmente acompanhada pela retórica que tentava identificar o sionismo com o movimento trabalhista, com a igualdade, como forma de legitimação aos olhos dos judeus conscientes de suas afinidades de classe. Assim, os horrores dos campos de concentração desempenharam papel crucial no nascimento de Israel.

A prática histórica e política de Israel

Mas o que se discute agora são as ações históricas e políticas do sionismo, cujo exame Ottolenghi tenta descartar. Para ele qualquer avaliação objetiva do que o Estado de Israel tem realizado constitui desmedido anti-semitismo. Tal atitude serve a um propósito definido. A inabilidade em examinar a história de Israel sem suscitar o espectro de anti-semitismo e do Holocausto não é somente uma mácula no arrazoado de suas críticas. Daí torná-lo incapaz de entender qualquer coisa politicamente.

Ottolenghi reclama que a crítica a Israel é anti-semítica porque destaca Israel para um “impossível julgamento de alto nível” não aplicado alhures. Esta alegação tem a finalidade de desviar a atenção do assunto. As pessoas têm todo direito de “discriminar” um país que ilegalmente ocupa territórios palestinos e brutalmente oprime seu povo, particularmente quando ele conta com o apoio político e militar dos Estados Unidos—o qual, por sua vez, representa um dos muitos crimes da maior potência imperialista do mundo.

Para o articulista, “Israel comete erros semelhantes ao das demais nações, e isto é normal”. Afirma, “Israel merece julgamento nos mesmos padrões aplicados a outros países, não sob padrões utópicos”. O World Socialist Web Site concorda com o último ponto. Examinemos as evidências.

A fundação de Israel foi executada através da expulsão forçada dos palestinos nativos. Não foi o resultado de uma guerra que levasse o povo a fugir de seus lares, mas a explícita política de progenitores políticos do atual governo Likud—com a aquiescência dos fundadores e do primeiro-ministro David ben Gurion, segundo reconhecem historiadores israelenses.

Desde então, Israel envolveu-se em numerosas guerras, inclusive em algumas não provocadas contra outros países: Egito em 1956, Líbano, em 1978 e 1982. Israel tem abertamente desafiado numerosas resoluções das Nações Unidas. E repetidamente desrespeita o Direito Internacional em relação à Cisjordânia e à faixa de Gaza, que vem ocupando ilegalmente desde 1967. Apropriou-se de territórios, inclusive no leste de Jerusalém, terras e aldeias para mais de 200 assentamentos.

As forças armadas de Israel têm empreendido repetidas incursões em cidades da Palestina. Elas e os colonizadores sionistas mataram mais de 2.500 palestinos, a grande maioria dos quais civis desarmados e muitas crianças, desde o início da intifada em setembro de 2000.

Como um dos mais violentos governos do mundo, Israel tem demolido residências populares, destruído explorações agrícolas e erradicado olivais, impondo toques de recolher, mutilando a economia palestina e levando o povo à beira da inanição. Israel regularmente detém indivíduos sem julgamento. A tortura e o tratamento desumanos são rotina. Israel tem exilado populares. Declarou uma política de assassínios de opositores.

A política de Israel de fechar estradas não apenas saindo da Cisjordânia mas também dentro da mesma zona e da faixa de Gaza, juntamente com sua infame muralha de segurança que separa a Cisjordânia de Israel, criou um gueto para os palestinos. As condições para a vasta maioria daqueles que vivem na faixa de Gaza, separando-a de Israel por meio de cerca eletrificada, negando-lhes meios de subsistência, lembram um gigantesco campo de concentração.

Israel é um estado dotado de armas nucleares que se recusa a assinar o tratado de não proliferação nuclear ou a permitir inspetores internacionais com o objetivo de examinar suas instalações. Contudo, todos sabem que Israel desenvolveu mais de 200 de tais armas e tem um extenso programa de artefatos bélicos químicos e biológicos. Se as armas nucleares de Israel foram subtraídas do conhecimento público até agora é porque Israel serve de guarda avançada dos interesses dos Estados Unidos no Oriente Médio. Até já se afirmou que a aviação israelense assestaria golpe preventivo contra o Irã, a exemplo do que fez em relação ao Iraque em 1981.

Os Estados Unidos financiam Israel no montante de bilhões de dólares anuais desde décadas na forma de ajuda militar, cuja maior parte é despendida no país financiador.

Israel é o único país no mundo sob a direção de um homem que sua própria comissão judiciária declarou pessoalmente responsável por deixar de proteger os campos de refugiados palestinos de Shabra e Shatilla contra os bandos assassinos falangistas libaneses em 1982, portanto julgando-o incapaz de exercer o cargo de ministro de estado. Sharon lidera um governo que se apóia em partidos

de extrema-direita abertamente clamando por limpeza étnica sob o eufemismo de “transferência populacional”.

Dentro do próprio Israel, o governo pratica uma política de apartheid para com os palestinos, reminiscência do infame regime homônimo da África do Sul. Discrimina os cidadãos árabes, reduz seus direitos políticos e nega-lhes parte justa dos recursos econômicos e a assistência social. Recentemente aprovou legislação recusando aos israelenses que casam com palestinos, na Cisjordânia e na faixa de Gaza, o direito de viverem com seus cônjuges em Israel.

O governo de Sharon não representa os interesses da maioria do povo judeu vivendo em Israel, muito menos dos judeus de todo o mundo. Representa politicamente um setor da elite financeira israelense e, por procuração, a administração Bush dos Estados Unidos.

Mais de 10% da força de trabalho israelense estão desempregados e parcela muito maior empobrecida. O governo de Sharon persegue uma política incansável de ataque ao trabalho, ao padrão de vida e à segurança social, numa tentativa clara de transferir os ônus do temerário declínio econômico de Israel, consequência da recessão mundial e do impacto da intifada palestina nas costas dos trabalhadores e de suas famílias. Benjamin Netanyahu, ministro da economia, recentemente anunciou a introdução de leis restritivas do direito de greve no setor público e o esfacelamento da previdência social.

Os fatos demonstram que Israel merece a condenação mundial por suas notórias violações das leis internacionais e sua política brutal e repressiva.

O Estado Sionista e o Ressurgimento do Anti-semitismo na Europa

Ottolenghi acerta uma vez quando admite corretamente, “Não há dúvida que o anti-semitismo recente está ligado ao conflito palestino-israelense.”

Não obstante, ele prontamente se nega a admitir a realidade quando insiste que alguém, de uma de outra forma, que chegue à conclusões políticas a respeito do caráter e a da viabilidade do projeto sionista, ou que, ainda, não preste incondicional apoio a Israel, é um anti-semita: “O argumento de que esse é o comportamento de Israel e o apoio judeu que atraem preconceito no mínimo soa falso e é sinistro. Essa premissa significa que a simpatia pelos judeus está condicionada à percepção que eles esposam. Dificilmente é uma expressão de tolerância. Discrimina os judeus. É anti-semitismo.”

Inquestionavelmente, um dos mais potentes fatores que reaviva o anti-semitismo hoje é os métodos brutais adotados pelo governo israelense sob a direção de Sharon. Relatório da União Européia que vazou revela aumento no número de ataques a judeus da parte de jovens muçulmanos europeus. O documento, compilado pelo Centro Europeu de Monitoramento do Racismo e da Xenofobia, associa o aumento dos ataques a judeus aos eventos no Oriente Médio, particularmente desde o início da intifada palestina em setembro de 2000 e do ataque de Jenin, na Cisjordânia, em abril do ano passado.

Reconhecer este fato não significa endossar pontos de vista anti-semitas ou defender aqueles que os perfilham. Mas não se deve desconhecer o ingrediente político principal da ameaçadora emergência do anti-semitismo, amiúde no seio de uma segunda geração politicamente deseducada de imigrantes árabes e africanos. Só se pode combater tão nocivo desenvolvimento oferecendo oposição de princípios, tanto ao estado sionista quanto àqueles líderes burgueses fundamentalistas islâmicos e árabes, que recorrem ao anti-semitismo populista na manipulação do descontentamento público. Silenciar diante dos crimes de Sharon ou, pior ainda, desculpá-los como o faz Ottolenghi, apenas fomenta o anti-semitismo.

E também fortalece as forças de direita em escala mundial.

O governo de Sharon apóia-se em dois partidos fascistóides, um alicerçado nos vândalos da direita e assassinos que habitam os assentamentos nos territórios ocupados e outro que abertamente promete a “transferência” dos palestinos da Cisjordânia e da faixa de Gaza. Sua sobrevivência está inteiramente na dependência da administração Bush e de empréstimos e ajuda militares de bilhões de dólares.

Há uma aliança crescente entre a ala de direita sionista e a extrema-direita cristã fundamentalista nos Estados Unidos. A direita sionista alinhou-se—firmada no chauvinismo árabe e na agressão contra o Iraque—com grupos nos Estados Unidos e também na Europa que têm uma longa história de anti-semitismo. Faz apenas algumas semanas, Sharon recebeu a visita de seus mais ardentes suportes na Europa, Sílvio Berlusconi, o primeiro-ministro da Itália que provocou manchetes e desencadeou afrontas recentemente ao erguer-se em defesa de Mussolini, o ditador fascista, proclamando que “Mussolini jamais matou alguém. Mussolini costumava mandar indivíduos de férias em exílio interno.” Em 25 de novembro, Sharon não deixou por menos: hospedou Gianfranco Fini, o líder da Aliança Nacional, herdeiro político do partido fascista de Mussolini.

Nos meados dos anos 1990s, Fini ainda descrevia Mussolini como “o maior estadista do século 20.” Agora, ele condena o que chama de “o vergonhoso capítulo na história de nosso povo”. Mas o que realmente o valoriza perante Sharon é o apoio a Israel para a repressão dos palestinos e a construção

do muro. No que toca a Sharon, hoje o apoio a Israel oblitera qualquer bafejo de anti-semitismo, mesmo para apoiadores de fascistas que procuraram exterminar os judeus europeus.

Que o estado sionista buscasse tais aliados e se tornasse um dos maiores fomentadores da proliferação do anti-semitismo é realmente outra das trágicas ironias da história. Tão reacionários resultados é um gritante contraste partindo de um abrigo seguro, livre da opressão e discriminação, que a criação de Israel parecia oferecer aos judeus após a II Guerra Mundial e o Holocausto. Mas eles são o produto inevitável do projeto sionista de estabelecer um estado capitalista criado através da expropriação de outro povo e mantido pela guerra e a repressão externa, pela exploração social e as desigualdades domésticas. É impossível para um estado assim constituído prover os fundamentos necessários ao estabelecimento da justiça social e da igualdade, até mesmo em benefício de seus próprios cidadãos.

A falência do projeto sionista não resulta de quaisquer imperfeições da parte do povo judeu, mas de uma expressão da ruína de todos os movimentos no Médio Oriente, na África e na Ásia, que se têm baseado na perspectiva de um nacionalismo para solução problemas sociais, econômicos e políticos fundamentais em confronto com o povo trabalhador.

É tempo de reconhecer que o sionismo tem sido um experimento terrível e falho. Sua continuação augura unicamente maior opressão, tanto para os palestinos quanto para os israelenses, prenunciando também a mais dolorosa guerra.

A única saída do atual impasse é o desenvolvimento de um movimento político em prol da união dos trabalhadores e intelectuais árabes e judeus numa luta comum contra o capitalismo e pela construção de uma sociedade socialista. Esta vertente proporcionará o único caminho para reparar as injustiças históricas sofridas pelos trabalhadores e camponeses palestinos, e porá termo aos males gêmeos da opressão e da guerra, alimentados pela busca do lucro, ao mesmo tempo do capital internacional e das camarilhas dirigentes nacionais israelenses e árabes. A criação dos Estados Socialistas Unidos do Oriente Médio removeria as fronteiras artificiais impostas através das intrigas imperialistas que no presente dividem os povos e as economias regionais, de forma que seus recursos satisfaçam as aspirações sociais, econômicas e políticas de todos.

10 Janeiro 2004

<http://www.wsws.org/pt/2004/jan2004/port-j09.shtml>

ATITUDE BÁRBARA

Depoimento do Professor Israel Shahak sobre o rancor judaico à Cristandade

Desonrar símbolos cristãos é um velho dever religioso no Judaísmo. Cuspir na cruz, e especialmente no crucifixo, e cuspir quando um judeu passa por uma igreja, se tornaram obrigatórios desde por volta do ano 200 d.C. para judeus pios. No passado, quando o perigo de hostilidade anti-semita era real, os judeus pios eram aconselhados por seus rabinos tanto para cuspir de tal modo que a razão para isso fosse desconhecida, ou cuspir sobre seu peito, não realmente na cruz ou abertamente em frente à igreja. A força em aumento do Estado judaico causou que tais costumes se tornaram mais abertos novamente mas não devem haver enganos: *Cuspindo na cruz para convertidos do Cristianismo ao Judaísmo*, organizado no Kibutz Sa'ad e financiado pelo governo israelense é um ato de tradicional piedade judaica. Isso não se agarra a ser bárbaro, horrificador e perverso por causa disso! Ao contrário, isto é pior porque é tão tradicional, e muito mais perigoso na verdade, como o anti-semitismo renovado dos nazistas era perigoso, porque, em parte, ele continuava o tradicional passado anti-semita.

Esta atitude bárbara de desprezo e ódio por símbolos religiosos cristãos tem crescido em Israel. Na década de 1950 Israel criou uma série de selos representando e fotos de cidades israelenses. Na foto de Nazaré, havia uma igreja e no topo uma cruz - quase invisível, talvez do tamanho de um milímetro. Todavia, os partidos religiosos, apoiados por muitos na "esquerda" sionista fizeram um escândalo e os selos foram rapidamente retirados e substituídos por uma série quase idêntica da qual a microscópica cruz foi retirada.

Então houve uma longamente mantida batalha sobre a influência cristã na aritmética elementar. Judeus pios objeccionaram o fato do símbolo internacional de adição ser uma cruz, o que poderia, na sua opinião, influenciar as crianças para se converter ao cristianismo. Outra "explicação" afirma: seria

difícil "educar" as crianças para cuspirem na cruz, se se acostumassem a ela em seus exercícios aritméticos. Até o início da década de 70 dois diferentes tipos de livros eram utilizados em Israel. Um para as escolas seculares, empregando um sinal de "T" invertido. No início dos anos 70 os fanáticos religiosos "converteram" o Partido Trabalhista sobre o grande perigo da cruz na aritmética, e daquele tempo em diante, em todas as escolas elementares hebréias (e agora também muitas escolas de segundo grau) o sinal internacional de adição foi proibido.

Desenvolvimento similar é visível em outras áreas da educação. Ensinar o Novo Testamento sempre foi proibido, mas nos tempos antigos professores de História conscientes normalmente contornavam a proibição, organizando seminários ou enviando as crianças à bibliotecas (não as das escolas, é claro). Há aproximadamente 10 anos houve uma onda de denunciar tais professores. Uma em Jerusalém foi quase demitida por aconselhar aos seus alunos de História, que estavam estudando a História dos Judeus na Palestina na época 30-40 d.C., que seria bom se eles lessem alguns capítulos do Novo Testamento como uma ajuda histórica. Ela manteve seu emprego somente após humildemente prometer não fazer aquilo novamente.

Entretanto, em anos recentes, sentimentos anti-cristãos estão literalmente explodindo em Israel (e também entre os judeus da Diáspora adoradores de Israel) junto com o aumento do fanatismo judeu em todas as áreas.

Os verdadeiros inimigos da verdade aqui, como em muitos outros aspectos da realidade judaica, são os socialistas, "liberais", "radicais", etc. nos Estados Unidos. Imagine a reação dos liberais norte-americanos, e de jornais como *The Nation* e *New York Review of Books*, para não falar no *New York Times* se em qualquer Estado sem distinção, o governo financiasse o cuspir na estrela de Davi? Mas quando, aqui em Israel, o governo financia o cuspir na cruz, eles estão e continuarão a estar *bem silenciosos*. Mais do que isso, eles ajudam a financiar isso. Os pagadores de impostos norte-americanos, que é claro são em sua maioria cristãos, estão financiando pelo menos a metade do orçamento israelense, de um modo ou de outro, e portanto o cuspir na cruz está incluído.

O professor Israel Shahak é um cidadão israelense, ex-interno de campos de concentração durante a II Guerra Mundial, e o fundador da Liga Israelense dos Direitos Humanos. Seu livro "*Jewish History, Jewish Religion*" (História Judaica, Religião Judaica) sobre o ódio judaico e seu desprezo em relação aos gentios, é altamente recomendado.

Radio-islam

CONTROLO DO PENSAMENTO

O Controlo dos "Media"

Por **Amílcar Correia**

O jornalismo existe para dar resposta a perguntas como o "que está realmente a acontecer?" ou "por que é que isto está a acontecer?". É o que todos nós perguntamos nos dias que correm.

O controlo do pensamento nas sociedades totalitárias é conseguido pela força e pela violência (através da proibição, do corte e da censura). Nas sociedades democráticas, esse controlo é exercido de forma mais pacífica e subliminar (através da saturação, do excesso de informação ou de meios eficazes de pressão). A limitação à posse de um "media", assim como a influência de anunciantes e fontes de importância institucional, é certamente um desses meios de controlo. A criação ou aquisição de um órgão de informação só é acessível a um grupo económico forte, o que dificulta a sobrevivência de publicações mais independentes e à margem da lógica de mercado. A concentração entre os "media" clássicos (jornais, televisões e rádios) e os sectores da cultura de massas e da comunicação tornou-se inevitável com a revolução digital, que desfez as fronteiras que separavam as três tradicionais formas de comunicação: som, escrita e imagem. Entre nós, a Portugal Telecom é o melhor exemplo dessa concentração.

A preponderância esmagadora deste grupo, parcialmente nas mãos do Estado, no mercado da publicidade e a quantidade e diversidade de empresas de informação e comunicação na sua posse conferem-lhe um poder decisivo de condicionamento sobre qualquer publicação mais dócil. E quando alguém produz simultaneamente notícias e publicidade a tentação é grande e o condicionamento estreita-se. Com direcções de órgãos de informação suspensas da vontade de ministros, como Morais Sarmiento e Gomes da Silva, que sonham com centrais de propaganda e com "cabalas involuntárias", o jornalismo português está hoje exposto a uma clara vontade de controlo político. A ideia do jornalismo como contra-poder nasceu da denúncia por parte da imprensa da existência de injustiças e da violação de direitos fundamentais. A actividade jornalística surgiu, assim, como único meio ao dispor dos cidadãos para comunicar os seus protestos e o seu direito a intervir na vida pública. Mas com a aceleração da globalização liberal o jornalismo perdeu esse cariz de contra-poder.

Hoje, os grandes "media" privilegiam os seus interesses particulares em detrimento do interesse geral, confundindo a sua própria liberdade com a estratégia da empresa, como o atesta o caso Marcelo Rebelo de Sousa. Mas esta não pode prevalecer sobre o direito dos cidadãos a uma informação rigorosa e verificada, nem servir de pretexto à difusão consciente de falsas notícias ou à instrumentalização das mesmas. O jornalismo existe por outras razões que não apenas a mera satisfação das empresas de comunicação ou das estações de televisão em fazer dinheiro, da vontade de quem governa ou do desejo dos repórteres em se tornarem célebres e bem pagos. O seu propósito é satisfazer o desejo geral de obter informação com significado, porque as pessoas querem saber os detalhes, mas também querem saber o que significam esses detalhes. O jornalismo existe para dar resposta a perguntas como o "que está realmente a acontecer?" ou "por que é que isto está a acontecer?". É o que todos nós perguntamos nos dias que correm. E é por isso que é cada vez mais ruidoso o silêncio do Governo sobre o que se passa nas redacções que tutela.

Público, 29 de Outubro de 2004

LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Liberdade De Expressão, Descansa Em Paz

Judy Andreas

A liberdade de expressão está a sofrer uma morte martirizante. Vê-la morrer já é difícil quanto basta, mas saber que, de certo modo, com o meu silêncio, sou cúmplice dessa morte, é insuportável. Uma coisa é certa, não posso ficar a ver e não fazer nada. Não consigo ficar a ver enquanto as nossas liberdades morrem. Não consigo ficar a ver em silêncio tácito, enquanto o que sobra da nossa liberdade se mexe e remexe e tenta respirar. Tem que haver uma ressuscitação em massa. Tem que haver um modo de voltar a dar vida à nossa Carta dos Direitos. Estamos a enveredar por uma via escorregadiça até ao desastre, de uma magnitude que nunca ninguém testemunhou. Sabe que estou correcta, não sabe? Também o consegue sentir, não consegue?

Como é que isto está a acontecer e quando é que começou? Quando foi que a Primeira Emenda acabou sob a bota do fascismo? Quando se tornou o "politicamente correcto" um sinónimo de censura? Quando foi que a etiqueta de "crime de ódio" se tornou num novo dispositivo de censura? Quando foi que o "crítico" se tornou sinónimo de "terrorista"? Quando foi que a elite governativa retirou a "liberdade" da "liberdade de expressão"?

Durante toda a minha vida ouvi as pessoas interrogarem-se, "Porque é que as pessoas "obedeciam às ordens" na Alemanha nazi?" Olhem-se ao espelho. Talvez encontrem lá a resposta.

"Ou estão connosco, ou estão com os terroristas." George Bush tentou articular estas palavras numa frase coerente. Mas será coerente? Desde quando são as perguntas e o criticismo verboten? Desde quando são o diálogo e a discussão honesta um crime?

Ontem vi um pequeno vídeo sobre **Ernst Zündel**. O anfitrião do programa era o Dr. Hesham Tillawi e os seus convidados eram **Paul Fromm** e **Ingrid Rimland**. O Sr. Fromm faz parte da Associação Canadiana Para a Liberdade de Expressão. A sua organização, alegadamente, vai à luta para defender pessoas acusadas de "crimes de delito de opinião". Ingrid Rimland é a esposa de Ernst

Zündel é uma escritora concretizada de mais de 6 livros. Vive no Tennessee e é dona, editora e gestora do Zundelsite.

Talvez deva começar por descrever o ambiente àqueles que não se encontram familiarizados com Ernst Zündel. Mas antes de começar, deixem-me admitir que apesar de tudo aquilo que li, ainda tenho dificuldades em encontrar algum sentido na trágica história do Sr. Zündel. Ainda não tenho a certeza do porquê deste ter sido atirado para a prisão nos últimos anos.

Paul Fromm explicou que, entre 1996 e 2001, o governo canadiano tem tentado controlar as páginas na Internet de outros países com a intenção de fechar alguns sites. Do Sr. Zündel, um residente legal do Canadá que se encontrava, na altura, a viver nos EUA, afirmou-se que estava associado a um desses sites: o Zundelsite, que é editado e gerido pela sua esposa, Ingrid. O governo canadiano constatou que a natureza do seu conteúdo poderia expor os judeus a situações de ódio e de desprezo. E, mesmo assim, o site da esposa do Sr. Zündel encontrava-se fora da jurisdição canadiana.

Em Fevereiro de 2003, os agentes do SEF e os delegados do xerife local efectuaram uma rusga à casa dos Zündel no Tennessee. Informaram Zündel de que o mesmo tinha faltado a uma audiência no departamento de Imigração. Os Zündels ficaram de pé atrás. Estavam à espera de receber um aviso para esta audiência.

Os Zündels não puderam dizer nem fazer nada. E nessa fatídica noite de 2003, foram colocadas algemas em Ernst Zündel e este foi deportado para o Canadá. (o seu último país de residência legal) Esteve detido no Canadá de 16 de Fevereiro de 2003 até 2 de Março de 2005. Chamaram-no de “ameaça à segurança nacional.”

Desde 11 de Setembro de 2001 que os governos alteraram a sua definição de “dissidência”. Agora dão-lhe o nome de “terrorismo”. Ernst Zündel era e pode ser tudo excepto um terrorista. Na verdade, é um pacifista que sempre exigiu aos seus apoiantes que NÃO participassem em actos terroristas. Nos 40 anos que viveu no Canadá foi pai de duas crianças e nunca cometeu um crime. Mas tudo isso pareceu ser irrelevante para as autoridades.

O Sr. Fromm disse ao Dr. Tillawi que o governo canadiano se encontrava sob grande pressão de grupos como o Congresso Judaico Canadiano e a Liga Para os Direitos Humanos de B'nai B'rith para deportar Zündel.

O Canadá enviou Ernst para a Alemanha, que tinha emitido um mandato para a sua captura. A Alemanha afirmava que Zündel tinha utilizado a Internet para violar a Secção 190 do Código Penal Alemão que declara ser um crime “desonrar a memória dos mortos.”

A maior parte das queixas alemãs tinham a ver com textos colocados no Zundelsite, que se encontrava no Tennessee e, repito, é da propriedade e da responsabilidade da sua esposa, Ingrid, uma cidadã dos EUA. E, para complicar ainda mais as coisas, nos Estados Unidos não existem quaisquer leis semelhantes.

Neste Novembro, está agendado o julgamento de Ernst Zündel e, se condenado, pode vir a passar um período adicional de 5 anos na prisão. Além disto, foi banido dos EUA durante 20 anos por ter, alegadamente, faltado a uma audiência com o departamento de Imigração; uma audiência para a qual não recebeu qualquer convocatória.

Ingrid Rimland explicou que não pode ir à Alemanha visitar o marido porque também foi emitido um mandato de captura em seu nome. O mandato deve-se ao seu site na América. Este site encontra-se na Internet há 10 anos.

Ernst Zündel tem 66 anos e foi precariamente tratado na prisão. No Canadá passou fome e frio. A sua saúde ressentiu-se. Foi etiquetado de ‘negacionista do Holocausto’ e de ‘supremacista branco’ – dois termos que têm ajudado a agitar um sentimento anti-Zündel. Contudo, de acordo com o Sr. Fromm, nenhuma destas etiquetas é verdadeira. Ernst não nega o Holocausto – tão só questiona alguns dos seus detalhes.

Não há muito tempo, ouvi uma discussão acerca de Ernst Zündel na Rádio Pública Nacional. Os membros do painel eram, em parte, judeus. Foram muito francos no que diz respeito ao seu desdém

pelo Sr. Zündel, mas mesmo assim afirmaram que este tem o direito de exprimir os seus pontos de vista. "Não se pede a ninguém que concorde com aquilo que ele diz; o que é importante é o seu direito de o dizer".

Na nossa cultura, é completamente admissível questionar uma variedade de coisas. Existem muitas pessoas que questionam publicamente a existência de Deus. Existem pessoas que escrevem volumes a insistir que Jesus nunca existiu. Existem livros em que se afirma que a religião é uma forma de controle mental e que a Bíblia foi escrita por homens com a intenção de controlar outros homens. E, mesmo assim, estas pessoas não se encontram atrás das grades... e, pois bem, nem devem estar. Estas pessoas foram agraciadas com o direito à liberdade de expressão para questionarem a História e a religião. Qual é a diferença entre elas e o caso de Ernst Zündel??

Porque é que os factos históricos não devem ser sujeitos ao debate e ao escrutínio públicos? Porque é que não há lugar para um discurso racional? Porque é que os pontos de vista impopulares são etiquetados de "terrorismo"? Afinal, se algo é verdadeiro, irá manter-se assim à luz de um escrutínio cuidadoso, não é verdade?

O Dr. **Norman Finkelstein** é o autor judeu de um livro muito polémico. No seu livro, *A Indústria do Holocausto*, o Dr. Finkelstein constata que muitos grupos sionistas poderosos têm utilizado o Holocausto para adquirir grandes somas de dinheiro. Constata que o Holocausto tem sido utilizado para angariar fundos para os sobreviventes dos campos de detenção de Hitler. E, continua, os sobreviventes nunca receberam quaisquer fundos. Centenas de biliões de dólares têm sido angariados para causas judias por causa do Holocausto. Mais de 700 biliões originaram dos Estados Unidos.

Há algo terrivelmente errado no que diz respeito a toda esta história. E contudo, questiono-me, será isto só a primeira parte?

No dia 20 de Agosto surgiu um artigo arrepiante no *The Ottawa Citizen*, um jornal canadiano. Um grupo judaico apresentou queixa junto da Universidade do Ottawa contra o Professor, de economia, Michel Chossudovsky, ao qual se referiram como sendo "um economista polémico com inclinações de esquerda." Chossudovsky foi acusado de hospedar "uma página anti-semita."

O artigo mencionava um fórum no qual o Sr. Chossudovsky era moderador. Era um fórum no qual o Holocausto era discutido. Neste fórum, o 11 de Setembro e um possível envolvimento no mesmo eram também discutidos. Nenhum dos conteúdos foi escrito por Michel Chossudovsky e mesmo assim, de acordo com a lei canadiana, os donos dos websites podem ser considerados responsáveis pelo material que mantêm no site, mesmo que não tenha sido efectuado por eles.

"Sei que não foi ele que escreveu isto, mas é certo que ele é responsável pelo website, que, verifiquei, está registado no seu nome", afirmou Anita Bromberg, conselheira jurídica da B'nai B'rith e coordenadora dos direitos humanos.

O que irá acontecer? Não sei. O número de questões e de preocupações dissemina-se como um cancro mortal.

O mundo está repleto de problemas que parecem ser insanáveis. Não sei como resolver estes problemas, mas uma coisa sei: é imperativo que examinemos todas as possibilidades. A solução nunca virá através do medo e da intimidação.

A solução nunca virá se calar-mos as pessoas, se as assustar-mos, se as ameaçarmos e as prendermos só porque se atreveram a questionar.

Todos nós devíamos estar a questionar.

22 de Agosto de 2005

<http://www.judyandreas.com>

TRABALHO REVISIONISTA

Achado interessante...

Joachim Prinz, no Congresso Judeu Americano de 1984, afirmou que Hannah Arendt copiou o pensamento de Hilberg, sem citá-lo, quando esta afirma que a Organização Central Judaica colaborou com os nazistas no "holocausto".

http://memory.loc.gov/cgi-bin/ampage?collId=mharendt_pub&fileName=03/030570/030570page.db&recNum=2

E afinal, a influência das teses de Raul Hilberg no pensamento de Arendt são evidentes. Assim como igualmente notório o dano deste no pensamento da filósofa. Hilberg teve suas teses demolidas pelo trabalho revisionista, e não tem mais qualquer credibilidade, a não ser para o poderosíssimo lobby judaico/sionista promotor da instrumentação demagógica do "holocausto". Sugestão, para quem domina o inglês:

[*The Giant With Feet of Clay: Raul Hilberg and his Standard Work on the Holocaust*](#) (Holocaust Handbooks Series, 3) (Paperback)

Jurgen Graf

<http://www.amazon.com/gp/product/0967985641/103-0680114-1213455?v=glance&n=283155&n=507846&s=books&v=glance>

ENCARCERAMENTO

Ernst Zündel Prisioneiro de Guerra

Horst Mahler

Ernst Zündel será acaloradamente bem recebido em casa por aqueles alemães que ainda desejam ser alemães.

A força de combate judia, ADL, conseguiu através da sua agitação assegurar que Ernst Zündel fosse tratado como um prisioneiro de guerra durante mais de dois anos. Esta mudança de locais, do Canadá para a Alemanha, não altera nada para Zündel uma vez que tanto num país como no outro governa o mesmo inimigo.

Mas em solo alemão o seu encarceramento adquire um novo significado uma vez que o pretexto dos EUA de que Zündel violou as suas leis de imigração se torna irrelevante.

Além disso, o inimigo, na Alemanha, não se pode esconder atrás do falso pretexto da sua preocupação pela "segurança nacional". Na Alemanha o inimigo tem de assumir claramente, revelando assim a sua brutalidade, que Ernst Zündel nega detalhes conhecidos legalmente como "de conhecimento geral" (Offenkundigkeit – notoriedade) sobre o Holocausto, e que exige a apresentação de provas irrefutáveis que apoiem a alegação de que os alemães, por razões raciais, e recorrendo à utilização do insecticida Zyklon B, exterminaram sistematicamente milhões de judeus.

Só depois de Ernst Zündel ter emigrado para o Canadá é que o mesmo começou a analisar criticamente a propaganda das atrocidades anti alemãs, e durante mais de uma década obteve sucesso, recorrendo ao sistema judicial canadiano, na defesa do seu direito de procurar a verdade histórica.

Tornou-se por essa razão num símbolo de respeito mundial no que toca à vontade inabalável, da busca continua do espírito humano pela verdade.

A energia e a firme convicção que irradiam deste prisioneiro irão convencer cada vez mais alemães que ainda desejem ser alemães a participarem na batalha contra a "notoriedade" do Holocausto.

Ele será, portanto, um exemplo para aqueles alemães que se reunirem e, com a verdade, se movam contra as fortalezas do nosso inimigo.

A verdade irá libertar-nos.

Horst Mahler Kleinmachnow 28 de Fevereiro de 2005

<http://www.dirlip.org>

CORAGEM DE LUTAR

Ernst Zündel - O Homem, A Obra e Os Escritos

Robert Faurisson

Estas linhas não são destinadas àqueles que já conhecem Ernst Zündel – o homem, a sua obra e os seus escritos – mas aos canadianos que conhecem só aquilo que a comunicação social, como um todo, tem dito sobre ele. Pode rezear-se que esses canadianos possam julgá-lo mal e, talvez, odiá-lo.

Para essas pessoas, que, pelo que sei, estão enganadas, tenho que afirmar: examinem cuidadosamente a imagem que a comunicação social do vosso país tenta dar deste homem, não vos permitindo ouvir a voz dele. Utilizem o vosso discernimento.

Para começar, estejam alerta quanto à natureza vaga, repetitiva e vazia das acusações levadas a cabo contra ele. Não se deixem levar pela utilização obsessiva de palavras como “nazi” ou “anti-semita”. Estes termos são utilizados contra ele fácil e mecanicamente como insultos provocadores. Não partem de qualquer tentativa de análise.

Pelo contrário: são pessoas que querem ser poupadas de efectuar um esforço intelectual desse tipo as que recorrem a essas palavras. Essas palavras são utilizadas para assassinar, metaforicamente, as pessoas a quem são aplicadas ou, pelo menos, para as calar e enviar para a prisão. Geralmente são vituperações atiradas ao vento para confundir e picar. Utilizá-las é um pouco como cuspir, e cuspir não dá a razão a ninguém.

Questionem-se se Zündel, em vez de ser o monstro que vos é descrito, não pode tão só ser um homem fortemente ligado ao seu país de origem, a Alemanha, cujo desejo não é outro além do de defender a sua pátria de calúnias horríveis.

Se ouvirem dizer que ele “nega o Holocausto judeu”, reflectam novamente.

Já alguma vez ele afirmou que, no decorrer da Segunda Guerra Mundial, os judeus não sofreram? A resposta é “Não”.

Ele argumentou realmente alguma vez que a Alemanha não possuía uma política anti-judia? A resposta é novamente “Não”.

Alguma vez argumentou que os judeus não eram deportados para campos de concentração? A resposta é uma vez mais “Não”.

Alguma vez advogou a discriminação racial, ou no seu passado pode ser encontrado qualquer tipo de comportamento racista junto daqueles que o conheceram como, por exemplo, os seus empregados? A resposta continua a ser “Não”.

Mas então, se tenho razão, e se perco tempo a dizer-vos que Zündel nunca defendeu nenhum dos ideais que falsamente lhe são atribuídos, porque é que a comunicação social, em uníssono, lhe escondeu este facto? Questionem-se. E tentem descobrir a resposta.

Vou descrever-vos resumidamente o que Zündel tem pensado e escrito no passado e continua a pensar actualmente nas prisões onde, há mais de dois anos, tem sido mantido como o mais perigoso dos criminosos.

Tal como eu e um número razoável de outros revisionistas, ele desafia, com a força de argumentos sólidos, documentos e relatórios periciais, a raiz daquilo que os judeus chamam de “Holocausto” ou “Shoah”.

Aquando da conclusão da sua investigação, descobriu que Adolf Hitler de facto tinha procurado uma solução final para a eterna questão judia mas, tal como é descrito em documentos relevantes, uma “solução territorial definitiva”.

Também descobriu que uma exterminação dos judeus nunca tinha sido levada em conta, não tão pouco efectuada, mas, tal como aconteceu noutros períodos da História de outros países, foi planeada uma repatriação dos judeus para fora da Europa: a “solução territorial definitiva era a repatriação dos judeus num território autónomo fora da Europa, em qualquer lugar excepto na Palestina”.

No que toca ao resto das descobertas de Zündel chamo, para melhor me compreenderem, a vossa atenção para acontecimentos recentes e para a guerra no Iraque. Já ouviram dizer que Saddam Hussein possuía “armas de destruição em massa”. Já sabem também que tal argumento é uma mentira descarada e que esta mentira tornou possível uma chacina militar, uma cruzada do “Bem contra o Mal.”

A guerra sempre andou de mãos dadas com a propaganda, em todas as alturas e lugares. Mesmo assim, para mencionar só este exemplo entre milhares, no século passado, durante os anos 30 e 40, foi construída uma propaganda excitada, principalmente nas grandes democracias ocidentais e na União Soviética, contra as forças do Eixo (“o Eixo do mal”, de certo modo) e, principalmente, contra a Alemanha.

Os Aliados ataçaram os seus próprios soldados para um ardor guerreiro e, depois da chacina, justificaram os seus próprios crimes de guerra e a própria guerra efectuando aterradoras acusações à Alemanha. Afirmou-se, em particular, que Hitler tinha ordenado a construção de armas de destruição massiva e utilizado estas armas

para matar os judeus de um modo constante e em proporções industriais.

Na realidade, não foi encontrada qualquer ordem deste tipo, nem qualquer vestígio das armas satânicas baptizadas de "câmaras de gás [para execução]" ou "camiões de gás [para execução]", e todos os "testemunhos" sobre a alegada existência e operação de tamanho matadouro químico provaram ser fraudulentos.

Foi isto que afligiu Zündel. É isto que ele, desde então, tem tentado trazer à vista do mundo. Foi esta espantosa descoberta de uma mentira colossal o que o levou a lutar como tem feito e como fará até ao seu último suspiro. É por isto, e apenas por isto, que agora está a ser assassinado aos poucos.

Já muitas vezes ouvimos dizer que a mais rara das virtudes é a de ter a coragem de lutar por aquilo em que acreditamos: esta máxima é ensinada nas escolas e nas universidades, nas obras da suprema literatura e em livros de banda desenhada. É uma virtude muito admirada em certos homens e mulheres do passado. Mas quando, subitamente, surge um exemplo vivo de tamanha coragem na realidade actual, geralmente as pessoas não o conseguem reconhecer. Ignoram-no, ou são levadas ao engano sobre esse exemplo.

Confiando nas aparências, dão ouvidos aos rumores que circulam por aí sobre esta pessoa extraordinária e, um belo dia, sem darem por isso, dão por si ao lado dos caluniadores. Tendo acreditado que estes tinham um grande amor à justiça, manifestam estar dispostos a levar a cabo a lei de Lynch quando confrontados com um disparate que se opõe à sociedade e ao ponto de vista popular, que está na moda.

Posso acrescentar que se conhecessem Zündel iriam respeitá-lo pela sua mente aberta, inteligência, compreensão para com o mais variado tipo de pessoa, e sinceridade. Depois, tendo desvendado a verdadeira personalidade de Zündel, o camponês, o artista, o intelectual, muito provavelmente ficariam com esta impressão: "Enganei-me sobre ele. Foi enganado. Nos meus pensamentos e palavras, pelos meus actos ou omissões, condenei um homem que, na realidade, é uma mais valia para a sua nação, para a minha nação e para toda a raça humana". Questionar-se-iam como poderiam corrigir o mal que tinham feito.

Eu dou-vos a solução. Que Zündel vos sirva de exemplo. Se os seus ideais não vos apelam, deixem-nos para ele mas peçam emprestado um pouco da sua coragem. Protestem contra o destino que lhe está destinado actualmente num cela de "alta segurança" numa prisão alemã e denunciem os falsos procedimentos que um alegado sistema de justiça está a levar a cabo contra ele.

No Canadá, Paul Fromm organiza, com o maior altruísmo, a defesa do nosso prisioneiro de consciência. Para participar no apoio a Zündel, comece por colaborar ajudando Paul Fromm.

Eu agradeço-lhe.

Paul Fromm, Canadian Association for Free Expression Inc. (Associação Canadiana para a Liberdade de Expressão), Box 32, Rexdale, Ontario, Canada M9W 5L3 • paul@paulfromm.com

www.dirlip.org

INCITAMENTO POPULAR

Relato 001 Sobre o Caso Ernst Zündel

Horst Mahler

O mandato de prisão está à minha frente. Ele foi expedido em 17 de fevereiro de 2003 no fórum de Mannheim, sob a inscrição 10 Gs 451/03. Ele foi assinado pela juíza Böttmann(?). O caso está sendo trabalhado pela promotoria de Mannheim sob o número 503 Js 4/96.

O propósito do processo de averiguação são atos caracterizados na Alemanha como Incitamento Popular (§130 do Código Penal Alemão). As primeiras linhas já deixam claro sobre o que vai ser averiguado. Ernst Zündel é apresentado "como o mais ativo e líder do chamado Revisionismo". Ele é acusado de, a partir de sua residência nos EUA, violar o §130 do Código Penal através da Internet (<http://www.zundel.org>) "por último em janeiro e fevereiro de 2003", assim como através do envio da "de ponta a ponta anti- semítica mala-direta Germania" e de outras publicações de combate.

O mandato de prisão compreende 39 páginas.

A acusação resume-se na seguinte avaliação:

"Em suas mensagens e publicações, ele viola cada vez de forma consciente a verdade histórica – frequentemente através das referências adicionais de literaturas complementares obtidas na Internet – através da identificação com as medidas nazistas de perseguição, num modo pseudo-científico, apoiado pela tendência de amenizar o Nacional-Socialismo da mácula do genocídio judaico, influenciar ampla e intensivamente nos sentimentos e afetividades dos leitores, através da negação do planejado destino de extermínio dos judeus pelos líderes Nacionais-Socialistas, da negação da existência de câmaras de gás para o assassinato em massa de judeus, através da difamação dos sobreviventes do genocídio e da memória dos judeus assassinados durante o extermínio em massa, através da afirmação que o extermínio em massa é uma invenção dos judeus e serve para a opressão do povo alemão, entre outras por exemplo as seguintes: ..."

O mandato de prisão que foi expedido a Ernst Zündel :

<http://www.aaargh.com.mx/fran/livres5/Anklage.pdf>

Comentário: Com a transferência de Ernst Zündel a uma prisão para prisioneiros de guerra em solo do Reich alemão, foi criado pela primeira vez, após a capitulação militar, uma condição que permite às forças fiéis ao Reich através da defesa pública de Ernst Zündel, tornar conhecidos os inimigos do Reich alemão - novamente como tais.

O maior dos mandamentos é agora uma clara avaliação da situação.

Ela começa com o reconhecimento,

* que a República Federativa Alemã não é um Estado, mas sim uma "Forma de organização de uma modalidade do domínio estrangeiro" (Organisationsform einer Modalität der Fremdherrschaft - Carlo Schmid);

* que o objetivo de guerra dos senhores estrangeiros é a destruição do Reich Alemão e o extermínio do povo alemão como pré-condição indispensável para a permanente subjugação da Europa;

* que a atual galopante invasão de elementos estrangeiros em nosso povo é o resultado até a data de hoje – com armas psicológicas e monetárias – da continuada estratégia de guerra contra o Reich Alemão;

* que "nossos políticos" e "nossos tribunais" estão a serviço do domínio estrangeiro e de nosso jurado inimigo;

* que nós podemos esperar dos traidores do povo alemão sempre somente novas traições, mas nenhuma salvação.

Nós não devemos finalmente perceber que nós nos fazemos de idiotas com as intermináveis súplicas sobre o "Direito básico" e os "Direitos humanos"? Não são suficientes ainda 60 anos de subjugação para nos tornar conscientes de quão inútil é nossa obediência a nossos inimigos? Nós somos realmente – como nos diz o Talmud – "tolos como os animais"?

Wolfgang Schäuble, o favorito de Helmut Kohl como sucessor à chancelaria, disse abertamente em uma conversa com o outrora presidente do Conselho Central dos Judeus na Alemanha, Ignaz Bubis: Tratando-se da "Mentira de Auschwitz" assim como da proibição dos símbolos nacionais-socialistas, aqui termina a brincadeira (ele descreve assim o "Direito Fundamental" da Liberdade de Expressão). [Frankfurter Allgemeinen Zeitung, 24/04/1996, pág. 41]

Supostas "experiências históricas" têm que servir para que um debate público sobre justamente estas experiências históricas possa ser proibido (Germar Rudolf). Poderia-se denominar este fenômeno com toda a razão como "loucura circular", não fosse este termo já utilizado pela psiquiatria de outra forma.

Mas aqueles que falam e agem desta maneira não são loucos. Eles sabem o que fazem. Eles são – se forem alemães do ponto de vista das leis do Reich e da nacionalidade – criminosos. E como tais – quando o Reich alemão for novamente restabelecido – serão responsabilizados.

Stefan Huster – provavelmente um jurista judeu – apresentou convincentemente no Novo Semanário Jurídico, Vol. 8/1996 pág. 487 e.d., que o §130 Seção 3 é incompatível com o Artigo 5 Seção I pág. 1 da Lei Fundamental. Ele receia de forma alguma salientar claramente que o §130 Seção 3 do Código Penal "evidencia justamente o caso exemplar de uma norma que é aplicada desta forma (determinada detalhadamente pelo Supremo Tribunal de Justiça) contra uma específica opinião" (pág. 489, coluna da esquerda).

Ao invés de tirar a consequência de que essa lei deve ser cassada pelo STJ, ele elabora um programa que perverte a lei, "para permitir ao §130 III do Código Penal o desejado campo de aplicação".

Seu atrevimento é de tirar o fôlego. Para ser o autor da perversão da lei, ele instituiu o Supremo Tribunal de Justiça. Este teve de alterar sua Jurisdição conforme o Artigo 5 da Lei Fundamental. Em outras palavras: a punição da chamada Mentira de Auschwitz é firmemente presumida e procura-se uma justificativa para ela conforme a tradição da Midrasch (Tradição da Lógica judaica, na qual o pensamento consequente somente tem lugar, à medida que ele promova a vantagem dos judeus – Mais sobre o "Midrasch" com Karl Georg Kuhn, "Die Entstehung des talmudischen Denkens (A Formação do Pensamento Talmúdico) em "Forschungen über das Judentum" (Pesquisa sobre o judaísmo) Volume 1, Editora für ganzheitliche Forschung, Viöl 1996 – ISBN 3-927933-84-8, pág. 64 e.d., 72 f.)

Huster investiga todas as tentativas até agora conhecidas, de conciliar o §130 Seção III do Código Penal com a Lei Fundamental. Ele avalia também – sem ter conhecimento dela – a Linha de Münster, a qual se baseia em colocar uma permanente cancela nos Direitos Básicos, fazendo com que ela perca sua função em proteger os alemães contra determinadas impertinências de seus inimigos. (Jurisdição da OVG Münster para "desvalorização" dos Direitos Básicos dos alemães que ainda queiram ser alemães). Ele prova que as estratégias mais conhecidas estão fadadas ao fracasso sem exceção, pois elas – ao invés de solucionar o problema – atraem para si novos e ainda mais complexos

problemas.

Huster conclui da seguinte forma:

"Entretanto coloca-se sobretudo a questão, se essa jurisdição favorável ao Direito Fundamental não precisaria ser adquirida às custas de por em perigo a liberdade de expressão. A proibição da negação de um fato histórico é com certeza um caso especial no §130 III do Código Penal, até mesmo um corpo estranho numa comunidade livre; para que a liberdade de expressão não seja violada, ela deve ser conservada única, pois os crimes são singulares e cuja negação ela sanciona."

Cruzar-se com as autoridades e os "tribunais" da OMF-BRD, como sendo estas instituições pertencentes a um Estado Alemão, é – objetivamente – traição à Pátria.

"Direito" é a vontade de uma comunidade autocrática e comum vontade do Existir da Liberdade.

Uma comunidade autocrática é vida que se apóia em si mesma, preservação e desenvolvimento próprios são seus valores máximos.

Somente uma potência superior estranha pode obrigar um povo através de uma infinitamente repetida propaganda de atrocidades, a inocular em si mesmo um complexo de culpa e deixar destruir sua alma através da eterna repetição da confissão de culpa.

Reconhecer o despotismo dos vencedores forjada na forma da lei do §130 do Código Penal alemão (Incitamento Popular através da "Negação do Holocausto") é o suicídio de um povo. Esta "lei" assegura a conclusão do cometido assassinato da alma do povo alemão através da "Clava de Auschwitz" (Martin Walser).

A destruição da religião holocáustica é imaginável somente como libertação do judaísmo do mal do jeovismo satânico, da ilusão do elitismo judaico. Esta tarefa foi determinada ao Espírito do Povo alemão. O contexto histórico espiritual foi mostrado por mim no Processo-Judaico em Berlim. Como visão geral e resumida, deve ser suficiente o arquivo MS-WORD anexo - "Einlassung zur Judenfrage".

A partir daqui, as principais audiências criminais contra os chamados Revisionistas não devem ser conduzidas pelos acusados através de uma conduta de boa vontade e se justificando, mas sim atacando frontalmente o judaísmo.

Deve-se arrancar da cabeça a aura de santo do "Povo de vítimas", das pessoas que estão atrás daqueles que nos perseguem. Depois disso, eles têm toda a razão em pedir perdão ao Povo alemão pela tentativa de assassinar, através da Mentira de Auschwitz, o Espírito alemão e, assim, o Povo alemão.

Horst Mahler Kleinmachnow 3 de março de 2005

<http://dirlip.org>

O MEU AMIGO

Pequeno Comentário Sobre o Caso Ernst Zündel

David Irving

Depois de ter passado dois anos em regime de solitária numa prisão canadiana, e tendo sido considerado um "risco para a segurança nacional" ao abrigo das novas leis "anti-terroristas" do pós 11 de Setembro, Zündel é remetido por via aérea para fora do país no qual viveu sem tão pouco ter sido alvo de qualquer acusação ou queixa criminal.

Em vez de lhe ter sido facultada a escolha de um destino para a sua extradição, o Canadá entrega-o à Alemanha, que nem tinha efectuado qualquer queixa contra ela a apoiar o seu pedido de extradição. Nenhum magistrado do Reino Unido teria permitido um procedimento deste tipo.

No Canadá o sistema judicial está fortemente poluído pelos inimigos tradicionais da liberdade de expressão. O "crime" de Zündel foi dizer coisas que estes indivíduos não querem que as pessoas ouçam.

Afinal foi Zündel quem enviou Fred Leuchter a Auschwitz com o seu balde e a sua espátula: e esta personagem feita Parsival regressou com 48 amostras ("ilegais") retiradas da alvenaria das "câmaras de gás"; e um respeitado laboratório legista da Nova Inglaterra registou que não existiam traços relevantes de resíduos de ciano nas câmaras homicidas onde alegadamente teriam sido gaseados meio milhão de homens.

Zündel tinha que pagar o preço por esta afronta, por este acto de blasfémia.

Quais são os seus crimes? Quais são os factos: diz-se por cá que afirmou que Hitler era um homem pacífico. Muitas pessoas acreditam nisso e a História pode vir a corroborar com eles. Mas Zündel também escreveu um livro com o título *The Hitler We Loved And Why* (O Hitler Que Adorávamos e Porquê). Material semelhante ao de um Spike Milligan, e dificilmente causador de uma pena de prisão de cinco anos.

O juiz canadiano Pierre Blais, um verdadeiro Roland Freisler da modernidade, deliberou que as suas actividades eram uma ameaça "à comunidade internacional das nações". Muitos bem podem dizer o mesmo

sobre as actividades do presidente George W. Bush.

O meu amigo Ernst Zündel suportou as extraordinárias provações que lhe foram infligidas pelos seus inimigos mesquinhos com uma admirável perseverança. Só ontem encontrei uma carta de duas páginas escrita a lápis por ele – um lápis mal afiado era tudo o que lhe era permitido possuir na sua cela canadiana – aguardando entre a correspondência de vários meses da qual finalmente consegui tomar conta depois da minha viagem pelos EUA.

“Um amigo do historiador britânico David Irving.” (menção a um artigo editado num jornal inglês – n.d.t.)

Sim, tenho muitos amigos com pontos de vista inconformistas, e orgulho-me de poder chamar este homem um deles.

www.dirlip.org

A FEDERAÇÃO SIONISTA SELECIONADA PELOS NAZISTAS

Panorama Do Sionismo e Do Holocausto

Haim Bresheet

Com respeito à apropriação histórica do Holocausto, pela propaganda sionista, é preciso primeiramente notar que o Sionismo sem o Anti-Semitismo é impossível. O Sionismo concorda com os princípios básicos do Anti-Semitismo, mas propriamente com o fato de que os judeus não podem viver com não-judeus.

A história e as raízes do Holocausto estão plantadas a um longo tempo atrás. Enquanto a indústria da morte e da destruição não operou antes de 1942, suas raízes estavam firmemente plantadas no século 19. As aspirações judaicas por emancipação emergiram nas lutas nacionalistas na Europa. Quando as esperanças por libertação, através de uma reforma democrático-burguesa, foram frustradas, outras alternativas para lotear o povo judeu na Europa ganharam proeminência.

O bloco socialista, um movimento de massa com muitos seguidores teve que se defrontar com uma oposição de um novo e pequeno, quase insignificante, grupo oposicionista: os políticos sionistas. Em breves palavras estes dois grupos ofereceram, diametralmente, distintas opções para os judeus na Europa. Enquanto os socialistas propunham juntar forças ao restante dos trabalhadores da Europa, os sionistas estavam propondo um novo programa, baseado na libertação dos judeus Europeus formando alguma espécie de Estado Judeu.

Historicamente, nada é inevitável, tudo depende da correlação das forças envolvidas em uma batalha. A história pode ser vista como uma árvore, cheia de opções: a cada momento uma opção é escolhida. Por causa da escolha, mover-se para o ponto anterior ao da escolha, se apresenta impossível.

Enquanto o Sionismo, como uma opção, foi escolhido por muitos jovens judeus, este permaneceu uma posição minoritária, até os primeiros dias do 3o. Reich. A Federação Sionista da Alemanha (ZVFD), uma organização representativa de uma pequena minoria dos judeus alemães, foi selecionada pelos nazistas como o corpo representativo dos judeus no Reich. Esta era a única bandeira de alguma organização internacional permitida a balançar em Berlim, e está foi a única organização internacional permitida a funcionar durante este período. De uma posição marginal, os líderes da Federação Sionista foram levados a uma promoção e centralidade que surpreendeu inclusive a eles. Rapidamente eles ganharam poder político, baseado não na representação, mas por terem sido escolhidos pelo regime nazista para negociar os problemas judeus. Sua posição na negociação com as propostas nazistas, que afetava a vida de muitas dezenas de milhares de judeus na Alemanha, os transformou, de uma marginal e utópica organização da Alemanha (e alguns outros países da Europa), em uma opção real a ser considerada pelos judeus alemães. O melhor exemplo disto foi o “Tratado de Transferência” de 1934. Imediatamente após a tomada dos nazistas de 1933, judeus de todo o mundo suportaram ou organizaram redes de boicote aos produtos alemães. Esta campanha feriu o regime nazista e as autoridades alemãs, buscando freneticamente um caminho para desestabilizar o boicote. Estava claro que se os judeus e as organizações judaicas não participassem, a campanha entraria em colapso. Este problema foi resolvido pela Federação Sionista da Alemanha.

Uma carta foi enviada ao Partido Nazista, em 21 de junho de 1933, sublinhando os desacordos e acordos existentes entre as duas organizações nas questões de raça, nação e a natureza do problema judeu, e a proposta de colaborar com o novo regime: A compreensão do Sionismo só seria ferida pelo ressentimento de judeus estrangeiros contra o desenvolvimento alemão. A propagando do boicote,

assim como foi promovida contra a Alemanha, em muitos sentidos é em essência anti-sionismo, porque o Sionismo não quer a batalha, mas o convencimento e a construção...

Em seu desejo intenso de ser credenciado e ver o estabelecimento do novo regime, a organização sionista procurou minar o boicote. O ato de conotação mais pública foi à assinatura do "Acordo de Transferência" com autoridades nazistas durante o Congresso Sionista de 1934. Em essência o acordo foi projetado para capturar Judeus Alemães fora do país e dentro da Palestina Legal. Isto provia a possibilidade para os judeus de pegar uma parte considerável de suas propriedades fora do país, através de uma transferência de bens alemães para a Palestina. Este direito era negado aos judeus que estivessem saindo para qualquer outro destino. A Organização Sionista foi o agente em ação, através de suas organizações financeiras. Este acordo operou em um variado número de frentes de "ajuda" aos judeus para deixarem o país, quebrando o boicote, exportando bens alemães em grande quantidade para a Palestina, e por último, mas não menos, habilitando o regime para ser visto como humano e razoável mesmo pelos inimigos declarados: os judeus. Depois de tudo, eles argumentaram, os judeus não pertencem à Europa e agora os judeus vem e concordam com eles.

Depois das notícias de que o acordo teria sido quebrado, o boicote estava dominado. Se a Organização Sionista pensou que fosse possível e necessário dialogar com os nazistas, e importar seus bens de consumo, quem poderia defender um boicote?

Esta não foi a primeira vez que os interesses de ambos os movimentos foram apresentados ao público alemão como complementares. O Barão Von Mildenstein, o primeiro cérebro do Departamento Judeu da SS, mais tarde seguido por Eichmann, foi convidado a viajar para Palestina. Ele o fez em 1933, na companhia de um líder sionista, Kurt Tuchler. Tendo estado seis meses na Palestina, ele escreveu uma série de artigos positivos no *Der Sturmer*, descrevendo o "novo judeu" do Sionismo, um judeu nazista poderia aceitar e entender. Este pequeno episódio estabeleceu quase claramente a relação durante os anos iniciais do nazismo, entre o novo regime e a Federação Sionista, uma relação que desaguou, mais tarde, em um número de circunstâncias chaves, mesmo depois que a natureza da Solução Final ficou clara. Em muitos casos isto significou um silêncio sobre os horrores das exterminações. Um livro, concentrado neste aspecto da reação sionista ao Holocausto é *Sionismo Pós-Ugandan como Prova Severa do Holocausto*, por S. B. Beth-Zvi.

No caso do episódio Kastner, em volta do qual Jim Allen´s encena "Perdição", mesmo a desculpa normal de falta de conhecimento da verdadeira natureza dos eventos, não existe. Isto ocorreu perto do final da guerra. A União Soviética avançou por quase toda a Alemanha. As bases italiana e africanas tinham sido perdidas. Os nazistas estavam no caminho, com uma série de países na mão, como a Romênia, deixando Axis. Uma segunda frente foi uma matéria de meses após, com os aliados ocidentais preparando suas forças. No meio disto tudo nós encontramos Eichmann, o burocrata maior da indústria da morte, instalando seu QG na ocupada Budapeste, após a saída germânica do país em abril de 1944.

Seu primeiro ato foi ter uma conferência com os líderes judeus, e apontar os membros da Federação Sionista, encabeçados por Kastner, como agentes e esclarecedores para todos os judeus em sua relação com a SS e as autoridades nazistas. Porque eles fizeram isto não é difícil de identificar. Como oponentes à Polônia, onde seus três milhões e meio de judeus viviam em guetos e onde visivelmente se diferenciavam do resto da população polonesa, os judeus húngaros eram parte integrante da comunidade. A classe média era em sua maioria judaica. Eles aproveitavam a liberdade para viajar, serviam no exercito fascista húngaro nas unidades de fronteira, como oficiais e soldados, seus nomes eram Húngaros – como iria Eichmann encontrá-los, se eles tinham que ser exterminados?

A tarefa não era fácil, havia um milhão de judeus na Hungria, em sua maioria residentes, o restante como refugiados de outros países. Muitos ouviam falar da fatalidade de judeus em outras partes, e eram contrários a acreditar nas palavras dos oficiais nazistas. Como em outros lugares, o único povo que obteve a informação sobre o fragilizado povo judeu foram os Judenrat. Neste caso os Judenrat compreendiam em sua maioria membros da Federação Sionista. Sem a sua ajuda, a SS, com 19 oficiais e menos de 90 homens, mais algumas centenas de policiais húngaros, não poderiam ter capturado e controlado milhões de judeus, quando eles nem sabiam onde os poderiam encontrar.

Kastner e os outros foram deixados sem nem uma ilusão. Eichmann disse a Joel Brand, um dos membros do comitê de Kastner, que pretendia enviar todos os judeus húngaros para Auschwitz, antes que ele iniciasse as expulsões! Ele disse claramente que todos aqueles judeus iam morrer, 12000 por dia, ao menos que certas condições fosse encontradas. O Comitê percebeu uma opção simples, dizer aos judeus da Hungria sobre o seu destino, (com a neutra-Romenia, onde muitos poderiam escapar, estando, na maioria dos casos, a algumas horas de distância) ou colaborar com os nazistas os assessorando no processo de concentração. O que não seria acreditado quando vindo da SS, soava quase plausível quando vindo das bocas dos líderes sionistas. Assim, a maioria dos judeus húngaros caminharam calmamente para sua morte, assegurados por seus líderes de que estavam sendo mandados para campos de trabalho.

Para estar certo, existem 30 peças de prata nesta narrativa de destruição: os trens da proeminência que Eichmann prometeu a Kastner, uma promessa que ele manteve até o último detalhe. Para Eichmann isto era uma barganha: permitindo a sobrevivência de 1680 judeus, como preço a ser pago pela colaboração silenciosa sobre os judeus mortos. Não havia maneiras dos judeus húngaros serem encontrados, imaginem assassinados, sem a completa colaboração de Kastner e seus amigos. Não há dúvidas de que a SS buscaria alguns poucos judeus aqui e ali, mas a escala da operação teria sido minúscula se comparada ao meio milhão que morreu em Auschwitz. É importante compreender que Kastner não era uma aberração, como disse Rumkovky em Lodz. Kastner agiu como resultado de suas fortes convicções sionistas. Suas ações eram um prosseguimento lógico de posições anteriores. Isto foi certificado quando ele expôs à Gestapo a existência de uma célula britânica de sabotadores, Palgi e Senesh, e persuadiu eles a se entregarem, assim como para desativar suas operações. Em nenhum momento durante o seu julgamento ou em qualquer outro lugar, Kastner negou que sabia exatamente o que estava para acontecer a aqueles judeus.

Para concluir, o papel jogado pelos sionistas neste período, estava conectado a outro papel que eles poderiam, e deveriam ter jogado, de alarmar todo o mundo sobre o que estava acontecendo na Europa. Eles tinham a informação, mas politicamente isto era contrário a suas prioridades. As prioridades eram, e ainda são, quase simples: Todos os empreendimentos futuros que se seguiram na Palestina, este foi o preço. As vidas de indivíduos, judeus e não judeus, são secundárias. Se este processo requer o alinhamento com fascistas, nazistas e outras sortes de regimes ditadores ao redor do mundo, então que seja.

<http://www.israel3.com/ftopict-516.html>

<http://www.normanfinkelstein.com/>

<http://www.midiaindependente.org/es/blue/2005/05/316446.shtml>

QUE OS KHAZARES SÃO OS ANCESTRAIS LINEARES DOS JUDEUS

Os Judeus Não São Uma Raça!

Alfred Lilienthal

Hoje, traçar a ascendência de qualquer um à antiga Palestina seria uma impossibilidade genealógica; e presumir, aforismicamente, tal ascendência aos judeus, sozinhos entre todos os grupos humanos, é uma asserção de significado puramente fictício. A maioria no Mundo Ocidental poderia manter alguma reivindicação de ascendência palestina se as árvores genealógicas pudessem ser estabelecidas por dois mil anos. E existem, ainda, pessoas que, apesar de nem no mais amplo exagero de imaginação judias, orgulhosamente fazem esta reivindicação: algumas das mais velhas das famílias aristocráticas do Sul jogam um jogo de comparação cuja linhagem vai até "Israel". Ninguém sabe o que aconteceu às Dez Tribos Perdidas de "Israel", mas especular que poderia ser alguém de passado anglo-saxônico, e Rainha Vitória pertenceu a uma Sociedade "Israelita", que traçava as origens de seus membros de volta àquelas tribos perdidas.

Doze tribos começaram em Canaã cerca de 35 séculos atrás; e não apenas dez delas desapareceram - mais da metade dos membros das restantes duas tribos jamais voltou de seu "exílio" na Babilônia. Como então, pode alguém reivindicar descender diretamente da comunidade relativamente pequena que habitava a Terra Santa no tempo do Pacto de Abraão com Deus?

O mito racial judaico vem do fato de que as palavras hebreu, "israelita", judeu, judaísmo e o povo judaico tem sido usadas com o mesmo sentido para sugerir uma continuidade histórica. Mas é um uso errôneo. Estas palavras se referem a diferentes grupos de pessoas com variados estilos de vida em diferentes períodos históricos. Hebreu é um termo corretamente aplicado ao período do começo da história bíblica até a chegada a Canaã. "Israelita" se refere corretamente aos membros das doze tribos de Israel. O nome Yehudi ou Judeu é usado no Velho Testamento para designar membros da Tribo de Judá, descendentes do quarto filho de Jacó, bem como para indicar cidadãos do Reino de Judá, particularmente no tempo de Jeremias e sob a ocupação persa. Séculos depois, a mesma palavra veio a ser aplicada a qualquer um, não importa a origem, cuja religião era o Judaísmo.

O nome descritivo Judaísmo jamais foi ouvido pelos hebreus ou "israelitas": aparece somente com a Cristandade. Flavius Josephus foi um dos primeiros a usar o nome em seu recital da guerra com os romanos para indicar uma totalidade de crenças, leis morais, práticas religiosas e instituições

cerimoniais na Galiléia que ele acreditava superiores ao helenismo rival. Quando a palavra Judaísmo nasceu, não mais existia um Estado hebreu-"israelita". As pessoas que abraçavam o credo do Judaísmo já eram misturas de muitas raças e fontes; e esta diversificação estava crescendo rapidamente...

Talvez a mais significante conversão em massa à fé judaica aconteceu na Europa, no século 8 d.C., e esta história dos Khazares (povo turco-fínico) é bem pertinente ao estabelecimento do moderno Estado de "Israel". Este povo parcialmente nômade, provavelmente relacionado com os Búlgaros do Volga, primeiro apareceu na Trans-Caucásia no século II. Eles se estabeleceram no que é agora o sul da Rússia, entre o Volga e o Don, e então se espalharam até as costas dos Mares Negro, Cáspio e de Azov. O Reino de Khazaria, governado por um khagan ou khakan caiu para Átila o Huno em 448, e para os muçulmanos em 737. Nesse intermédio, os khazares governaram uma parte dos búlgaros, conquistaram a Criméia, e aumentaram seu império sobre o Cáucaso longe ao noroeste incluindo Kiev, e na direção leste até Derbend. Tributos anuais eram levantados dos russos eslavônicos de Kiev. A cidade de Kiev foi provavelmente construída pelos khazares. Havia judeus na cidade e na área ao redor antes que o Império Russo foi fundado pelos varengianos a quem os guerreiros escandinavos algumas vezes chamara os Rus ou Ross (cerca de 855-863).

A influência dos khazares estendeu-se ao que é hoje a Hungria e a Romênia. Hoje, as vilas de Kozarvar e Kozard na Transilvânia dão testemunho da penetração dos khazares que, junto com os magiares, então prosseguiram até a atual Hungria. O tamanho e poder do Reino da Khazaria é indicado pelo ato que ele mandou um exército de 40.000 soldados (em 626-627) para ajudar Heráclio dos bizantinos a conquistar os persas. A Enciclopédia Judaica orgulhosamente se refere à Khazaria como tendo "um bem constituído e tolerante governo, um comércio florescente e um exército bem disciplinado."

Judeus que haviam sido banidos de Constantinopla pelo governante bizantino Leo III acharam um lar entre estes khazares então pagãos e, em competição com os missionários maometanos e cristãos, converteu-os à fé judaica. Bulan, governante da Khazaria, se converteu ao Judaísmo por cerca de 740 d.C. Seus nobres e, um pouco depois, seu povo o seguiu. Alguns detalhes destes eventos estão contidos em cartas trocadas entre o Khagan Joseph da Khazaria e R. Hasdai Ibn Shaprut de Córdoba, doutor e quase ministro do exterior do Sultão Abd al-Rahman, o Califa da Espanha. Esta correspondência (cerca de 936-950) foi publicada pela primeira vez em 1577 para provar que os judeus ainda tinham um país próprio - nomeadamente, o Reino da Khazaria. Judah Halevi sabia das cartas até em 1140. Sua autenticidade foi desde então estabelecido além de dúvidas.

De acordo com estas cartas Hasdai-Joseph, Khagan Bulan decidiu um dia: "Paganismo é inútil. É vergonhoso para nós sermos pagãos. Vamos adotar uma das religiões divinas, Cristianismo, Judaísmo ou Islamismo". E Bulan chamou três clérigos representando as três religiões e os fez discutir seus credos diante dele. Mas, nenhum clérigo conseguiu convencer aos outros, e ao soberano, que a sua religião era a melhor. Então o governante falou a cada um deles separadamente. Ele perguntou ao clérigo cristão: "Se você não fosse cristão ou tivesse que abandonar o Cristianismo, qual você iria preferir - Islamismo ou Judaísmo?" O clérigo falou: "Se eu fosse abandonar o Cristianismo, me tornaria um judeu." Bulan então perguntou ao islamita a mesma questão, e o muçulmano também escolheu o Judaísmo. Assim Bulan escolheu o Judaísmo para ele mesmo e para o povo da Khazaria no século sétimo depois de Cristo, e a partir daí os khazares (às vezes se escreve cazares ou cozares) viveram de acordo com as leis judaicas.

Debaixo do comando de Obadiah, o Judaísmo ganhou força adicional na Khazaria. Sinagogas e escolas foram construídas para dar instrução sobre a Bíblia e o Talmud. Como o Professor Graetz escreve em sua História dos Judeus, "Um sucessor de Bulan que carregava o nome hebreu de Obadiah foi o primeiro a fazer esforços sérios para espalhar a fé judaica. Ele convidou sábios judeus a se estabelecerem em seus domínios, recompensou-os realmente... e introduziu um serviço divino modelado nas comunidas antigas. Após Obadiah veio uma longa série de Khagans judeus, pois de acordo com uma lei fundamental do Estado apenas aos governantes judeus era permitida a ascensão ao trono." Mercadores khazares não trouxeram apenas seda e tapetes da Pérsia e do Oriente Próximo mas também sua fé judaica ao Vístula e ao Volga. Mas o Reino da Khazaria foi invadido pelos russos, e Itil, sua grande capital, caiu a Sviatoslav de Kiev em 969. Os bizantinos haviam se tornado temerosos e invejosos dos khazares e, numa expedição conjunta com os russos, conquistaram a parte khazariana da Criméia em 1016 (Criméia era conhecida como "Chazar" até o século 13). Os judeus khazarianos se espalharam através do que é hoje a Rússia e a Europa Oriental. Alguns foram levados ao Norte onde se juntaram à comunidade judaica estabelecida em Kiev.

Outros voltaram ao Cáucaso. Muitos khazares de re-casaram na Criméia e na Hungria. Os Cagh Chafut, ou "judeus da montanha" no Cáucaso e os judeus hebraile da Geórgia são seus descendentes. Estes judeus "ashkenazim" (como os judeus da Europa Oriental são chamados) cujos números foram aumentados pelos judeus que fugiram da Alemanha no tempo das Cruzadas e durante a Peste Negra, tem pouco ou nenhum traço de sangue semítico.

Que os khazares são os ancestrais lineares dos judeus da Europa Oriental é um fato histórico. Historiadores judeus e livros-texto religiosos reconhecem o fato, apesar de propagandistas do nacionalismo judaico considerarem isso propaganda pró-árabe. Um pouco ironicamente, o Volume IV da Enciclopédia Judaica - porque essa publicação soletra khazares com "C" ao invés de "K" - é intitulado "Chazares para Dreyfus": e foi o caso Dreyfus, conforme interpretado por Theodor Herzl, que fez os modernos judeus khazares da Rússia esquecer sua ascendência de convertidos ao judaísmo e aceitar o anti-semitismo como prova de sua origem na Palestina.

Até onde os antropólogos conhecem, a ascendência de Hitler pode ir até uma das Dez Tribos Perdidas de "Israel"; enquanto Weizmann pode ser um descendente dos khazares, os convertidos ao judaísmo que não estavam por nenhuma ligação antropológica relacionados com a Palestina. A casa para onde Weizmann, Silver e tantos outros sionistas ashkenazim tanto reclamaram para voltar muito provavelmente jamais foi deles. "Aqui temos um paradoxo, um paradoxo, o mais ingênuo paradoxo": antropológicamente, muitos cristãos podem ter muito mais sangue hebreu-"israelita" do que muitos de seus vizinhos judeus.

Raça pode aplicar armadilhas engraçadas naquelas pessoas que fazem desse conceito a base de seus gostos e desgostos. Pessoas obcecadas pela raça podem se achar odiando pessoas que, de fato, podem ser de sua própria parentela.

<http://www.radioislam.org/islam/portugues/textes/alfredl.htm>

MENTIRA

Espanhol Mentiu 30 Anos Como Vítima Do Nazismo

Um espanhol que durante 30 anos se fez passar por uma vítima dos campos de concentração nazistas confessou que mentiu durante todo este tempo. Enric Marco, de 84 anos, inventou histórias sobre a tragédia.

Durante 30 anos, ele participou de conferências, deu entrevistas e participou de solenidades. Enric até escreveu um livro, em 1978: Memória do Inferno.

Na publicação, Enric relatava a falsa experiência vivida no campo de concentração de Flossenbürg. Ele dizia ser o prisioneiro número 6.448. Na última entrevista que deu, para um jornal da Catalunha, afirmou que o dia em que os judeus foram libertados não foi feliz.

Depois de tantas mentiras e desconfianças, a máscara de Enric caiu. Ele confessou que viajou da França à Alemanha em 1941 para trabalhar. Em 1943, dois anos antes do fim da 2ª Guerra Mundial, já estava de volta à França. Antes, portanto, da criação dos campos de concentração nazistas.

CARTA

Jornal Russo Publica Investigações Demolidoras Sobre As Bases Talmúdicadas Do Genocídio Israelita

Michael A. Hoffman II

Segundo o jornal israelita "Haaretz", o influente jornal russo "Rus-pravoslavnyaya" publicou, esta semana, uma longa e bem documentada carta, assinada por 500 editores, acadêmicos e intelectuais, relacionando o Talmude com a expulsão dos palestinos. O documento é tão sofisticado que cita extensivamente a *Shulchan Aruch* e outros códigos Talmúdicados, indicando, correctamente, estes textos "sagrados" como o pano de fundo genocida para o plano de deportação massiva ("transferência") de todos os Palestinos, da autoria do líder israelita Avigdor Lieberman. (Quem me puder fornecer uma cópia deste documento, em russo ou inglês, por favor faça-o)

Ao citar especificamente a *Shulchan Aruch* os autores russos evitam o truque de desinformação normalmente usado pelos rabinos e seus apologistas quando confrontados com o ódio Talmúdicado. O rabinato mente ao *goyim* ignorante e inquiridor alegando que "o Talmude é apenas uma série de debates", na esperança de que o ingênuo *goy* não saiba a diferença entre *responsora* e *minhag* por um lado, e a *Mishneh Torah* e a *Shulchan Aruch* por outro. Estas duas últimas constituem a *halacha* que regula rigidamente todos os minutos e acções da vida de um judaico obediente.

Os russos, que estão entre os melhores jogadores de xadrez do mundo, não caíram na armadilha semântica, mesmo que muitos americanos tenham.

Muitos americanos dizem-me que o meu livro "Judaism's Strange Gods" não pode ser verdade porque os rabinos os informaram de que o Talmude "é só uma colecção de debates não vinculativos".

Irá reparar também, no artigo reproduzido em baixo, que o Russo-Israelita Natan Sharansky, que de acordo com os media americanos foi um dos inspiradores do discurso de tomada de posse de Bush sobre a "liberdade", apelou a Vladimir Putin para que tratasse os autores do documento "severamente". Por outras palavras, Sharansky quer que Putin multe ou prenda os autores porque criticaram o Talmude.

Aqui está a "liberdade" do império Americano-Israelita, a liberdade para suprimir a expressão intelectual dos inimigos dos Fariseus. Entretanto, todos os incitamentos imagináveis contra Cristo e os verdadeiros Cristãos e contra os Muçulmanos e Maomé são permitidos e florescem nos EUA sob a *shibboleth* da "democracia" e do "combate ao terror".

A Rússia abriga os maiores e mais astutos analistas e críticos da Franco-maçonaria, do Judaísmo e do Sionismo do mundo. Não admira que russofobos como os *John Birchers* sejam encorajados por uma sociedade secreta oculta conhecida como OTO (documentada por Craig Heimbichner), enquanto que certos segmentos de crentes católicos da "Aparição de Fátima" são apoiados e promovidos pelo rabino Meyer Schiller. Estes dois grupos são usados na agitação contra a Rússia, considerada a fonte suprema de mal no mundo, por Israelitas e maçons que temem que a Rússia seja a única entre as nações do Ocidente, com o potencial para produzir um governo que irá um dia brandir o poder do Estado para oficialmente se opor à Franco-maçonaria e ao Judaísmo.

A *Shulchan Aruch* é uma compilação das áreas da halachah (lei religiosa judaica) que são aplicáveis hoje em dia. Foi compilada pelo rabi Yosef Karo de Safed (Israel) na década de 60 de 1500, e tornou-se aceite como fonte de autoridade após o rabi Moshe Isserls de Cracóvia (Polónia) a ter completado na década de 70 de 1500.

QUANTAS PESSOAS TERÃO DE SER MORTAS

No discurso de aceitação do Nobel, Harold Pinter pede que Blair vá ao tribunal por crimes de guerra

No discurso que vai ser lido na cerimónia de entrega do Prémio no próximo Sábado, o escritor inglês Harold Pinter, Nobel de Literatura de 2005, pede com muita firmeza que o Primeiro-ministro inglês Tony Blair compareça no tribunal por crimes de guerra.

Ao longo das 5.000 palavras que compõem aquele discurso de aceitação, o dramaturgo britânico critica também ferozmente o governo norte-americano pelas prisões de Guantánamo e também a desestabilização que os norte-americanos desencadearam na Nicarágua nos anos de 1980.

Todavia, reserva as suas críticas mais cerradas para o Reino Unido pela sua atitude «patética» de apoio aos Estados Unidos.

O corajoso escritor, indefectível ativista anti-militarista, chega mesmo a declarar textualmente: «A invasão do Iraque foi um ato de bandidos, um ato de terrorismo de Estado, demonstrando a mais completa indiferença para com a lei internacional».

E acrescenta: «A invasão foi uma ação militar arbitrária, baseada numa série de mentiras e de grosseiras manipulações dos media e da opinião pública...um claro exemplo da responsabilidade da força militar pela morte e mutilação de milhares e milhares de pessoas inocentes»

Harold Pinter, de 75 anos, não poderá estar presente na cerimónia de entrega do Prémio Nobel de Literatura pela Academia Sueca em Estocolmo por causa do seu frágil estado de saúde, pelo que será substituído pelo seu editor. No entanto, o autor de «The Caretaker» e «The Birthday Party» gravou o discurso num vídeo que será retransmitido naquela cerimónia.

«Quantas pessoas terão de ser mortas antes daqueles políticos serem qualificados de assassinos de massa e de criminosos de guerra? Cem mil pessoas?» interroga-se o escritor em dado momento do discurso gravado.

«A justiça exige que Bush e Blair sejam presentes ao Tribunal Penal Internacional. Bush foi, no entanto, mais esperto ao não ter ratificado o tratado que institui aquele tribunal internacional. Mas o governo Blair ratificou, pelo que pode ser objeto de acusação. Podemos enviar ao Tribunal, desde já, o seu endereço se assim estiver interessado: é o nº 10 de Downing Street, London »

8 dez. 2005.

<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/12/340498.shtml>

IRMÃOS

Líder da oposição egípcia diz que holocausto é uma lenda

Cairo - O líder dos Irmãos Muçulmanos, principal força de oposição no Parlamento egípcio, afirmou hoje que o holocausto da Segunda Guerra Mundial é uma "lenda".

"A democracia ocidental atacou todos que não compartilhavam a visão do filho de Sion (em referência a uma passagem bíblica) na lenda do Holocausto", disse Mohamed Mahdi Akef em um comunicado.

Akef citou como exemplo de sua afirmação os casos do escritor francês Roger Garaudy, que em 1998 foi preso por ter negado a existência do Holocausto, e do historiador britânico David Irving, que no próximo mês será julgado na Áustria sob a mesma acusação.

O presidente iraniano, Mahmud Ahmadinejad, desencadeou uma onda de protestos internacionais em 14 de dezembro quando em um discurso definiu o holocausto como uma lenda.

Na Segunda Guerra Mundial foram assassinados cerca de seis milhões de judeus.

Jornal da mídia, 22 Dic; 2005

http://www.jornaldamidia.com.br/noticias/2005/12/22/Mundo/Lider_da_oposicao_egipcia_diz_que.shtml

PROTESTOS VEEMENTES

Liberdade para a história

Europeus confrontados com passado totalitário

Simone de Mello

Um manifesto de historiadores franceses relançou a discussão sobre como lidar com uma trajetória totalitária. Será que o Estado tem o direito de prescrever verdades históricas?

Até que ponto a historiografia pode ser ditada pelo Estado? Em fevereiro do ano passado, uma polêmica lei aprovada pelo Parlamento francês determinou que os currículos escolares reconheçam prioritariamente "o papel positivo da presença francesa no ultramar, sobretudo no Norte da África".

Após protestos veementes por parte de historiadores e líderes políticos das ex-colônias, os distúrbios entre jovens descendentes de imigrantes nas periferias urbanas francesas, em outubro e novembro, vieram a acirrar ainda mais a discussão sobre o passado colonialista. Até que, em meados de dezembro, 19 historiadores – entre os quais Jean Pierre Vernant e Pierre Vidal-Naquet – lançaram o manifesto "Liberté pour l'histoire" (Liberdade para a história), onde condenam diversas leis que, no seu parecer, "prescrevem métodos e impõem limites aos historiadores".

Negar o passado é crime?

Na visão dos assinantes do manifesto, história não é religião, nem moral, nem objeto jurídico, além de não se submeter à atualidade e não se reduzir à memória. Em defesa da autonomia histórica, eles exigem não apenas a revogação da lei sobre a propagação dos efeitos positivos do colonialismo, mas também as leis que enquadram como crime a negação da Shoah e do extermínio contra os armênios, bem como a que reconhece a escravatura como crime contra a humanidade.

Por um infeliz acaso, o apelo dos historiadores franceses coincidentemente foi lançado na mesma semana em que o presidente iraniano, Mahmud Ahmadinedjad, fez declarações estupefacentes, qualificando o Holocausto como "mito" e negando a legitimidade do Estado de Israel. Será que criminalizar a propagação de inverdades históricas é, de fato, um desserviço à historiografia?

Da impossibilidade de uma historiografia atemporal

A opinião pública da Alemanha, um país escolado no confronto com um passado totalitário, criticou como ingênua a tentativa dos franceses em dissociar a história de "modelos ideológicos contemporâneos" e negar que ela "introduza a sensibilidade de hoje nos acontecimentos de outrora".

Afinal, sem a constante reciclagem da opinião pública e sem uma cultura de debates sobre a atualidade, como a sociedade poderia reajustar suas lentes e passar a enxergar o passado com outros olhos?

Mais do que colocar em questão a autonomia da história como disciplina "científica", a polêmica em torno do manifesto francês revela uma inquieta busca de como lidar com o passado totalitário na Europa.

O novo revisionismo

Na França, isso se reflete, por exemplo, na quebra de tabus, como a imagem ainda relativamente intocada de Napoleão Bonaparte. O lançamento do polêmico livro *Le crime de Napoleon*, de Claude Ribbe, no início de dezembro passado, por exemplo, conferiu maior discricção às comemorações do bicentenário da Batalha de Austerlitz.

Depois que a escravatura foi enquadrada como crime contra a humanidade na legislação francesa, em 2001, não deixa de ser uma quebra de tabu por parte dos conservadores tentar restaurar nas escolas a glória do passado colonialista.

Em sociedades que tiveram que questionar a duras penas a auto-imagem das gerações anteriores e finalmente conseguiram estabelecer a "contra-história" como norma historiográfica, o revisionismo acaba partindo de conservadores interessados em restaurar a imagem da identidade nacional às custas da veracidade histórica. Na Alemanha, este é o caso do revisionismo de extrema direita, enquadrado como crime por negar o Holocausto, entre outros fatos históricos.

O que deve entrar para a história?

No entanto, ao exigir que se descriminalize a negação da Shoah e do extermínio dos armênios, por exemplo, os historiadores franceses lançaram uma outra questão, bem mais delicada. Por um lado, a prescrição estatal daquilo que deve "entrar para a história" é incompatível com qualquer democracia; por outro, uma democracia que não defenda a integridade das vítimas da história também não estaria cumprindo sua função.

Até que ponto é legítimo impor como obrigação civil a confirmação de verdades históricas?

Se a afirmação de verdades históricas se reduzir a mera "political correctness" ou obediência à lei e não corresponder a uma reflexão coletiva mais aprofundada, a prescrição do que deve ser considerado histórico ou não pode até ser perigosa, pois escamoteia o que certos setores da sociedade realmente pensam. No entanto, este é raramente o caso, em se tratando do desafio de se confrontar com o próprio passado (ou presente) criminoso e segregacionista.

Na Alemanha, por exemplo, a interiorização definitiva de que negar o Holocausto é crime sucedeu um amplo debate público nos anos 80, lançado pelo filósofo Jürgen Habermas e denominado "disputa dos historiadores" (Historikerstreit). Na França, a violenta manifestação de insatisfação dos descendentes de imigrantes (dos quais mais da metade provém de ex-colônias) obrigou a sociedade a encarar que o segregacionismo colonial talvez ainda perdure nas periferias urbanas francesas.

Estado como motor mnemônico

Por outro lado, o intervencionismo do Estado na reflexão histórica pode contribuir para a "elaboração do passado" ("Vergangenheitsbewältigung", um conceito-chave alemão no processo de reconstituição da memória coletiva). Ao longo do ano passado, o governo alemão formou duas comissões de historiadores, a fim de corrigir imprecisões e possíveis inverdades sobre o papel no Estado nos regimes ditatoriais.

A chamada Comissão de Historiadores para Investigação do Papel do Ministério do Exterior na Época do Nacional-Socialismo, constituída em setembro passado, tem a responsabilidade de esclarecer a convivência da diplomacia com o regime nazista, sua forma de lidar com o passado e a permanência no Ministério, após 1945, de pessoas envolvidas com os crimes nazistas.

A Comissão de Especialistas para Concepção de uma Associação de Investigação sobre a Ditadura do SED [partido central da antiga Alemanha comunista], constituída no início do ano passado, está inventariando o acervo e os arquivos de 39 instituições da antiga Alemanha Oriental, a fim de esboçar uma "paisagem da memória".

Não esquecer o que se deleta

Ao promover a investigação histórica e o desarquivamento de capítulos trágicos ou menos heróicos da própria história, o Estado também pode estar ditando uma perspectiva unilateral do

passado. No caso do confronto com o regime socialista alemão, o Estado do país reunificado tende a priorizar o esclarecimento dos atos totalitários, à medida que isso não represente um risco político muito grande. (Até agora não se decidiu, por exemplo, sob responsabilidade de qual órgão ficará o arquivo do serviço secreto socialista...)

No entanto, ao promover a investigação de seu passado como ditadura socialista, a Alemanha não deixa de "queimar arquivos". Ao priorizar o repúdio aos crimes de um regime totalitário, o Estado tende a varrer muita coisa da história cultural da Alemanha Oriental para debaixo do tapete. Uma prova disso é a iminente demolição do Palácio da República, o edifício no centro da antiga Berlim Oriental que deverá ser substituído pela reconstrução do palácio barroco destruído na Segunda Guerra. Preservação da memória coletiva?

O manifesto dos historiadores franceses e sua repercussão na Alemanha mostram que história não se prescreve, mas sempre estará sujeita a releituras e passível de ser instrumentalizada por quaisquer grupos políticos. O importante é que jamais se reprima o debate.

Deutsche Welle 4 Janeiro de 2006

http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,1846725_page_2,00.html

Novo livro do revisionista português Rainer Daehnhardt

Saudações,

No último Sábado foi o lançamento do último livro do revisionista português de ascendência alemã Rainer Daehnhardt, *Portugal Cristianíssimo*.

Estive presente no evento juntamente com João R., tradutor revisionista cujos textos podem ser vistos nos sites Air Photo Evidence, Radio Islam e AAARGH, e mais de duzentas pessoas.

=====

É livre a reprodução para fins não comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados e esta nota seja incluída.

«Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.»

Artigo XIX, **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, Paris, 1948.**

=====

Todos os textos e matérias contidas no site são de inteira responsabilidade e de propriedade intelectual e autoral dos respectivos autores e fontes e estão publicados somente com caráter informativo sem nenhuma finalidade comercial.

Informações do site AAARGH

<http://aaargh.com.mx/port/port.html>

<http://vho.org/aaargh>

<http://litek.ws/aaargh/port/port.html>

Para inscrever-se, e receber nossa revista : <reviluso --at-- yahoo.com.br>

OUTRAS PUBLICAÇÕES TRIMESTRALES DA AAARGH

<http://www.geocities.com/ilrestodelsiclo>

Das kausale Nexusblatt

The Revisionist Clarion

Il Resto del Siclo

Conseils de Révision

El Paso del Ebro

Arménichantage

La Gazette du Golfe et des banlieues

TEMOS UMA BIBLIOTECA DOS 270 LIBROS

REVISIONISTAS E ANTI-IMPERIALISTAS Gratis